



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica**  
**Doutorado em Psicologia Clínica**  
**Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica**  
**Existencial e Psicossocial - Laclifep**

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira**

**A Experiência de Professores(as) Universitários(as) com Ideações e/ou**  
**Tentativas de Pôr Fim à Vida**

**Recife**

**2023**

Andréa Carla Ferreira de Oliveira

A Experiência de Professores(as) Universitários(as) com Ideações e/ou Tentativas  
de Pôr Fim à Vida

Tese elaborada sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>  
Dr.<sup>a</sup> Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto  
e apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia Clínica da  
Universidade Católica de Pernambuco –  
Unicap como requisito parcial à obtenção  
do título de Doutora em Psicologia Clínica,  
na linha de pesquisa Práticas Psicológicas  
Clínicas e Demandas Sociais  
Contemporâneas.

Recife

2023

O48e Oliveira, Andréa Carla Ferreira de.  
A experiência de professores(as) universitários(as)  
com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida / Andréa  
Carla Ferreira de Oliveira, 2023.  
256 f. : il.

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto.  
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia.  
Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2023.

1. Psicologia fenomenológica. 2. Suicídio.  
3. Professores - Aspectos psicológicos. 4. Professoras -  
Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 165.62

Pollyanna Alves - CRB4/1002



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica**  
**Doutorado em Psicologia Clínica**  
**Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica**  
**Existencial e Psicossocial - Laclifep**

Tese intitulada **A Experiência de Professores(as) Universitários(as) com Ideações e/ou Tentativas de Pôr Fim à Vida**, de autoria da doutoranda Andréa Carla Ferreira de Oliveira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas.

Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (Orientadora)

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (Membro)

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas (Membro)

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elza Maria do Socorro Dutra (Membro)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Documento assinado digitalmente



SIMONE DA NOBREGA TOMAZ MOREIRA  
Data: 27/03/2023 12:18:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone da Nóbrega Tomaz Moreira (Membro)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Recife, março de 2023

A Leandro, meu pai (*in memoriam*), e  
Antônia, minha mãe (*in memoriam*), pela  
presença amorosa no meu caminhar e por  
todo o esforço que fizeram para que eu  
pudesse estudar. O amor que nos uniu vai  
além desta existência!

## **Agradecimentos**

A Deus, ao meu anjo da guarda e à espiritualidade amiga por fortalecer a minha fé.

À professora Carmem Barreto, por ser uma orientadora acolhedora e amorosa. Minha admiração e respeito!

À UFRN, pela licença concedida para cursar o doutorado. Aos(às) colegas de trabalho pela compreensão e apoio, em especial Mirian Dantas, Karina Almeida e Adriana Duarte.

Aos(às) professores(as) avaliadores(as) dessa banca: Elza Dutra, Simone Moreira, Cristina Amazonas e Marcus Caldas, pelas contribuições e o olhar cuidadoso com o trabalho.

Aos(às) professores(as) participantes deste estudo, pela confiança em narrar suas histórias de vida e pela contribuição na temática.

À professora Irene Borges-Duarte, que possibilitou o estágio doutoral na Universidade de Évora (Portugal).

A Aparecida França, pela escuta acolhedora!

Aos meus irmãos: Raniere, Roberval, Leandro e André, pelo apoio na escrita da tese.

Aos queridos(as) sobrinhos(as): Lívia, Larissa, Khalil, Diego e Bruno, por fazerem dos nossos encontros momentos de alegria.

A Francisco Sesion, pela torcida para a realização deste sonho.

Às colegas do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Unicap: Fernanda Cabral, Ana Patrícia, Alessandra Sawada, Deborah Capazzolli, Emily Schuler e Ana Cláudia. Nossos momentos juntos fizeram história.

A Pedro Pereira, amigo e doutorando em Psicologia Clínica da Unicap, pela presença constante e apoio nas horas mais sombrias. Sua leitura atenta iluminou minha escrita.

Às professoras do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Unicap Mariza Amorim e Ana Francisco, que contribuíram para o trabalho.

À Capes, pelo financiamento do Doutorado. Que a Ciência seja para todos!

Quantos somos! Quantos nos enganamos! Que mares soam em nós, na noite de sermos, pelas praias que nos sentimos nos alagamentos da emoção!  
(Pessoa, 2012, p. 114)



## Resumo

O pôr fim à vida, temática repleta de preconceitos e diferentes motivações, tem sido uma possibilidade do *Dasein* desde o mundo antigo até o contemporâneo. Alçada à condição de problema de saúde pública, tem afetado a população em geral, entre essa, os(as) docentes, que vêm sofrendo com mudanças significativas no cenário laboral nos últimos anos, como o aumento da carga de trabalho e a precarização das condições. O ponto de partida assumido neste trabalho foi o de compreender a experiência dos(as) professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas de findar a existência em sua singularidade, afastando qualquer tentativa de explicar o fenômeno. A configuração deste estudo é de uma pesquisa fenomenológica hermenêutica, inspirada nos pressupostos do pensamento de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer. Foram entrevistados remotamente, em virtude da pandemia da covid-19 e da restrição do contato presencial, quatro professores(as) de uma universidade pública federal. O caminho metódico recorreu à análise das entrevistas narrativas dos(as) participantes e do diário de afetações da pesquisadora para compreender o sentido da experiência de cada um. Os(as) professores(as) sinalizaram um cansaço coletivo, no qual as ideações de findar a existência podem sugerir um modo de lidar com o sofrimento diante da dimensão sociopolítica que orienta os projetos de ensino das instituições acadêmicas. Narraram como se sentem diante das imposições institucionais e das precárias condições de trabalho, as quais se apresentaram como fontes de adoecimento e perda de sentido do projeto da docência. Nas dobras do existir, o pôr fim à vida se apresenta como uma possibilidade para os(as) docentes quando não conseguem controlar as situações adversas, como um desassossego do *Dasein* que se encontra no “entre” do mistério vida e morte,

levando-os(as) a decidir a todo instante como existir diante do que acontece nas diversas dimensões da vida.

*Palavras-chave:* ideações de pôr fim à vida, tentativa de pôr fim à vida, professores(as) universitários(as), suicídio; pesquisa fenomenológica.

## Abstract

Ending life, a theme full of prejudices and different motivations, has been a possibility of *Dasein* from the ancient to the contemporary world. Raised to the condition of public health problem, has affected the general population, among these, teachers, who have been suffering from significant changes in the work scenario in recent years, such as increased workload and precarious conditions. The starting point assumed in this work was to understand the experience of university professors with ideations and/or attempts to end existence in its singularity, removing any attempt to explain the phenomenon. The configuration of this study is of hermeneutic phenomenological research, inspired by the assumptions of the thought of Martin Heidegger and Hans-Georg Gadamer. Four professors from a federal public university were interviewed remotely due to the covid-19 pandemic and the restriction of face-to-face contact. The methodical path used the analysis of the narrative interviews of the participants and the researcher's affectations diary to understand the meaning of each one's experience. The professors signaled a collective tiredness, in which the ideation sums of ending existence may suggest a way to deal with suffering in the face of the sociopolitical dimension that guides the teaching projects of academic institutions. They narrated how they feel in the face of institutional impositions and precarious working conditions, which presented themselves as sources of illness and loss of meaning of the teaching project. In the folds of existence, ending of life presents itself as a possibility for teachers, when they cannot control adverse situations, such as a restlessness of the *Dasein* that lies in the "between" of the mystery life and death, leading them to decide at all times how to exist in the face of what happens in the various dimensions of life.

*Keywords:* end-of-life ideation, attempts to end life, university professors, suicide, phenomenological research.

## Resumen

Terminar con la vida, un tema lleno de prejuicios y motivaciones diferentes, ha sido una posibilidad para el *Dasein* desde el mundo antiguo hasta el mundo contemporáneo. Elevado a la condición de problema de salud pública, ha afectado a la población en general, entre estos, los maestros, que han estado sufriendo cambios significativos en el escenario laboral en los últimos años, como el aumento de la carga de trabajo y la precariedad de las condiciones laborales. El punto de partida asumido en este trabajo fue comprender la experiencia de los profesores universitarios con ideaciones y/o intentos de terminar con la existencia en su singularidad, eliminando cualquier intento de explicar el fenómeno. La configuración de este estudio es de una investigación fenomenológica hermenéutica, inspirada en los presupuestos del pensamiento de Martin Heidegger y Hans-Georg Gadamer. Cuatro profesores de una universidad pública federal fueron entrevistados a distancia, debido a la pandemia del covid-19 y la restricción del contacto cara a cara. El camino metódico utilizó el análisis de las entrevistas narrativas de los participantes y el diario de afectaciones del investigador para comprender el significado de la experiencia de cada uno. Los profesores señalaron un cansancio colectivo, en el que las ideaciones de acabar con la existencia final pueden sugerir una forma de lidiar con el sufrimiento frente a la dimensión sociopolítica que guía los proyectos de enseñanza de las instituciones académicas. Narraron cómo se sienten frente a las imposiciones institucionales y las condiciones de trabajo precarias, que se presentaron como fuentes de enfermedad y pérdida de sentido del proyecto de enseñanza. En los pliegues de la existencia, poner fin a la vida se presenta como una posibilidad para los maestros, cuando no pueden controlar situaciones adversas, como una inquietud del *Dasein* que se encuentra en

el "entre" del misterio de la vida y la muerte, llevándolos a decidir en todo momento cómo existir frente a lo que sucede en las diversas dimensiones de la vida.

*Palabras clave:* ideaciones para terminar con la vida, intentos de terminar con la vida, profesores universitarios, suicidio, investigación fenomenológica.

## Sumário

Apresentação.....	16
1 Introdução.....	20
1.1 O Pôr Fim à Vida no Mundo Contemporâneo.....	20
1.2 Objetivos.....	29
2 O Pôr fim à vida no Ocidente.....	31
3 As Universidades Públicas Federais no Cenário Brasileiro: Covid, Ensino <i>Online</i> e o Adoecimento dos(as) Professores(as).....	42
3.1 As Universidades Públicas Federais Brasileiras nas duas Últimas Décadas.....	42
3.2 A Pandemia da Covid-19 e o Ensino <i>Online</i> .....	45
3.3 O Adoecimento dos(as) Professores(as).....	54
4 O <i>Dasein</i> à luz dos Pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana.....	60
5 Ideações e Tentativas de Pôr Fim à Vida em Professores(as): Uma Revisão da Literatura.....	74
6 O Caminho Metódico.....	86
6.1 Pesquisa Fenomenológica Hermenêutica.....	86
6.2 Local da Pesquisa.....	89
6.3 Participantes da Pesquisa.....	90
6.4 Recursos Utilizados para a Produção dos Dados.....	90
6.5 Aspectos Éticos.....	94
6.6 Análises das Narrativas: Ressonâncias da Hermenêutica Filosófica....	95

<b>7 Nas Dobras do Existir... Pôr Fim à Vida: O Tecer de Compreensões Possíveis.....</b>	<b>100</b>
<b>7.1 Em Conversa com Jonas.....</b>	<b>100</b>
<b>7.2 Em Conversa com Lucas.....</b>	<b>132</b>
<b>7.3 Em Conversa com Márcia.....</b>	<b>171</b>
<b>7.4 Em Conversa com Júlia.....</b>	<b>194</b>
<b>8 Considerações Possíveis.....</b>	<b>224</b>
<b>Referências.....</b>	<b>233</b>
<b>Apêndice A - Termo de Consentimento para Entrevista <i>Online</i>.....</b>	<b>252</b>



## **Apresentação**

A fim de fundamentar a proposição desta tese faço um breve relato da minha trajetória profissional. A narrativa tem como ponto de partida as circunstâncias e escolhas que foram decisivas para estar onde estou hoje: Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e servidora pública da mesma universidade, exercendo o cargo de Psicóloga na Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor.

O interesse pela pesquisa científica me acompanha desde o ingresso na graduação, como voluntária de iniciação científica, até posteriormente, na atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) no estudo da temática do Suicídio no Rio Grande do Norte.

No exercício profissional, em universidades públicas federais por mais de dez anos, deparei-me com demandas de alunos(as) e professores(as) com ideações e tentativas malogradas de suicídio. Nos primeiros anos, meu olhar era direcionado para os sintomas e a queixa apresentada. Não demorava muito para encaminhá-los(as) ao psiquiatra, aplicar testes psicológicos, principalmente as Escalas Beck, as quais têm por finalidade mensurar os níveis de depressão, ansiedade e ideação suicida. Parecia que isso me dava uma sensação de controle sobre as demandas apresentadas. Passei a questionar as cartilhas e os manuais da Organização Mundial da Saúde (OMS), os mais lidos naquela época, na tentativa de compreender o sofrimento humano.

Compreendo que o meu modo de pensar e agir apoiava-se na busca de uma explicação para o fenômeno do suicídio. Não era uma demanda fácil de atender, muitas vezes me angustiava ao perceber que não estava controlando o risco dos(as)

pacientes em possíveis tentativas de pôr fim à vida. Com isso, fui percebendo que essa busca dificultava a minha atuação, pois como psicóloga “precisava” oferecer um bom serviço às pessoas que me procuravam.

Aos poucos comecei a me questionar: como posso querer controlar um fenômeno complexo como o suicídio, o qual atravessa a existência humana? Será possível prevenir o ato com os protocolos sugeridos pelos manuais e usando instrumentos de mensuração? O que estou fazendo com os(as) pacientes? Será que estou reforçando os diagnósticos que eles(as) apresentam? Como estou acolhendo a decisão dos(as) pacientes de não mais existir?

Na prática clínica voltada à psicoterapia individual também me dava conta de que muitas das abordagens aplicadas não respondiam satisfatoriamente às demandas apresentadas. Assim surgiam novas inquietações: será que estou tentando prever o ato e controlar a possibilidade de essas pessoas virem a pôr fim à vida?

Essas questões me acompanharam por muitos anos no decorrer do exercício profissional, até que me vi impelida a buscar um outro modo de pensar. Indagava-me: como buscar esse novo pensar? Estava distante da academia naquele período. Mas o gosto pelo estudo e a pesquisa eram companheiros de jornada. Assim sendo, aproximei-me do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN).

De um modo tímido e curioso, na aproximação com a Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger encontrava possibilidades compreensivas para as minhas reflexões. Frases como “É preciso ir além dos diagnósticos”, da professora Elza Dutra, coordenadora do grupo de estudos mencionado, ressoavam significativamente e, aos poucos, meu olhar foi sendo direcionado para acolher o

sofrimento dos(as) pacientes, de modo a ouvir suas experiências de forma diferenciada da anterior. Passei a questionar as cartilhas e os manuais das organizações de saúde e a sensação premente era como se eu tivesse um grito preso na garganta, pois agora não cabia mais o controle do fenômeno. O primeiro grito manifestou-se: como é possível afirmar que de cada dez suicídios nove poderiam ser evitados? Como a ciência pode afirmar que podemos prever e evitar um fenômeno eminentemente humano que aponta para nosso poder-ser como condição humana? A prática profissional e a troca de experiência com outros(as) profissionais mostravam que isso não era possível. Uma pessoa com ideações suicidas em casa ou até mesmo dentro de um hospital não poderia ser monitorada 24 horas sem riscos de novas tentativas.

Passei a fazer novos questionamentos, tais como: Qual a finalidade de começar de imediato uma medicação? Por que acabar de imediato com um sofrimento que diz da condição humana? A angústia tão relatada pelos(as) pacientes deveria ser encoberta por uma medicação? O que essa escolha por não mais poder-ser poderia estar encobrindo?

Nesse contexto, as demandas dos(as) professores(as) ao narrarem ideações ou tentativas de suicídio surgiam de maneira ofuscada pelos diagnósticos de depressão e outras formas de sofrimento. Será que a depressão poderia ser um modo de mostraçãõ da experiência de finitude? Vale ressaltar que esses(as) profissionais tiveram suas carreiras transformadas ao longo das últimas décadas, por eventos como carga excessiva de trabalho, uso das tecnologias digitais, cobranças por produtividade dos centros de fomento à pesquisa, entre outros.

Por último, a decisão de estudar sobre o pôr fim à vida foi motivada pela demanda clínica ao longo da prática profissional, e a escolha pelos(as)

professores(as) universitários(as) deveu-se à lacuna de estudos brasileiros sobre a categoria citada. Dessa forma, busquei na Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana uma compreensão sobre o fenômeno do pôr fim à vida.

## 1 Introdução

### 1.1 O Pôr Fim à Vida no Mundo Contemporâneo

O pôr fim à vida na contemporaneidade se apresenta cada vez mais como um grave problema de saúde pública, sendo a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (World Health Organization [WHO], 2019). Em 2019, cerca de 700 mil pessoas findaram suas existências no mundo, o que resulta em uma morte a cada 40 segundos, sendo que a cada 3 segundos uma pessoa tenta pôr fim à própria vida. As tentativas de dar cabo da própria vida alcançam uma taxa 10 a 20 vezes maior que a registrada (WHO, 2019).

O Relatório da Organização Mundial da Saúde *Suicide worldwide in 2019* (World Health Organization [WHO], 2021) aponta que as mortes provocadas por suicídio no mundo são mais comuns entre os homens (média de 12,6 por 100 mil) do que entre as mulheres (média de 5,4 por cada 100 mil). Nos países de mais alta renda, as taxas de suicídio entre os homens chegam a 16,5 por 100 mil e, para as mulheres, as taxas mais altas ocorrem nos países de baixa e média renda – 7,1 por 100 mil.

O que podemos compreender a partir desses dados? Historicamente os homens foram ensinados a esconder os seus sentimentos, a não buscar os serviços de saúde, a ser autossuficientes e fortes, a não chorar. Muitos ainda acreditam em estereótipos como “homem tem que ser forte”, viril e provedor. A dinâmica do mundo machista remete à afirmação da masculinidade mediante a prática de atos violentos, como dirigir em alta velocidade, brigar no trânsito e com as torcidas de futebol. Será que a violência que é associada à masculinidade favorece os homens a escolher meios letais para findar a existência, como arma de fogo e enforcamento?

Para Barbagli (2019), a diferença entre os gêneros no fenômeno do suicídio diz respeito aos fatores de natureza cultural e aos métodos escolhidos. Para o autor, as mulheres “estão menos acostumadas a empregar a violência e, ao mesmo tempo, cuidam mais para que o seu corpo e os traços fisionômicos não sejam alterados.” (p. 216).

O relatório destaca ainda que o suicídio em países de baixa e média renda resultou em 77% das mortes no mundo, sendo que 58% dos casos ocorreram em pessoas com menos de cinquenta anos de idade.

No Brasil (Ministério da Saúde, 2021), no período de 2010 a 2019, ocorreu um aumento de 43% no número anual de mortes por suicídio, de 9.454 em 2010 para 13.523 em 2019, sendo a maioria homens. As taxas de mortalidade no período revelam o aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil. O Boletim Epidemiológico alerta para maiores riscos de suicídio entre grupos em situação de maior vulnerabilidade, como migrantes e refugiados, população LGBTQIA+ e povos indígenas. O boletim pontua como o suicídio e as autoagressões são eventos estigmatizados e subnotificados. O estigma em relação à temática impede a procura por ajuda profissional.

A OMS (WHO, 2021) convocou governantes mundiais e toda a sociedade para que assumam em todos os países uma agenda prioritária para alcançar como meta global, indicada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS), a redução de um terço da taxa de suicídio no mundo até 2030. Apesar de mundialmente o suicídio estar diminuindo, na região das Américas o inverso acontece. A taxa global entre 2000 e 2019 diminuiu 36%, enquanto no mesmo período a taxa aumentou 17% na região das Américas, que inclui Brasil, Estados Unidos e Argentina, entre outros países.

No tocante à legislação vigente no Brasil, a *Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019*, instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Em seu art. 6º, os casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada são de notificação compulsória, a saber: “I - estabelecimentos de saúde públicos e privados às autoridades sanitárias; II - estabelecimentos de ensino públicos e privados ao conselho tutelar.”. O dispositivo legal ainda apresenta, no § 1º, as situações que se enquadram como violência autoprovocada: “I - o suicídio consumado; II - a tentativa de suicídio; III - o ato de automutilação, com ou sem ideação suicida.”.

Em 2020, foi publicado o *Decreto nº 10.225, de 5 de fevereiro de 2020*, que institui o Comitê Gestor da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, além de regulamentar a lei citada, e estabelece normas para a notificação compulsória de violência autoprovocada. Embora a legislação referenciada seja fato no Brasil, ainda se observa a subnotificação dos casos e a falta de investimentos em políticas públicas.

Refletir sobre a sociedade no mundo contemporâneo é necessário. O que tem motivado tantas pessoas a ter ideações e/ou tentar pôr fim à vida? O suicídio ainda é tema tabu, sendo falado apenas em alguns momentos como na campanha *Setembro Amarelo*, deflagrada nos Estados Unidos em 1994 e no Brasil vinte anos depois.

O mês de setembro é dedicado à prevenção do suicídio, pautado diariamente pelas mídias sociais. A ênfase dada ao setembro amarelo diz respeito ao compartilhamento de informações acerca dos fatores de risco, das formas de proteção e do “perfil potencialmente suicida”, na tentativa de previsão e controle do fenômeno.

Sabe-se que ao longo da história as concepções sobre o suicídio são revestidas por questões religiosas, políticas, sociais e morais de cada sociedade.

Feijoo (2018b) pontua que:

As determinações cristãs aparecem com as noções de pecado, culpa, erro, causa, falta de sentido; com as determinações jurídicas, o suicídio passa a ser crime e, portanto, legislado pelo Estado; com as científicas, a moralização provém dos critérios estipulados pelo modelo que diz respeito à categorização do comportamento suicida e sua conseqüente patologização; no senso comum, a ideia do suicídio vem sempre vinculada à coragem ou covardia, à loucura ou ao sofrimento. (p. 73)

Como cuidamos da nossa existência no mundo? Como é sofrer na sociedade do cansaço? Temos espaços para os insucessos e as perdas? Habitamos um mundo hiperconectado, de tecnologias digitais, relações de consumo extremadas e excesso de positivismo. No mundo da positividade todas as coisas devem ser consumidas, até a própria dor (Han, 2017a).

A todo momento somos convocados(as) a exibir uma alta performance nos diferentes papéis da nossa vida, sugerindo a existência de uma valorização extremada da vida, da saúde e da felicidade. Para Han (2017b), o século XXI é o da sociedade de desempenho, na qual predominam as academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. Para o autor, seus habitantes são “sujeitos de desempenho e produção” (p. 23). Nesse contexto, o pôr fim à vida surge como algo a ser controlado e combatido pela ciência. Para Lessa (2018), “o suicídio é visto como um ato e fato que deve ser controlado, combatido e extirpado a partir de estratégias de tratamento, prevenção e cura” (p. 106).



Diversos estudos sobre o suicídio estão voltados para dados epidemiológicos e formas de prevenção, como é o caso da cartilha *Suicídio: informando para prevenir*, da Associação Brasileira de Psiquiatria e do Conselho Federal de Medicina (ABP/CFM, 2014). Para Feijoo (2018b), a ideia de prevenção em uma perspectiva moderna deve considerar:

Que é possível antecipar uma ação humana por meio das identificações das características da personalidade. Com essa premissa, elaboram-se perfis que podem prever se um dado indivíduo, a partir de suas respostas ao questionário ou à entrevista, possui um potencial suicida ou não. Essa informação antecipa a probabilidade do ato, e com isso passa-se a acreditar que se pode preveni-lo. Para tanto, precisa-se agora tutelar, vigiar e controlar esse indivíduo potencialmente suicida. Sem dúvida, tal medida muitas vezes tutela quem não consumaria o ato, do mesmo modo que libera aquele que o cometeria. (pp. 87-88)

Faz-se necessário pensar o suicídio, como nos propõe Dutra (2018), para além de diagnóstico psiquiátrico, psicológico ou causa, considerando-se a dimensão ontológica da condição humana. A autora aponta o suicídio como um desassossego e como uma condição do habitar, “porque uma alma em desassossego é uma alma sem lugar” (p. 111). Barreto (2018), ao questionar sobre o sofrimento humano na Era da técnica moderna, evidencia:

Angústia e desamparo (dor da separação) como dimensões constitutivas da condição humana. Percebemos, no momento contemporâneo, um verdadeiro embate com relação à manifestação desta dor de existir, muitas vezes identificada como “estados depressivos”, já que vai de encontro aos ideais de produtividade e contra o imperativo da saúde e do bom humor, que

caracterizam nossa sociedade utilitarista e consumista, modo de pensar dominante regido pelo domínio da configuração técnica do mundo que define nossa época. (pp. 22-23)

Dutra (2011), em suas reflexões sobre o suicídio na perspectiva fenomenológica hermenêutica heideggeriana, “desvela a possibilidade de se considerar este fenômeno como expressão da angústia e do desamparo humano diante de um mundo que será sempre inóspito para o Dasein na sua condição existencial de ser-no-mundo” (p. 152).

O suicídio poderia ser pensado como um modo de lidar com o peso de existir? Se os modos de ser são apreendidos à medida que somos constituídos por sentidos, como lidar com o pôr fim à vida na Era da técnica moderna? Feijoo (2018b) ressalta que o caminho para pensar o suicídio por meio da Fenomenologia Hermenêutica deve ser o de se afastar de uma postura de causalidade, de premissas moralizantes, a qual possibilita acompanhar o fenômeno conforme ele apareça, suspendendo as verdades que se cristalizaram ao longo da história.

O fenômeno do suicídio envolve os mais diferentes grupos de trabalhadores(as), entre eles os(as) professores(as), do ensino fundamental ao superior. Esta tese foi elaborada com a finalidade de contribuir com a produção de estudos acadêmicos voltados para a experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e/ ou tentativas de pôr fim à vida, devido à escassez de estudos existentes na temática e à minha experiência como psicóloga de um serviço de saúde para servidores(as) na UFRN, assim busquei compreender a experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e tentativas de pôr fim à vida.

A elaboração desta tese ocorreu em meio à pandemia da covid-19. No ano de 2020 (primeiro ano da pandemia) o meu trabalho foi realizado em casa, devido às

normas de restrição ao contato físico, e fiz os atendimentos psicológicos por videochamadas. Assim, como as de muitos amigos(os) e trabalhadores(as), minha casa foi transformada em um gabinete de trabalho. De um dia para a noite, tive que aprender a dividir os cômodos com o meu companheiro, de modo a garantir o sigilo e o anonimato das pessoas atendidas. Nos dois últimos anos estive de licença do trabalho para dedicação integral ao doutorado.

No ano de 2022 realizei um estágio doutoral em Filosofia na Universidade de Évora (Portugal). Esse período foi marcado pelo luto recente da minha mãe, que havia partido há quatro meses e do meu pai, que havia partido no ano de 2021. Além dos lutos, tive covid-19 pela primeira vez em terras portuguesas. Parte das aulas foram remotas por estar em isolamento dentro de um hotel. Diante de tudo isso muitas vezes fui tomada por diferentes afetos, que variavam da tristeza à alegria, do medo à esperança. E, assim, aos poucos foi acontecendo o doutorado.

A pandemia atravessou três dos quatro anos do doutorado, tornando as aulas, orientações de tese, congressos e demais eventos remotos. A vida passou a acontecer na tela do notebook. Quase tudo era resolvido pelo *Google Meet*. A vida passou a ser literalmente digital.

E com os(as) professores(as) universitários(as) não foi diferente. A vida acadêmica passou das salas de aula presenciais na universidade ao espaço da casa, que precisou rapidamente ser adaptado. As demandas laborais, antes resolvidas no contato com pares e chefias “olho no olho”, passaram a ser discutidas pelas plataformas digitais.

Como foi para os(as) professores(as) trabalhar em *home office*? Recorro a Heidegger (2018a) para pensar que o perigo não é a pandemia em si, mas a irreflexão sobre o momento atual. Como é para os(as) professores(as) lidar com as exigências

da produtividade na Era da técnica? Como o(a) professor(a) compreende sua força de trabalho em *home office*, em que a sua casa, o seu tempo e a sua vida parecem estar a serviço de um horizonte de exploração?

Neste trabalho, optei pelo termo “pôr fim à vida” em detrimento de “suicídio” para me distanciar de concepções prévias acerca do fenômeno, como as de pecado, crime, doença mental e culpa. Segundo Sant’Anna (2018), o uso do termo pôr fim à vida marca esse distanciamento, assim como qualquer tentativa de correlacionar o ato ao sofrimento, como se houvesse uma relação de causa e efeito.

No desenvolvimento desta tese utilizei o termo “crise” para me referir ao período de ideações e/ ou tentativas de pôr fim a vida, por compartilhar da compreensão de Botega (2015) de que:

A crise pode levar ao colapso existencial, acarretando vivências de angústia e desamparo, de incapacidade e esgotamento, de falta de perspectiva de solução. Se ela ultrapassar a capacidade pessoal de reação e adaptação, pode aumentar a vulnerabilidade para o suicídio, que passa a ser visto como solução única para uma situação insuportável. (p. 12)

A palavra crise é utilizada por diferentes áreas de conhecimento, como a Medicina, a Economia, a Sociologia, a Política e a Psicologia. No dicionário etimológico da língua portuguesa, elaborado por Cunha (2007), crise deriva do latim *crisis*, e significa “alteração, desequilíbrio repentino, estado de dúvida e incerteza, tensão, conflito” (p. 228).

Para Barreto (2022), a Fenomenologia Hermenêutica permite compreender a crise “como um momento de radical instabilidade, no qual se experimenta um sentimento de estranheza pelo questionamento/rompimento das certezas e referências, que dão contorno a um determinado modo de existir” (p. 211).

Nessa direção, crise diz de uma experiência, da forma como somos afetados por incertezas, questionamentos e pela falta de sentido nos modos de existir. Segundo Borges-Duarte (2020), a crise é “a experiência de um início: o sentir do sentido que falta, o pré-anúncio de uma possibilidade de vida ou morte, de ser ou não-ser” (p. 100).

De acordo com Botega (2015), a crise suicida pode ser “tão dolorosa quanto útil, variando conforme a gravidade daquilo que a afeta ou a ocasiona. O significado de um acontecimento, de uma situação inesperada, precisa ser encontrado e integrado à história do sujeito, incorporando-se a uma nova perspectiva de vida” (p. 12).

A crise suicida é uma construção de significados ao longo da vida, multifatorial, a que não se pode atribuir uma causa para explicar o ato. Diferentes fatores são envolvidos na crise existencial, entre eles os predisponentes e os precipitantes. De acordo com Botega (2015), os primeiros são tidos como acontecimentos de um passado mais distante, a exemplo da ocorrência de suicídio na família ou de abuso sexual na infância.

Já os fatores precipitantes são os acontecimentos mais recentes, como a perda de emprego ou outro evento que a sociedade busca oferecer para explicar o ato. Para o autor, faz-se necessário considerar “como a ocorrência de um acontecimento doloroso é vivenciado pela pessoa; se ela consegue encontrar soluções para o problema, se elas [*sic*] dispõe de alternativas de enfrentamento válidas e aceitáveis” (p. 89).

Importa também destacar o uso do termo “experiência” como indicativo formal central na elaboração desta tese, em alinhamento com Heidegger (1998):

Experienciar é conseguir chegar estendendo-se para e alcançando. . . . O *experienciar é um modo do estar-presente, quer dizer, do ser. . . . A experiência é o modo de estar-em-presença do que está-presente, que se essencializa no pôr-diante-de-si. . . . o Ser do ente, o parecer do que aparece, a experiência.* (p. 215)

Para Heidegger a experiência se dá no caminho, é a mostraçãõ do fenômeno.

Para Borges-Duarte(2020), experiência

É o próprio estar a ser de cada um no exercício fáctico ou realização da sua vida, na qual se torna consciente de si mesma, em 3 momentos fundamentais: no seu ser (ou estar a ser), puro e simples, no seu dar-se a si mesma (isto é: no seu ver-se sendo) e finalmente, no seu pôr-se a prova. (p. 95)

À medida que nos colocamos a caminho, ou seja, em nossas experiências, as crises ocorrem e são fundamentais. Afetando-nos, possibilitam a compreensão dos sentidos atribuídos aos modos de ser. Nesse sentido, a partir da narrativa da experiência de cada participante procurei compreender suas ideações ou tentativas de pôr fim à vida.

## 1.2 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é compreender a experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida.

Como objetivos específicos pretendemos: a) Problematizar o fenômeno do pôr fim à vida no Ocidente; b) Descrever o modo de ser dos(as) professores(as) na Era da técnica; e c) Compreender como os(as) professores(as) entendem o cuidado e o modo como exercem esse cuidado.

A tese é compreendida pelos seguintes capítulos: O capítulo 2, intitulado O Pôr fim à vida no Ocidente, tem a finalidade de fazer uma retrospectiva sucinta da morte voluntária desde os gregos ao homem contemporâneo e apresentar os objetivos do estudo; o capítulo 3, As Universidades Públicas Federais no Cenário Brasileiro: Covid, Ensino *Online* e o Adoecimento dos(as) Professores(as), tem por objetivo contextualizar o ensino superior nas duas últimas décadas, abordar a pandemia da covid-19, que teve início em março de 2020, o ensino *online* e apresentar estudos sobre o adoecimento de docentes; o capítulo 4, O *Dasein* à luz dos Pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana, apresenta os existenciais da Ontologia de Martin Heidegger com o intuito de apontar possibilidades para compreender o fenômeno do pôr fim à vida; o capítulo 5, Ideações e Tentativas de Pôr Fim à Vida em Professores(as): Uma Revisão da Literatura, tem a finalidade de apresentar os estudos sobre a temática no Brasil; o capítulo 6, O Caminho Metódico, fundamenta a pesquisa fenomenológica hermenêutica, apresenta o local e os participantes de pesquisa, além dos recursos utilizados, os aspectos éticos e como foram realizadas as análises das narrativas; o capítulo 7, Nas Dobras do Existir...Pôr Fim à Vida: O Tecer de Compreensões Possíveis, apresenta as narrativas dos colaboradores de pesquisa - coautores desta tese, assim como as compreensões da relação dialógica participantes/pesquisadora; e o capítulo 8, Considerações Possíveis, tem por finalidade apresentar os sentidos sobre o fenômeno do pôr fim à vida como possibilidades desveladas pelos(as) professores(as) participantes deste estudo.

## 2 O Pôr Fim à Vida no Ocidente

Nesta seção, apresento uma breve retrospectiva da morte voluntária no Ocidente, desde os gregos até o homem contemporâneo. A finalidade não é buscar explicações para o fenômeno, mas ampliar as concepções e possibilitar compreensões sobre o modo de pensar e encaminhar a vida em cada época. Não é meu objetivo apresentar um capítulo da História, nem tampouco da Filosofia sobre o tema de estudo. O intuito é compreender como a morte voluntária foi concebida em cada período da história.

O sentido da vida e da morte são questionamentos entre os filósofos desde a Antiguidade. E o fenômeno da morte voluntária tem assumido, nesse contexto, uma roupagem distinta a cada época da História: a concepção de crime, de pecado, de loucura e transtornos mentais, permeada pela moral vigente.

O percurso nesta seção tem início com os modos de pensar o suicídio na Idade Antiga. Os gregos e os romanos não comungavam de uma posição unânime em relação à morte voluntária. Na Grécia Antiga, por exemplo, em algumas cidades como Atenas, Esparta e Tebas, os cadáveres das pessoas que davam cabo à própria vida sofriam punições, tais como: serem arrastados em praça pública ou ter um membro do corpo cortado. Em Atenas, a mão do suicida era cortada para que ele não pudesse mais cometer crimes (Minois, 2018).

Os gregos antigos admitiam a morte voluntária quando os motivos eram considerados nobres, tais como: por pesar, patriotismo ou para evitar a desonra, não sendo aceita se parecesse um ato de desrespeito aos deuses (Alvarez, 1999).

Na Antiga Roma, a morte voluntária era permitida entre a elite culta que se remetia ao estoicismo, pois era vista como a mais alta forma de expressão da



liberdade e a única que permitia ao homem alcançar e até superar os deuses, destinados a ser imortais (Barbagli, 2019).

Com a queda do Império Romano, as regras passaram a ser rígidas para o pôr fim à vida. Para as pessoas escravizadas e os soldados era terminantemente proibido. Porém, ainda era aceitável em casos extremos como de doença incurável, mulheres vítimas de estupro, decadência da velhice ou desonra (Minois, 2018).

Com a finalidade de evitar danos ao fisco e possível condenação eram confiscados os bens dos que se matavam por ser considerado um crime. Em relação à questão religiosa, observa-se a forte influência da Igreja Católica na condenação ao suicídio em quase todas as suas modalidades, tendo destaque a tese de São Tomás de Aquino, o qual tinha como norteador o quinto mandamento da Bíblia: “Não matarás”. O seu argumento pautava que não é lícito matar sob nenhum pretexto. Para ele, era um atentado contra a natureza, a caridade, a sociedade, e contra Deus - o dono de nossa vida (Barbagli, 2019; Minois, 2018).

Pensar no pôr fim à vida nos remete ao modo de cuidado da existência em cada época. Os gregos eram conhecidos pelo cuidado de si, sendo Sócrates considerado o mestre do cuidado, pois incitava os(as) jovens em Atenas a cuidar de si. Para ele, a juventude deveria primeiro aprender a ocupar-se consigo mesma como condição para governar as cidades - cuidar dos(as) outros(as).

No diálogo com Alcibíades é nítido como Sócrates o incita a cuidar de si, atitude compreendida por ele como uma missão divina. O cuidado defendido por Sócrates é referente ao agir ético e como exercício da liberdade. Sócrates questiona Alcibíades: “Quais são tuas intenções com relação a ti próprio? Pretendes permanecer nesse teu atual estado ou ocupar-te no sentido de agir por ti mesmo?” (Platão, 2011, p. 62).

Durante todo o diálogo com Alcibíades, Sócrates faz uso da Maiêutica para desconstruir o seu modo de pensar e fazê-lo compreender, por intermédio dos próprios questionamentos, a importância de primeiro cuidar de si, pois assim estaria apto a cuidar de um povo.

Para Foucault (2018), no diálogo com Alcibíades, Sócrates define o cuidado de si ao afirmar:

Se é com a alma que é preciso ocupar-se, vedes bem que o cuidado de si não é o cuidado do corpo, nem tampouco o cuidado dos bens, também não é o cuidado amoroso, pelo menos não como concebem os enamorados, os pretendentes de Alcibíades. (p.146)

Platão (2017) ressalta do discurso de Sócrates que o cuidado de si se refere à alma, aos valores espirituais, e cita o seu argumento durante o julgamento:

Se a morte for como uma mudança, daqui para outro lugar, onde ficam, segundo dizem, todos os mortos, que bem maior poderia existir, ó homens juízes? Pois ao chegar ao Hades<sup>1</sup>, livres daqueles que se pretendem juízes, nos encontraríamos diante de juízes verdadeiros, aqueles que, segundo se diz, por lá estabelecem a justiça. (p. 54)

Sócrates, ainda, em diferentes discursos, faz uso de um pensamento crítico e questionador para levar os(as) seus(suas) interlocutores(as) a desconstruir pensamentos postos e direcionar seu pensar de um outro modo, que fosse voltado ao cuidado de si. A acusação de Sócrates pelos crimes de incitar os(as) jovens com as práticas tidas pelos seus acusadores como impróprias e não respeitar os deuses de Atenas, descrita na obra *Apologia de Sócrates*, relata: “Afirmo que Sócrates é danoso, pois corrompe os jovens e não crê nos deuses venerados pela cidade, mas

---

<sup>1</sup> Hades na mitologia grega é o deus do mundo inferior e dos mortos.

em outras novas divindades.” (Platão, 2017, p. 26).

O filósofo fez sua própria defesa e ainda provocou os juízes ao dizer de sua surpresa, uma vez que acreditava que teria um maior número de votos pela sua condenação. Sócrates foi coerente com os ensinamentos disseminados até o fim de sua vida. Optou por não barganhar sua pena de morte, e, de forma serena, fez um discurso de despedida a Atenas. Usando da Maiêutica questionou o modo como foi compreendido pelos atenienses, considerando que as suas provocações sobre a forma de viver e de governar incomodavam a todos. Aceitar a sentença de morte foi uma maneira de reafirmar os seus valores e não se deixar sujeitar pelo modo de governo? Ao decidir declinar de sua defesa e tomar a cicuta, sua morte é comparada, por alguns estudiosos, à decisão de dar cabo à vida. Ele teria outra escolha se o Estado definiu sua pena de morte?

Sócrates, além de ser considerado o mestre do cuidado, era admirado e respeitado pelos filósofos da sua época pela sua maturidade intelectual e modo de pensar. Para Rocha (2001), ele era um filósofo da interioridade, pois, inserido no contexto social e filosófico da Atenas do século V a.C., compreendeu que apenas o caminho da conversão interior levaria a encontrar os valores essenciais tanto para a vida do indivíduo quanto para a vida da pólis, ou seja, a sabedoria.

Os gregos compreendiam o cuidado de si como uma forma de conseguir ascese (desenvolvimento espiritual) mediante práticas de meditação, retiros, escrita de si, desenvolvimento de virtudes como a temperança e controle das paixões que possibilitavam anacorese (retirar-se do mundo) (Foucault, 2018). Ainda na Idade Antiga, no Período Helenista, as escolas de Filosofia como Cinismo, Epicurismo e Estoicismo eram consideradas práticas do bem viver de um modo simples do homem.

Elas reconheciam o valor supremo do indivíduo e da sua liberdade. Dessa forma, a decisão sobre a vida ou a morte era uma capacidade do próprio homem. Como pontua Minois (2018), “A vida só merece ser conservada se for um bem, isto é, se estiver de acordo com a razão e a dignidade humana, e se gerar mais satisfação que sofrimento. Caso contrário, é uma loucura preservá-la.” (p. 53).

Para Alonso (2019), o homem do pensamento cínico era completamente desprendido dos bens materiais, vivia perambulando pelas ruas e se contentava apenas em atender às necessidades básicas. “A filosofia cínica fazia uma oposição radical entre aquilo que é natural (*physis*) e o que é convenção (*nomos*).” (p. 117). Os cínicos desprezavam as convenções sociais, como o casamento, a família e o dinheiro. Diógenes, o representante da escola Cínica, morava em um barril, para demonstrar a simplicidade da vida e o desapego aos bens materiais. Os cínicos eram considerados homens da *parresia*, ou seja, de fala franca, verdadeira. A essência da *parresia* era a liberdade de ser verdadeiro consigo mesmo e com as outras pessoas. Não era exclusividade dos cínicos, perpassou todas as escolas do Helenismo.

Os estoicos e epicuristas foram influenciados pelo cinismo, e tinham como ideal ascético a busca pelo prazer e a felicidade. O prazer era compreendido não como sensorial, mas como uma maneira simples de vida. Uma vez que o homem tinha pouco poder sobre a *pólis*, voltava-se para cuidar do seu interior, aprendendo, por exemplo, como ter controle das paixões. O prazer estava na moderação, e a temperança era a virtude desejada para alcançar a felicidade.

A história romana foi cenário de inúmeros casos de políticos e intelectuais que tiraram a própria vida. Entre os estoicos, destacamos Sêneca (2014), em uma das suas cartas a Lucílio, “Carta LXX”, da morte desejável: “a vida nem sempre deve ser retida, pois o bom não é viver, mas sim viver bem. Por isso, o sábio viverá o quanto

for necessário e não o quanto puder”. Para Sêneca, morrer cedo ou tarde não era o mais importante, mas ter uma vida com qualidade. Enquanto fosse possível uma vida digna, ou seja, em que não houvesse motivos para se matar. Do contrário, a morte poderia ser abreviada voluntariamente. O filósofo pontua:

Encontrarás ainda adeptos da sabedoria que negam que devas tirar a tua própria vida e consideram nefasto o suicídio; deve-se esperar a saída prescrita pela natureza. Quem diz isso não vê que fecha o caminho da liberdade. A lei eterna não fez nada melhor do que quando nos deu uma única entrada para a vida, nos ter dado muitas para a saída. (Sêneca, 2014, p. 66)

Na Idade Média, a morte voluntária apresentou concepções distintas, segundo as classes sociais. O fenômeno tem duas faces: uma primeira condenável, nos casos dos camponeses e artesãos, compreendida como um gesto isolado, resultante de covardia e egoísmo. Outra, honrosa, e até louvável, quando se tratava dos nobres e guerreiros, pois era vista como altruísta e com função social de nobreza (Minois, 2018).

A Igreja tem um papel decisivo, o da proibição do suicídio, baseada no quinto mandamento da bíblia - Não matarás. Santo Agostinho aprofunda o argumento contrário ao suicídio ao afirmar: Deus tem o direito de dispor da vida. A vida é um dom sagrado de Deus! Segundo Barbagli (2019), a tese de Agostinho condenava a morte voluntária, com raras exceções, e os seus argumentos exerceram forte influência na Igreja Católica. Era um pecado grave e ato ilícito por três motivos: opunha-se à caridade, atentava contra a sociedade e ofendia a noção da vida como dádiva de Deus - quem se mata peca contra ele.

Nesse período, a legislação civil confiscava os bens de suicidas. Para a Igreja, o único tipo de suicídio aceito era o honroso, ou seja, o do martírio voluntário. Os

corpos dos suicidas em algumas regiões de países como Alemanha, Inglaterra e Suíça (em Zurique) eram arrastados pela cidade, colocados de cabeça para baixo, não tinham o direito às celebrações religiosas. Eram atribuídas a essas pessoas forças diabólicas para explicar o suicídio (Minois, 2018).

Os corpos das pessoas que morriam voluntariamente eram enterrados fora das cidades, os rituais fúnebres eram-lhes negados, e, em alguns locais, não se fazia o sepultamento do cadáver, como pontua Barbagli (2019): “Na Sardenha, . . . no próprio local da sua morte o cadáver do suicida era pendurado numa forca e deixado à mercê dos ventos e como alimento para as aves de rapina.” (p. 55).

Para Minois (2018), a loucura era a desculpa mais utilizada para justificar esse gesto, durante esse período: “A Idade Média exclui a possibilidade daquilo que se chamará no século XVIII de ‘suicídio filosófico’. É inconcebível então que uma pessoa de mente saudável possa considerar com frieza que a vida não vale a pena ser vivida.” (p. 45). De acordo com o autor citado, na Idade Medieval, pessoas de todas as categorias davam cabo à própria vida, mas muitos documentos eram adulterados para camuflagem do suicídio como acidente ou morte natural, para o que contavam com a cumplicidade da família e das autoridades civis e religiosas. Os relatos nos dizem de uma punição pelo tipo de morte escolhida pela decisão de quem tirou sua vida. A Igreja, o Estado e a sociedade a estigmatizavam com uma visão de pecado, crime ou loucura.

As crenças cristãs contrárias à morte voluntária foram intensas durante toda a Idade Média, disseminando-a como prática danosa, mais do que imoral, de consequências desastrosas para toda a família, parentes, amigos e a comunidade em que viveram. Além disso, a morte voluntária era tida como contagiosa, fonte de desventuras e desgraças (Barbagli, 2019). O pôr fim à vida era associado a um ato

de desespero e ação diabólica; para o cristão, o grande remédio era a confissão, pois teria o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus (Minois, 2018).

Na literatura e na poesia a morte voluntária foi retratada como um lugar temeroso. Dante Alighieri, na *Divina Comédia*, assim descreve o inferno:

Abaixo dos hereges que ardem no fogo do inferno e dos assassinos que cozinham num rio de sangue quente, há uma floresta escura e sem trilhas onde as almas dos suicidas crescem por toda a eternidade em forma de espinheiros tortos e venenosos. (Alvarez, 1999, p. 151).

Essas almas estavam condenadas para sempre, pois eram pecadores(as) e perderam sua forma humana por ação do diabo. Na Idade Moderna, caracterizada pela invenção da imprensa, pelo renascimento, pela eclosão da Revolução Francesa e pelo surgimento do capitalismo, a morte voluntária assume outro foco, afastando-se do viés filosófico-moral-religioso para um foco mais explicativo-racional.

Com a expansão do teatro, as obras que eram restritas apenas às ordens religiosas e aos cavaleiros passam a ser acessíveis ao público, e aos poucos a ideia do pôr fim à vida associada ao Diabo vai se desfazendo, e as obras filosóficas dos estoicos e epicuristas vão se distanciando da interferência cristã. Há um recuo nas condenações do suicídio e nas atribuições feitas ao Diabo (Minois, 2018).

A literatura em muitos países europeus dá sinais de mudança em relação à concepção da morte voluntária. Shakespeare (1603/1976) abordou a temática em 32 peças, nas quais 24 personagens deram cabo da própria vida, mortes não classificadas por ele como pecado ou crime (Barbagli, 2019). Com o renascimento, a morte voluntária parece ser compreendida como um ato complexo, sendo direcionada para “Ser ou não ser?”, questão levantada por Shakespeare em Hamlet, em 1600.

Ser ou não ser - eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz ou pegar em armas contra o mar de angústias – E combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer, dormir; só isso. E com o sono – dizem- extinguir dores do coração e as mil mazelas naturais que a carne é sujeita. . . . Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, a afronta do opressor, o desdém do orgulhoso, as pontadas do amor humilhado, as delongas da lei, a prepotência do mando. . . . Quem aguentaria fardos, gemendo e suando em uma vida servil, senão porque o terror de alguma coisa após a morte – o país não descoberto, de cujo confins jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade, nos faz preferir e suportar os males que já temos, a fugirmos para outros que desconhecemos? E assim a reflexão faz todos nós covardes. (Ato III, Cena 1)

O monólogo está localizado em 1600, na Inglaterra, mas é atemporal e universal, pois revela reflexões sobre o sofrimento humano, sobre a angústia de escolher entre morrer ou viver. Eis a questão levantada por Hamlet, que ao final faz a escolha de não dar cabo da própria vida porque desconhece o destino após a morte. Skakespeare não faz apologia à morte voluntária; não era considerado um moralista, mas um observador da condição humana. A única lição deixada por ele “É a da humildade, desmistificando todos os saberes, denunciando todas as certezas. O que contêm todas as obras da sabedoria humana? ‘Palavras, palavras, palavras’, diz Hamlet.” (Minois, 2018, p. 131).

Outra obra relevante na Idade Moderna, escrita por Goethe - *Os sofrimentos do jovem Werther* - sobre a ideia do pôr fim à vida parece ser relacionada a um sofrimento proveniente do pensamento romântico. Em 1774, a primeira versão das suas narrativas são cartas de Werther para um amigo sobre um sofrimento intenso



por um amor que não é possível, o qual tem como desfecho a morte voluntária do protagonista: “Ó Carlota! Carlota... Tudo acabou!... os meus sentidos perturbam-se, as lágrimas correm. Todos os lugares são iguais para mim, em nenhum estou em sossego. Não apeteço nada, nada desejo. Ah! Seria muito melhor que eu partisse!” (Goethe, 2006, p. 131).

Em Alvarez (1999), os jovens românticos tinham Werther não apenas como um personagem de um romance, mas também um modelo a ser seguido diante de um desespero. “Foram eles que fizeram a moda do suicídio e eram eles que, durante a epidemia de suicídios que varreu a França na década de 1830, ‘praticavam-no como quem pratica um dos mais elegantes esportes’.” (p. 210). Dessa forma, logo depois da divulgação da obra vários jovens deram cabo das suas próprias vidas após a leitura do romance à época, cujo ato foi denominado de “efeito contágio”. Assim, passou a ser um tabu na sociedade até os dias atuais. O fenômeno por muitos anos foi evitado nas pautas jornalísticas por receio de que sua divulgação resultasse na ocorrência de novos casos.

Na Idade Contemporânea, o fenômeno do pôr fim à vida foi investigado por diferentes estudiosos da Sociologia, Medicina, Psicologia e Filosofia. Émile Durkheim foi o primeiro a explicar o ato pelas lentes da Sociologia. Segundo ele, “pode-se chamar de suicídio todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado” (Durkheim, 1897/2002, p. 15).

Para Durkheim (1897/2002), o suicídio era um fato social e apresentava diferentes tipos, os quais foram classificados como: egoísta; altruísta e anômico. No tipo egoísta existia uma apatia e tristeza do indivíduo, e quando o mesmo percebia que não podia aguardar outra coisa, e não mais conseguia atingir este único objetivo

- satisfazer necessidades pessoais -, colocava fim à própria existência, por não ver mais qualquer sentido.

Enquanto isso, no suicídio altruísta o importante eram os valores morais de um grupo. Nesse caso, tirar a própria vida era quase uma obrigação em prol de uma razão maior, de um dever a ser cumprido, forma de sacrifício de si próprio. O suicídio anômico, por sua vez, conhecido como o dos incompreendidos, era comum em épocas da história de normas e valores contrariados (Durkheim, 1897/2002). O autor ilustra com o jovem Werther, que por um amor não correspondido, ou ainda com artistas de sucesso, que por motivos como uma crítica ou perda de popularidade deram cabo das suas vidas.

Já Camus (1942/2019) trata o pôr fim à vida como uma questão individual, pois para ele “só existe um problema filosófico realmente sério - o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (p. 17). Para o autor, estamos imersos em uma rotina e desesperados para dar sentido à vida. O suicídio filosófico é visto como uma atitude existencial.

O mito de Sísifo parece representar a humanidade imersa em um mundo hostil, na figura do homem que empurra a pedra até o alto da montanha de forma incessante. E no alto da montanha, após repetidas vezes, questiona-se sobre o sentido da vida. E se dá conta do absurdo que é a vida. Mas a própria subida já é suficiente para o Sísifo ficar feliz, diz Camus. Questionar essa condição faz parte da vida, não para encontrar uma solução, mas para lidar com isso. O autor finaliza dizendo: “Extraio então do absurdo três consequências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão. Com o puro jogo da consciência, transformo em regra da vida o que era convite à morte - e rejeito o suicídio.” (Camus, 1942/2019, p. 77).

### **3 As Universidades Públicas Federais no Cenário Brasileiro: Covid, Ensino Online e o Adoecimento dos(as) Professores(as)**

Neste capítulo trataremos brevemente de alguns aspectos da dimensão sociopolítica das universidades públicas no Brasil, a pandemia da covid-19, a intensificação do ensino *online* e o adoecimento de docentes.

#### **3.1 As Universidades Públicas Federais Brasileiras nas duas Últimas Décadas**

Vivemos tempos sombrios, não se pode negar o caos que tomou conta do cenário político, econômico e social do Brasil. A ideologia neoliberal com a sua capacidade instrumental utiliza-se da educação como aparelho reprodutor de seu projeto (Maia, 2022).

O projeto neoliberal vinha sendo implantado na sociedade e adentrou nas universidades públicas com força devastadora, regendo o modo de pensar os projetos pedagógicos de ensino, orientado por um modelo de gestão baseado em competências e habilidades, com foco na produtividade acadêmica. Além disso, os crescentes cortes orçamentários destinadas à pesquisa nos últimos anos sufocaram a produção científica no Brasil, fruto de uma política negacionista do ex-presidente da República Jair Bolsonaro, como se pode observar em relação ao manejo da pandemia - negou a ciência e retardou o início da vacinação no país.

Ao projeto neoliberal interessa em primeiro lugar a expansão de seus tentáculos, sem preocupação com a qualidade do que oferece à sociedade. Como pontua Maia (2022), “A Pedagogia neoliberal é puramente quantitativa.” (p. 138), o que podemos identificar na expansão do número de vagas ofertadas e de cursos de

graduação. O ensino superior no país nas duas últimas décadas cresceu de maneira significativa, com a construção de campus/unidades para os municípios do interior do país, principalmente nas regiões Nordeste e Norte, as mais carentes de educação superior. A expansão em número de cursos e de oferta de matrículas promoveu o desenvolvimento econômico e social dos municípios, além de possibilitar o acesso ao ensino superior às populações das áreas mais distantes das capitais.

Por outro lado, infelizmente, a contratação de professores(as) e técnicos(as) administrativos(as) para atender ao crescimento exponencial das Instituições de Ensino Superior (IES) não ocorreu como esperado. Segundo Maia (2022), enquanto no período 1995-2005 o número de matrículas cresceu 136,6% e o de cursos de graduação 182%, o número de técnicos(as) administrativos(as) contratados(as) foi de apenas 14,1% e o de professores(as) de 10%, no mesmo período. Para o autor, nesse contexto ocorreu uma intensificação do trabalho docente e técnico.

O Produtivismo acadêmico é uma realidade instaurada nas universidades públicas desde o governo Fernando Henrique Cardoso, na década de 1990. O sujeito do desempenho habita os espaços das universidades, respaldado pela lógica neoliberal. “Criou-se as condições de um ambiente sufocante em termos de pressão física e mental. . . um ambiente capaz de formar indivíduos gestores de seus desempenhos e responsáveis únicos por suas trajetórias.” (Maia, 2022, pp.121-123).

O debate político sobre a educação no Brasil tem sido perpassado pelas práticas neoliberais, que buscam diminuir cada vez mais os recursos destinados aos investimentos em pesquisa, ensino e extensão, e tornar os(as) trabalhadores(as) sujeitos de alta performance, transformando o ensino em mercadoria e os(as) professores(as) em prestadores(as) de serviço.

As IES estão em penúria com seus recursos reduzidos de maneira significativa nos últimos anos, principalmente na área da pesquisa, exigindo dos(as) professores(as) uma lógica de produtividade exacerbada, sujeitas que se encontram ao capitalismo universitário, como afirma Santos (2020a), na lição 6, “O regresso do Estado e da comunidade”. Para o autor, nos últimos quarenta anos o princípio do mercado teve prioridade sobre a educação em detrimento do Estado e da Comunidade.

As universidades públicas no Brasil têm sido alvo do descaso do poder público, principalmente em relação aos investimentos governamentais recebidos. O cenário político é de desamparo e desgoverno; é possível perceber uma perda de autonomia das universidades. O ex-presidente Jair Bolsonaro nomeou vinte reitores que não foram os mais votados nas eleições internas da comunidade acadêmica, rompendo uma tradição que vigorava desde o final dos anos 1990. A atitude do ex-presidente em desrespeito à lista tríplice gerou disputas judiciais, conflitos e cisão nas universidades (Palhares, 2022).

O governo federal publicou em 30 de setembro de 2022 o *Decreto nº 11.216*, que altera o *Decreto nº 10.961, de 11 de fevereiro de 2022*, referente à execução do orçamento desse ano, determinando novo contingenciamento no orçamento do Ministério da Educação, dessa vez no montante de 5,8%, resultando em uma redução de R\$ 328,5 milhões de reais de serem empenhados para cumprir as despesas das universidades. Esse valor, somado aos que foram alvo de bloqueios ao longo do ano, perfaz um total de R\$ 763 milhões de reais do orçamento que havia sido aprovado para 2022. Para a Diretoria da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes, 2022), o novo contingenciamento coloca em risco todo o sistema das universidades.

O então ministro da economia Paulo Guedes, ao discursar sobre a reforma administrativa, comparou a estabilidade do funcionalismo público a uma forma de parasitismo: "O hospedeiro está morrendo, o cara virou um parasita, o dinheiro não chega no povo e ele quer aumento automático." (Silveira, 2020). Como compreender um discurso que desrespeita e beira o assédio moral aos servidores(as) públicos(as)?

A falta de compromisso do governo com o ensino superior tem causado danos em várias dimensões. Alunos(as) dos programas de mestrado e doutorado têm perdido suas bolsas de estudo, e recém-doutores(as) deixaram o Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho em outros países, distanciando-se dos ataques às universidades, incentivados pelos governantes e por parte da sociedade, em fortalecimento à lógica do mercado neoliberal.

### **3.2 A Pandemia da Covid-19 e o Ensino *Online***

Vale ressaltar que esta tese não teve como proposta trazer uma discussão sobre a pandemia da covid-19. No entanto, ao encaminhar reflexões sobre o mundo contemporâneo, a situação pandêmica apresentou-se como incontornável. Desse modo, optamos por incluir uma discussão sobre o momento atual vivido a partir de autores como Duarte (2020), Santos (2020a) e Han (2020), consultados em sua maioria nos livros lançados sobre a macropolítica, a necropolítica, entre outros temas, no momento em que somos atravessados por um acontecimento que rompeu nosso cotidiano, nosso mundo familiar.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia da covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Organização Pan-Americana da Saúde [Opas] & Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020). Uma

doença infecciosa, que cursa com sintomas como febre, cansaço e tosse, e pode se agravar, evoluindo para o óbito. Naquele momento não tínhamos ideia de que mais de seiscentos mil brasileiros(as) seriam vítimas fatais, inúmeras famílias estariam de luto por seus entes queridos e amigos(as), muitos perderiam o emprego, ficaríamos isolados(as) em nossas casas nos primeiros meses da doença, com medo de sermos contaminados(as) ou morrer.

A campanha de vacinação foi iniciada em 2021, e ainda hoje, mais de dois anos após o anúncio da pandemia, encontramos nas ruas e em ambientes fechados pessoas com máscaras faciais como meio de evitar a contaminação. Na data de 5 de outubro de 2022 temos o registro de 686.464 mil óbitos por covid-19 no Brasil.

No estado do Rio Grande do Norte (RN), o número de pessoas que deram fim à própria vida ao longo de 2020 aumentou em 11,06% quando comparado ao do ano anterior, segundo dados do Instituto Santos Dumont (ISD), coletados do Observatório da Violência do Rio Grande do Norte (Obvio/RN) (Tribuna do Norte, 2021). Embora tenha ocorrido um aumento do número de casos em 2020, compreendemos que não o podemos atribuir ao evento da pandemia, uma vez que o fenômeno do pôr fim à vida é complexo e está atravessado por uma acentuada crise mundial.

O vírus não modificou apenas o distanciamento social e físico entre as pessoas, mas também provocou mudanças na relação com nosso mundo privado. Quantas casas viraram gabinetes de trabalho? Salas de aula para alunos(as) e professores(as) em plataformas digitais? O mundo *online* virou uma realidade nos quatro cantos do planeta.

De um dia para o outro, de forma abrupta, o *home office* passou a ser a realidade de muitos(as) trabalhadores(as); outros(as) tantos(as) foram demitidos(as), e muitos(as) passaram a conviver com uma incerteza sobre o futuro de seus negócios

e/ou de suas carreiras. Além disso, “despertou” o medo da morte como uma condição inerente à existência humana, pois a possibilidade de morrer tornou-se evidenciada frente ao vírus desconhecido e letal.

Diante de tudo isso, o mais temido vírus no século XXI continua a fazer estragos em nossas vidas. Quantas famílias estão enlutadas nesse momento? Quem são essas pessoas? Quais vidas importam ao Estado? Diferentes países, por meio dos movimentos sociais, alertam-nos sobre as mortes violentas de negros(as) e LGBTQIA+ muito antes da pandemia. A decisão do Estado de segregar quem deve viver ou morrer nos coloca de frente com a questão da necropolítica – o poder estatal decidindo sobre quem deve morrer. Nesse sentido, a pandemia desvelou a cultura e os preconceitos existentes na constituição do mundo ocidental: a colonização e a escravidão.

De acordo com o que Duarte (2020) observou, a noção de necropolítica de Mbembe é adequada para pensar o Brasil na contemporaneidade, inclusive durante a pandemia.

Um regime necropolítico predefine quais parcelas da população tornam-se *a priori* privadas das condições necessárias para viver sua vida de maneira digna. Por isto, sob um regime necropolítico tais mortes não merecem sequer luto e consideração: são estatísticas e nada mais, são mortes desprovidas de significação simbólica, não estão destinadas ao pesar. (E daí? disse o presidente). (p. 101)

A gestão das vidas nas mãos do Estado como modo de controle sobre a mortalidade leva à destruição de corpos e de populações. A dita soberania com suas políticas de segurança e de saúde produz condições letais na sociedade contemporânea.



Na pandemia, em nível mundial, foi possível evidenciar que as equipes hospitalares, ao receberem as demandas de diferentes faixas etárias contaminadas pela covid-19, priorizaram que os leitos de UTI fossem destinados aos(às) mais jovens em detrimento dos(as) idosos(as). Essas questões foram largamente divulgadas pela mídia internacional.

“Na Itália morreram diariamente centenas de pessoas. Retiram os respiradores dos pacientes idosos para ajudar os jovens.” (Han, 2020, p. 2). Na Espanha, o jornalista Domínguez (2020) narra a fala de um médico da UTI:

Já estamos fazendo triagem, como na guerra, se não há leito na UTI você não o dá ao doente mais grave, mas àquele que têm [sic] mais chances de sobrevivência. Por exemplo, um maior de 80 anos, com um quadro complexo, diante de alguém mais jovem é deixado de fora. (p. 2)

No Brasil não foi diferente, o etarismo evidenciou-se como modo de mostração do pensamento colonial e escravista. Apenas os(as) jovens têm condição de trabalho e tais condições são definidas por quem está no comando. No início da pandemia, diariamente os meios de comunicação divulgavam informações sobre idosos(as) à espera de uma ambulância para serem transportados(as) para um hospital; a dificuldade de acesso a um leito de UTI; a escassez de testes nas unidades de saúde; e a subnotificação de casos por falta de investimentos nas políticas de saúde. Segundo Duarte (2020):

Trata-se também de fazer morrer quando o [então] presidente veta trechos da lei destinada a proteger populações indígenas e quilombolas e tradicionais no contexto da pandemia, tais como os que previam acesso universal à água potável por parte das comunidades indígenas, distribuição gratuita de materiais de higiene, limpeza e desinfecção de superfícies, oferta de leitos emergenciais

em hospitais e em UTIs, bem como aquisição de aparelhagem para tratamento de enfermos graves; colocação de pontos de internet e distribuição de material informativo nas aldeias. (p. 120)

O Brasil já vivia uma crise sanitária, política e social intensa antes mesmo da pandemia, a qual foi agravada no início de 2020 com o coronavírus. Como compreender o comportamento do então presidente do Brasil de negar a gravidade da doença no país, agir com descaso em relação às recomendações da Organização Mundial da Saúde, e, mesmo após 150 mil mortos, afirmar em seu discurso que “o problema da pandemia foi superdimensionado”? (Soares, 2020, p. 1).

O vírus nos desvela o que nossos olhos não queriam enxergar. Desigualdades sociais, interesses do capital predador, a consolidação do neoliberalismo e as diferentes catástrofes que ocorrem na natureza como as queimadas na Amazônia, o aquecimento global e a extinção da flora e da fauna, antes mesmo da pandemia da covid-19 clamam por nossa atenção para os cuidados com o planeta. Para Santos (2020a):

Sujeitos a tantos seres imprevisíveis e todo-poderosos, o ser humano e toda a vida não humana de que depende não podem deixar de ser iminentemente frágeis. Se todos estes seres invisíveis continuarem activos, a vida humana será em breve (se o não é já) uma espécie em extinção. (p. 11)

O ano de 2020 imprimiu à realidade um tom de presente excessivo, de muitas perdas e futuro incerto. Durante os primeiros meses do ano, os dias pareciam domingos seguidos; as quarentenas foram impostas para muitas pessoas, em especial aos(às) idosos(as); pessoas com comorbidades, alunos(as) e professores(as) foram obrigados(as), em um curto espaço de tempo, a reorganizar suas atividades para modo remoto.

A situação pandêmica da covid-19 tornou a morte como possibilidade radical da condição humana, e apresentou-se como realidade escancarada no mundo inteiro. Estamos de luto pela perda do mundo que nos era familiar. O medo tomou conta de todos nós com as notícias de mortes rápidas de familiares e amigos(as), sem direito aos rituais de despedidas. O isolamento por muitos meses foi a forma de cuidado recomendada pelos órgãos de saúde diante da grave crise sanitária.

Han (2020) assim escreve no El País sobre o coronavírus e o mundo de amanhã:

O vírus não vencerá o capitalismo. A revolução viral não chegará a ocorrer. Nenhum vírus é capaz de fazer a revolução. O vírus nos isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma maneira, cada um se preocupa somente com a própria sobrevivência. A solidariedade que consiste em guardar distâncias mútuas não é uma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa. (p. 13)

Estamos imersos no caos. Nesse sentido, nossa experiência talvez possa ser compreendida quando tudo isso acabar. No entanto, Santos (2020a) nos convoca a pensar em algumas lições sobre o vírus, novos pontos de partida que desconstroem modos de pensar a organização social e apontam para outro modo de pensar a construção social. Para o autor, o neoliberalismo associado com o domínio do capital financeiro está desacreditado e o capitalismo subsistiria como um dos modelos econômicos de produção, mas não o único. Ele aponta que:

Este modelo põe de lado qualquer lógica de serviço público. . . por opção ideológica, seguiu-se a demonização dos serviços públicos (o Estado predador, ineficiente ou corrupto); a degradação das políticas sociais ditadas pelas políticas de austeridade sob o pretexto da crise financeira do Estado; a

privatização dos serviços públicos e o subfinanciamento dos que restaram por não interessarem ao capital. (p. 24)

Em 17 de março de 2020, o então ministro da educação, por intermédio da *Portaria nº 343*, autorizou, em caráter excepcional, a substituição das aulas presenciais por aulas ministradas em meios digitais enquanto permanecesse a situação aguda da pandemia do novo coronavírus – covid-19. Esse ato passou a ser um divisor de águas entre o ensino presencial e o ensino remoto.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 17 de março de 2020, as atividades presenciais foram suspensas por tempo indeterminado. As aulas passaram a ser ministradas remotamente, por força de determinação da *Resolução nº 062, de 5 de novembro de 2020* e da *Resolução nº 105, de 15 de dezembro de 2020*, ambas do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFRN. Apenas excepcionalmente algumas práticas foram realizadas presencialmente, cumprindo os protocolos de biossegurança e as normas vigentes em relação à emergência em saúde pública.

A UFRN realizou um período letivo suplementar excepcional para mais de dezessete mil alunos(as) e mais de mil professores(as) que desejassem fazer a experiência, e permaneceu em três períodos letivos na modalidade ensino remoto, retornando às atividades presenciais em março de 2022.

No primeiro momento, as aulas presenciais da Universidade foram suspensas e, em seguida, retomadas nas plataformas digitais. Os(as) professores(as) em pouco tempo foram convocados(as) para treinamentos para que pudessem dominar as novas tecnologias e reorganizar seus espaços privados, como a casa, para ministrar aulas e lidar com o tempo *online*. A sobrecarga de trabalho e o pouco tempo para se adaptar à nova realidade foram vivenciados por muitos(as) professores(as).

Santana (2020) apresentou narrativas sobre os(as) professores(as) na pandemia, dando destaque à fala da professora Iara Schmidt, do ensino fundamental e médio do Rio Grande do Sul:

“De repente, nossas vidas mudaram da água para o vinho. Senti medo e insegurança diante de um vírus que transformou nosso cotidiano.” A professora Karen Nunes, do ensino fundamental de Campinas (SP), narra após 100 dias de isolamento: “sinto falta da minha rotina, do meu trabalho. Já passei por situações de ficar deprimida, angustiada”. (p. 6)

Disposições afetivas são percebidas nas narrativas das professoras citadas, o que nos faz pensar como o ambiente do isolamento social e a distância das salas de aula modificaram o modo de encaminhar a vida, com repercussões na saúde mental. Como o afeto é experimentado pelos(as) professores(as) que passaram a ministrar aulas remotamente?

Em agosto de 2020 foi divulgada a pesquisa de percepção de discentes e docentes sobre as principais potencialidades e dificuldades encontradas com o ensino remoto. Na percepção de ambos os grupos o tempo foi avaliado como insatisfatório, provavelmente em virtude de o semestre ter sido curto (apenas um mês) para muito conteúdo e atividades solicitadas, além do período para adaptação às novas tecnologias (Silva, 2020).

Para os(as) discentes, a disponibilidade dos(as) professores(as) foi o item que mais se destacou positivamente no novo formato, o que pode indicar um reconhecimento do esforço docente em acolher os(as) alunos(as) em um outro modo de interação. E, para os(as) docentes, o aspecto melhor avaliado foi o acesso dos(as) alunos(as) aos materiais disponibilizados.

De acordo com o podcast *Efeitos da Pandemia: Impactos do ensino remoto na comunidade acadêmica* (Oliveira, 2020), a professora entrevistada, Cynara Ribeiro, docente da UFRN, revela como é desafiador para muitas pessoas a substituição do presencial pelo digital, o qual pode gerar solidão pela falta de interação face a face, insegurança, medo, depressão, ansiedade, pois “não temos controle das nossas vidas, como muitas vezes a mídia nos faz acreditar, pois somos seres de relação, seres no mundo”.

Para a professora entrevistada, é necessário ter cuidado para que o ensino remoto não se torne apenas uma transposição das aulas presenciais, com os responsáveis descuidando-se de realizar os devidos ajustes no novo formato. Como exemplo, o tempo *online* se torna mais cansativo para muitas pessoas, e a professora tem escutado muitas queixas dos seus pares sobre a dificuldade de ministrar aula com as câmeras fechadas.

Vivemos um momento em que os professores, a universidade e a ciência parecem ter sido eleitos como inimigos de uma parcela da população, que vê como uma ameaça ou inimigo a ser combatido. Isso é muito grave, muito sério... o que tá sendo agredido é a nossa capacidade de pensar. (Oliveira, 2020)

A fala transcrita faz pensar nos discursos de ódio expressos por uma parcela da sociedade, defensora do projeto neoliberal e de posicionamentos contrários à democracia. Para Duarte (2020, p. 77), “o neoliberalismo contribui para a produção de efeitos ‘des-democráticos’, que escancaram as portas para o fortalecimento de movimentos neoconservadores, os quais não apenas desprezam os valores democráticos, como defendem ideias e práticas antidemocráticas”.

Diante da ideologia neoliberal abraçada pelas universidades públicas e do ensino remoto, o item seguinte abordará o adoecimento dos(as) professores(as) no ensino superior.

### **3.3 O Adoecimento dos(as) Professores(as)**

Ser professor(a) durante a pandemia da covid-19 e os impactos do exercício desse ofício na saúde mental, foi o trabalho desenvolvido por Coelho et al. (2021) para avaliar características da saúde psíquica de docentes na pandemia. A pesquisa foi aplicada com professores(as) da rede básica de ensino, principalmente da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio. Os autores apontaram dificuldades dos(as) docentes em relação à configuração de ensino remoto-exposição às câmeras e ambientes virtuais; sobrecarga pela intensificação do trabalho, principalmente entre as mulheres; e relatos de sintomas de ansiedade e estresse.

O ofício da docência em professores(as) universitários(as) tem sido pouco estudado no que diz respeito às ideias e tentativas de pôr fim à vida, como se pode observar no capítulo que versa sobre o assunto na revisão da literatura. No entanto, encontramos na literatura estudos sobre síndrome de Burnout, qualidade de vida e esgotamento profissional e transtornos mentais em professores(as) das universidades públicas.

Os estudos voltados para a síndrome de Burnout em professores(as) universitários(as) têm chamado nossa atenção por colocarem em questionamento fatores laborais e psicossociais associados ao adoecimento. Massa et al. (2016), com 76 docentes participantes da pesquisa em atividade em uma instituição pública

federal, verificou que aproximadamente um quarto dos(as) professores(as) apresentaram sintomas compatíveis com a manifestação da síndrome de Burnout. A maioria dos(as) professores(as) com nível moderado - “exaustão emocional” e “desumanização”, seguido de nível alto de Burnout para esses fatores. Os autores relataram que as queixas dos(as) professores(as) incluíam estado de fadiga física e mental, sensação de estarem sendo exigidos(as) ao máximo ou adoção de atitudes distanciadas dos seus trabalhos acadêmicos.

Alves (2017), na sua tese de doutorado sobre qualidade de vida e esgotamento profissional dos(as) professores(as) universitários(as), ao utilizar instrumentos de mensuração com 366 docentes, na maioria do sexo masculino, casados e contratados com dedicação exclusiva, observou que um terço dos(as) professores(as) encontrava-se com esgotamento profissional, sendo as mulheres as que obtiveram maior nível de exaustão no instrumento de coleta de dados pelo autor (Oldenburg Burnout Inventory - Olbi e World Health Organization Quality of Life – Abbreviate- WHOQOL-Bref). Para o autor, os achados do seu estudo – mais de um terço dos(as) professores(as) participantes estarem com Burnout - já eram esperados, pois apenas corroboram estudos em vários países como Portugal, Alemanha, Espanha, México, Colômbia, Estados Unidos e Canadá, que mostram a prevalência da síndrome de Burnout nos(as) professores(as) em torno de 14% a 40%.

Para Maia (2022), o produtivismo acadêmico impõe como ordem do dia a sociabilidade do desempenho, que é

Subjetivada e transforma-se na própria forma de ser de todos e todas que vivem o ambiente acadêmico, e esse modo de relação intersubjetiva leva à exaustão por produtividade, e o pior, por vontade própria. Afinal todos precisam produzir para se inserirem na sociedade e serem reconhecidos. (p. 127)



No clima de caos instalado no Brasil, as universidades públicas seguem preocupadas em manter-se nos rankings de pontuação acadêmica, até mesmo para conseguirem verbas para os projetos de pesquisa e extensão, e se manterem atuantes no cenário nacional e internacional.

O *curriculum lattes* passou a ser a “prova da produtividade” do(a) professor(a) universitário(a). Os(as) professores(as) pesquisadores(as) precisam atender às exigências institucionais dos órgãos de fomento à pesquisa e produzir cada vez mais numa roda viva. O ambiente acadêmico parece seguir a lógica do *cogito, ergo sum* – produzir ou perecer. Os(as) professores(as), pesquisadores(as), orientadores(as) e programas de pós-graduação são convocados(as) periodicamente para “demonstrar” sua produtividade e desempenho.

Nessa direção, são “obrigados”(as) a produzir e publicar uma determinada média anual de “materiais” em periódicos de renome; ter projetos de pesquisa financiados por órgãos de fomento de notório reconhecimento; dar aulas na pós-graduação e na graduação; participar de grupos de pesquisa, entre outras atividades que possam aumentar sua produtividade e garantir o seu status de “professor(a) pesquisador(a)”. A busca desenfreada das IES por produtividade, e, por conseguinte, dos(os) professores(as), como parte do sistema neoliberal, pode estar levando ao adoecimento dos(as) trabalhadores(as).

Para Maia (2022), se a universidade impõe a lógica da produtividade com avaliações constantes, e o ideal de maximizar a performance, a manifestação da depressão “aparece como o reverso desse imperativo, a bússola que denuncia os limites da desumanização neoliberal” (p. 142).

Submetidos(as) a processo contínuo de exploração, e envoltos(as) pelo paradigma da produtividade, os(as) professores(as) das universidades, em sua

maioria, não se dão conta e mergulham no mundo do impessoal, muitas vezes adoecem e precisam se afastar da docência para tratamento da própria saúde.

Lima (2017), ao avaliar os dados de afastamento do trabalho para tratamento da própria saúde dos(as) servidores(as) da UFRN encontrou 992 afastamentos por perícia no ano de 2016, entre os(as) servidores(as) dos cargos de assistente em administração, auxiliares de enfermagem e professores(as) do magistério superior. Os resultados mais significativos para a autora foram quando investigou a relação entre dias de afastamento e os dez primeiros grupos de doenças elencadas pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – décima revisão (CID-10), no ano de 2016. As patologias mais citadas em relação aos afastamentos foram: transtorno misto ansioso e depressivo, sendo os episódios depressivos, e os episódios depressivos graves sem sintomas psicóticos. Esses transtornos foram as principais causas de afastamentos por longos períodos entre os(as) servidores(as) da instituição.

O estudo de Silva (2017), ao analisar os afastamentos por motivos de saúde dos(as) servidores(as) atendidos(as) na unidade do Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Siass/UFRN), identificou que os transtornos mentais - depressivos e misto ansioso-depressivo - foram os mais recorrentes entre os(as) participantes no período de 2011 a 2015. A autora entrevistou dez profissionais da equipe multiprofissional, os(as) quais destacaram que os(as) docentes e os(as) profissionais de saúde foram os(as) que mais foram alvo de intervenção da equipe em virtude da complexidade e particularidades da categoria, tais como: demanda intensa de trabalho intelectual, sobrecarga e estresse.

De acordo com os estudos de Han (2017b), a depressão ou o Burnout são a expressão de uma grave crise de liberdade, um modo patológico de transformar a liberdade em coação. Para o autor, vivemos numa sociedade do cansaço, “nós nos transformamos em zumbis saudáveis e fitness, zumbis do desempenho e do botox. Assim hoje, estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer” (p. 119).

A sociedade do desempenho gera cansaço e esgotamento excessivos. Um cansaço solitário, que age de maneira individual e isola (Han, 2017b). O homem é visto como fundo de reserva, que pode ser explorado até a exaustão. Os humanos são vistos como máquinas, e eles mesmos funcionam na autoexploração até não conseguirem atender às exigências das organizações e do mundo globalizado que clama por produtividade.

Para Neves e Heckert (2016), a maioria das produções acadêmicas sobre os desafios do trabalho na contemporaneidade são permeadas

Ora por um viés individualizante, vitimizante e transcendente, ora por uma concepção do trabalho como criação, atividade inventiva, excedendo o trabalho prescrito. O viés individualizante está calcado em adoecimento, absenteísmo e em um olhar sistêmico transcendente que vitimiza e infantiliza o trabalhador; erigem-se como horizontes possíveis a adaptabilidade flexível ou o “fim do modo de produção capitalista”. (pp. 146-147)

Nesse contexto, os(as) trabalhadores(as) são considerados(as) como únicos(as) responsáveis pelo seu desempenho, e quando não atendem ao paradigma da produtividade, são tratados(as) pelo viés individualizante pelas instituições, que os(as) responsabilizam quando adoecem.

Como compreender o papel das instituições de ensino superior no contexto do sofrimento psíquico dos(as) professores(as)? Embora não seja nossa proposta nesta tese tecer considerações sobre a clínica do trabalho, julgamos necessário compreender que o sofrimento psíquico não é apenas intrapsíquico, ou seja, não é exclusivo da esfera privada. Existe uma dimensão política e social do trabalho que pode acentuar o sofrimento. Vivemos uma época de extremo desamparo das organizações de trabalho, orientadas que se encontram pela lógica perversa do neoliberalismo, aliado ao capitalismo universitário. Nesse contexto, as universidades acolhem, duplicam e repetem os paradigmas da sociedade do desempenho, entre os quais prevalecem a alta performance, a positividade e a busca da saúde a qualquer preço.

## 4 O *Dasein* à luz dos Pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana

Na elaboração desta tese, a perspectiva que norteou as compreensões das narrativas e o caminho metódico seguido teve como “fundamento” o pensamento desenvolvido por Martin Heidegger. Neste tópico serão apresentados, como modo de explicitar a “lente” assumida e que se apresentará ao longo da tese, alguns indicativos formais da Ontologia fundamental do filósofo alemão Martin Heidegger, o qual tem reconhecimento notório pela sua obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927. Heidegger se utiliza de indicativos formais, nos quais o uso formal-indicativo visa induzir o(a) existente a uma apropriação compreensivo-afetiva de si mesmo(a). Desse modo, o autor se afasta de conceitos ou premissas, características próprias das ciências naturais, que objetivam explicar e esclarecer.

Considerando tal contexto, alguns existenciais são relevantes para a compreensão do fenômeno do pôr fim à vida, tais como: *Dasein*; ser-em; ser-para-a-morte; afetividade; e cuidado. Serão abordadas também as teses discutidas por Heidegger no ensaio *A questão da técnica*, no qual traz à tona a história dos envios epocais do ser a partir da essência da técnica e das ciências modernas contemporâneas.

A palavra *Dasein* em alemão é compreendida como ser-aí, ser-no-mundo. Para Heidegger, o ser não é simplesmente um ente ou conjunto de entes. Nessa visada, a distinção ontológica entre ser e ente é fundamental.

Para as ciências naturais os entes têm propriedades, por exemplo: as plantas, os animais e os objetos. Os entes são compreendidos a partir de categorias, enquanto na proposta de *Ser e Tempo*, Heidegger descreve o ser dos entes a partir das

estruturas ontológicas da existência, com realce para a temporalidade e a historicidade, não assumindo orientações categoriais. Partindo de tal diferenciação ontológica, Heidegger assume como proposta desconstruir a Metafísica, cujas premissas orientam para uma concepção que entifica o ser do ser humano. Sua ontologia fundamental se distancia do que foi posto pela Metafísica para pensar um modo outro de compreender o ser. Na Ontologia Heideggeriana, o ser não possui propriedades nem pode ser categorizado como os entes o são pelas ciências naturais. Somos seres de possibilidades, assim, podemos assumir diferentes modos de poder-ser.

O *Dasein* é um existencial, um ser-no-mundo, que não tem propriedades, não é subsistente em si, é lançado no mundo de um modo originário. Não existe uma separação entre mundo e ser-no-mundo, são co-existentes. Mundo compreendido como um horizonte histórico, onde habitamos não como seres naturais, mas como seres históricos que somos!

Nos *Seminários de Zollikon*, iniciados em 1959, na casa do psiquiatra Medard Boss, em Zollikon, na Suíça, Heidegger proferiu seminários para estudantes e colegas de Psiquiatria de Boss. Heidegger (2017), em seu primeiro seminário, realizado na Clínica de Psiquiatria da Universidade de Zurique em 8 de setembro de 1959, pontuou que a constituição fundamental do existir humano deverá ser considerada como *Dasein*.

Heidegger (2021) nos diz que “O *Dasein* precisa ser sempre visto como ser-no-mundo, como a ocupação com as coisas e como o cuidado com os próximos, como o ser-com os seres que vêm ao encontro, nunca como um sujeito subsistente por si.” (p. 643). O *Dasein*, além disso, pode ser visto como clareira do ser, como

mostração, porquanto ao habitar na clareira ele se encontra aberto no sentido de poder-ser-no-mundo, como ser histórico.

A cada instante somos seres de possibilidades, e, ao colocarmos em jogo nossos modos de ser, somos convocados a decidir como encaminhamos a vida. Existir no mundo é uma tarefa singular e intransferível do ser-aí a cada instante.

Segundo Heidegger (2012a), “O *Dasein* é cada vez meu neste ou naquele modo-de-ser.” (p. 141). Para o autor, a existência não é algo fechado, acabado, existimos em diferentes modos de poder-ser. No jogo da existência, o ser-aí se coloca em dois modos de ser - propriedade e improriedade.

Segundo Casanova (2017),

O ser-aí humano precisa se mostrar de início como ser de maneira imprópria.

Sem a mediação da improriedade, ou seja, sem a experiência do horizonte histórico de possibilidades que o mundo é, o ser-aí jamais teria como escapar do nada que é, e se veria radicalmente condenado a si. (p. 43)

Ao existir, somos absorvidos no mundo circundante, no mundo do impessoal, temos como condição o se deixar absorver no mundo para poder-ser. O modo de existir é um estar em jogo constante, a cada momento precisamos decidir poder-ser (modo próprio) e poder-não-ser (modo impróprio).

O *Dasein*, ao ser lançado no mundo como projeto finito, é constituído na abertura de sua constituição originária. Para Vattimo (1996), “O *Dasein* está no mundo, antes de mais e fundamentalmente, como compreensão, além de também como afetividade. O mundo é uma totalidade de relações e referências.” (p. 31). O mundo abre possibilidades numa rede de referências em um horizonte histórico a cada situação que vem ao nosso encontro, compreendida como hermenêutica da vida fática.

O ser-em é um existencial e diz respeito ao estar no mundo, não no sentido “de ser-um-dentro-do-outro”. Heidegger (2012a) pontua o ser-em no infinitivo de “eu sou”, que significa “morar junto a... ser familiarizado com...” (p. 173). Para o autor, mundo não é uma propriedade, não estamos dentro do mundo, o “ser junto” ao mundo deve ser compreendido como absorver-se no mundo.

O *Dasein* está no mundo na forma de projeto, de compreensão afetiva. Como projeto lançado, possui a “totalidade dos significados que constituem o mundo, antes de encontrar as coisas individuais” e poder-ser, entendendo-as como possibilidades abertas (Vattimo, 1996, p. 35).

O ser-em ao habitar o mundo encontra sentido na medida em que o mundo se mostra como horizonte de possibilidades, atravessado por uma tradição, como seres históricos e hermenêuticos.

O existir, no sentido etimológico Ex-Sistir (do Latim ex = fora; sistir = para), é estar para fora, na direção de possibilidades. O existir do homem em seus modos de poder-ser, e não como categorias que determinam o ser das coisas.

O ser-para-a-morte é outro existencial na Ontologia Heideggeriana. Para Heidegger (2012a), o ser-para-a-morte é a condição mais própria do *Dasein*, no qual o ser-aí está em jogo constante nas diversas temporadas da existência. “A morte é a possibilidade da impossibilidade de todo comportar-se para... de todo existir. . . . O ser para a morte como adiantar-se na possibilidade possibilita essa possibilidade e, como tal, põe-na em liberdade.” (p. 721).

O ser-para-a-morte como condição radical do existir humano abre para a possibilidade de ser mortal, de finitude, independente da morte biológica. Pensar na morte do outro também remete à nossa finitude no mundo que habitamos.



Para Vattimo (1996), reconhecer a morte como possibilidade autêntica é a antecipação da morte, “que não significa um ‘pensar na morte’, no sentido de ter presente que deveremos morrer, mas equivale antes à aceitação de todas as outras possibilidades na sua natureza de puras possibilidades” (p. 53). A morte desvela-se no seu caráter insuperável e mais apropriado do *Dasein*.

Cerbone (2014) nos diz que “O ser-para-a-morte impõe um limite para o ‘ainda-não’ do *Dasein*, tornando vívida a ideia de que planos e projetos indefinidamente pospostos correm o risco de jamais serem realizados.” (p. 101).

Considerando-se o fenômeno do pôr fim à vida uma possibilidade compreensiva para as ideações ou tentativas de findar a existência, pode-se desvelá-lo como um não reconhecimento da própria vida como sua, o que poderia levar à decisão de deixar de existir. A todo instante temos que decidir o que fazemos com o que vem ao nosso encontro.

Na abertura própria do *Dasein* já compreendemos e somos modos de ser que se constituem no nosso estar lançado numa certa afinação no mundo. Eu sou a cada momento meus modos de ser. Não existe um modo de ser já pronto, não tem um modelo, aprendemos a ser, sendo.

Nos modos de ser somos afetados por tudo que vem ao nosso encontro. O *Dasein* como “encontrar-se” é um existencial. Em *Ser e Tempo*, no parágrafo 29, Heidegger (2012a) apresenta a expressão “encontrar-se” no mundo cotidiano como “estado-de-ânimo”.

Na vida fática, o *Dasein*, em sua abertura como projeto lançado, está sempre compreendendo, afetado e afinado com o que vem ao seu encontro. A afinação dá o tom dos afetos despertados, já que o *Dasein* está sempre numa atitude de pré-compreensão no mundo.

A expressão “encontrar-se” vem da palavra em alemão *Befindlichkeit*, que também encontramos traduzida na literatura por “situação afetiva” ou ainda “tonalidade afetiva”. Para Vattimo (1996), a tonalidade afetiva é o “modo originário de se encontrar e de se sentir no mundo, é uma espécie de primeira ‘preensão’ global do mundo que, de alguma maneira, funda a própria compreensão” (p. 39).

Borges-Duarte (2021a) traduz o que Heidegger chama *Befindlichkeit* por afetividade.

“Encontramo-nos” (*finden e befinden*) sempre já com o que vem ao nosso encontro no mundo. Somos afectados pelo que é intramundano e, desse modo, somos já de sempre no mundo (do que nos afecta) e em relação ao que desenvolvemos, tácita e inevitavelmente, afeição, a qual se manifesta facticamente nos mais diversos afectos especiais, sentimentos de adesão ou rejeição, de plenitude ou de falta, ou até, simplesmente, meros matizes de humor. Todos esses sentimentos e modulações de humor constituem o que me permite apreender, em uníssono, a realidade mundana e a *em cada caso minha forma* de a encontrar, acolhendo-a ou recusando-a, apercebendo-me de como me encontro nela. (p. 108)

A autora compreende diferentes maneiras de sermos afetados pelo que vem ao nosso encontro, e, como pontua, a afetividade é bem mais que um estado de ânimo. Para Borges-Duarte (2021a), a afetividade expressa três coisas:

- 1) Não tanto o mero ser afetado (passividade instrumental), mas o deixar-se afetar. . . 2) a repercussão ou reverberação disso num estar/sentir-se afetado, que retém e guarda no sentimento o percebido. . . 3) “afeição” (vínculo de quem se deixa afetar com o que veio afetá-lo . . .) “A disposição afetiva ou afetividade

(*Befindlichkeit*) não é um mero estado de ânimo ou sentimento particular...” (p. 111)

Para Heidegger (2015b), uma tonalidade afetiva é um jeito que não paira sobre o Dasein, mas “fornece para este ser o tom, ou seja, que afina e determina o modo e o como de seu ser” (p. 88). A afetividade acompanha o *Dasein* em seu modo de estar no mundo e repercute diretamente sobre o peso do existir.

Angústia e Tédio são as disposições afetivas fundamentais do nosso existir. Apesar de sermos afinados a todo instante por diferentes tonalidades, como raiva, culpa, medo, entre outras, a angústia é considerada como a mais fundamental das disposições afetivas. É ela, a angústia, que confere ao ser-aí “um ânimo que abrange todas as possibilidades de ser do ser-aí em sua raiz: a tensão entre ser-si-próprio e perder-se, desgarrar-se, a possibilidade sempre presente de faltar a si” (Giacoina, 2013, pp. 75-76).

A angústia como disposição afetiva mais originária do ser do homem “desperta” o vazio existencial, “levando a um sentimento de estranheza, de danificação, de sentir-se fora de casa” (Torres, 1999, p. 151). No cotidiano podemos presenciar “manifestações” da angústia mediante sintomas físicos e psicológicos como os cardíacos, gástricos, intestinais, crises de ansiedade, nas fobias e nos diagnósticos de depressão. Nas narrativas dos(as) professores(as) entrevistados(as), os quadros considerados depressivos, com ideações e tentativas de pôr fim à vida, apresentaram-se de modo marcante.

Para Boss (1981), “O *do que* de cada angústia é sempre um ataque lesivo à possibilidade de estar-aí (dasein) humano. No fundo, cada angústia teme a extinção deste, ou seja, a possibilidade de um dia não estar mais aqui. O *pelo que* da angústia

humana é por isto o próprio estar-aí, na medida em que ela sempre se preocupa e zela só pela duração deste. “(p. 26).

Importa ainda ressaltar que o homem contemporâneo, ao buscar atender às demandas incessantes do mundo desencoberto pela técnica moderna, em meio às disposições afetivas depara com a sua nada e o vazio da existência. Existir pode se tornar pesado demais, e na insignificância do mundo o ser-aí decai, na fuga de si. “Na angústia, a existência é lançada para a livre abertura em que se dá o mundo como tal, podendo levar o homem a questionar seu existir imerso no mundo das ocupações com os entes intramundanos.” (Barreto, 2018, p. 23).

Diferente da angústia, o tédio indica nossa relação com o tempo, um modo como vivenciamos e nos colocamos diante da existência. O tédio é abordado por Heidegger (2015b) em três formas: o ser-entediado por alguma coisa; o entediar-se junto a algo; e o tédio profundo.

No primeiro nível, compreendido como superficial, o tédio é despertado como vindo de fora. Utilizamos o passatempo para que o tédio não seja despertado. Por exemplo, utilizar o celular para acessar as redes sociais ou trabalhar ao aguardar no aeroporto o horário de partida do avião, ou, ainda, em casa, para passar horas e horas assistindo a uma sequência de filmes ou séries, é uma mostra de como buscamos ocupar nosso tempo com diversas atividades, evitando que o tédio desperte.

O tempo é vivido de modo lentificado. “O vazio está por toda parte e o tempo não tem mais como seguir o seu ritmo cotidiano, uma vez que não conseguimos mais simplesmente preencher a sequência infinita de agoras. . . .” (Casanova, 2021, p. 40). No passatempo buscamos algo que nos distraia do tempo hesitante e do seu caráter aflitivo. Não é o passatempo, nem o objeto ou a ocupação que nos interessa, mas o “estar-ocupado” para não cair no vazio do tédio.

No segundo nível do tédio – o entediar-se junto a algo e o modo do passatempo a ele subordinado -, Casanova (2021) pontua que o

“Entediar-se junto a” não é uma expressão qualquer. Ao contrário, ela é uma expressão que acentua a relação entre o tédio e o ser-aí. O que está em jogo nessa forma de tédio não é mais o aparecimento de um ente ou de uma situação intramundana, na qual o ser-aí se entedia, mas o tédio mesmo como afinação do ser-aí. (pp. 46-47)

Diferentemente do primeiro nível, em que fazemos do passatempo um meio de impedir o despertar do tédio, no segundo nível o tédio está desperto. “O entediante – não isto e não aquilo, mas um ‘eu não sei o quê’ nos deixa vazio.” (Heidegger, 2015b, p. 155). Por exemplo, se quando estamos em uma festa com amigos e nos divertimos ao dançar e beber, e ao chegarmos em casa dizemos que foi uma boa festa, mas no dia seguinte sentimos um vazio que não sabemos explicar, o tédio já estava despertado. O passatempo e o tédio se entrelaçam de uma maneira peculiar, o tédio se concentra cada vez mais em nós, não se evidencia o que nos entedia.

No tédio profundo, o terceiro nível do tédio, o tempo torna-se alongado, e, de maneira repentina, sem necessariamente um contexto específico, o tédio se abate sobre o *Dasein*. O mundo passa a ser insignificante, os sentidos são esvaziados.

Para Casanova (2021), diferentemente da angústia, em que “tudo se mostra como possível, no tédio profundo tudo se esgota imediatamente. O tédio profundo parece apontar como uma medida histórica do nosso tempo” (p. 67). Para o autor, o tédio como atmosfera de nossa época contemporânea, na qual o ser-aí do homem se tornou desinteressante para si, pode ser considerado como a tonalidade afetiva da nossa época, na qual a técnica provoca uma intensa desarticulação dos humanos com o campo histórico.

Diante de tal contexto, já apontamos para alguns pressupostos que nos atravessaram na construção desta tese e que podem ser apresentados na seguinte questão: Como compreender a afinação dos(as) docentes no contexto sociopolítico das universidades brasileiras federais, perpassado pela ideologia neoliberal, que resulta no produtivismo acadêmico e nas cobranças institucionais? Algumas compreensões afetivas dos(as) docentes que experienciaram a situação atual serão discutidas no capítulo “Nas dobras do existir... Pôr fim à vida: o tecer das compreensões possíveis”.

Após discutir sobre as disposições afetivas fundamentais, importa ressaltar o contexto histórico cultural em que vivemos. Nossa vida é de tal forma circundada pela tecnologia que podemos indicar que vivemos uma Era da informação, da sociedade do desempenho e do cansaço, na qual temos a tarefa singular de decidir a cada momento sobre como lidar com os nossos afetos na era das não-coisas.

Segundo Han (2022a),

Encontramo-nos na transição da era das coisas para a era das não-coisas. Não são as coisas, mas as informações que determinam o mundo em que vivemos. Já não habitamos na terra e no céu, mas no Google Earth e na Cloud. (p. 11)

Para o autor, as não-coisas são as informações. Atualmente produzimos e consumimos mais informações do que coisas. Vivemos na infoesfera, onde temos como obsessão informações e dados.

Para Han (2022b), as informações são aditivas e cumulativas. “A verdade, por sua vez, é narrativa e exclusiva, Há uma superabundância de informação, há lixo de informação.” (p. 95). Para o autor, o mundo não pode ser explicado apenas com informação, as narrativas são necessárias, são elas que geram significados.

Na contemporaneidade somos atravessados pela Era da técnica moderna, que é soberana em nossas vidas. E com o advento da pandemia da covid-19 em 2020, acentuou-se o desafio de lidar com as novas tecnologias, e o mundo *online* passou a ser uma realidade diária. Muitos trabalhadores foram levados ao teletrabalho pela situação de isolamento social. Observamos nesse contexto uma exacerbação da técnica, passamos a habitar em *home office*. Estamos refletindo sobre o novo modo de trabalho?

Para Duarte (2010), vivemos um mundo tecnocientífico, sendo os ideais de felicidade e sucesso construídos e perpassados por todos os âmbitos da nossa vida. “O desocultamento pela técnica moderna desafia os entes a aparecer como fundo de reserva de subsistência, destinando-os à perpetuação dos processos tecnológicos.” (p. 180). A tecnologia assume um posicionamento determinante no nosso cotidiano e no modo como passamos a encaminhar a vida, seja com nós mesmos(as), seja com os(as) outros(as), seja com a própria natureza.

Para Heidegger (2018a), o perigo na Era da técnica é quando tudo se torna fundo de reserva e de exploração, levando à destruição da natureza e da própria vida humana, que passa a ser vista no horizonte de utilização. Para o autor, refletir sobre a técnica moderna e os seus produtos nos leva a pensar no modo como lidamos com as coisas que vêm ao nosso encontro. Ele alertou para os riscos da humanidade diante dos aparatos tecnológicos e pontua que o caminho é o do questionamento do pensamento.

A ameaça que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da com-posição arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao

homem voltar-se para um desencobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural. (p. 30)

Para Heidegger (2012b), a técnica por si só não é o perigo supremo, o perigo é não pensar sobre a essência da técnica, pois não temos controle sobre nosso destino epocal.

Segundo Heidegger (2012b), “Quanto mais nos avizinharmos do perigo, com maior clareza começarão a brilhar os caminhos para o que salva, tanto mais questões haveremos de questionar. Pois questionar é a piedade do pensamento.” (p. 38).

Na Era da técnica, o sofrimento existencial é uma realidade que salta aos nossos olhos em meio ao mundo onde somos lançados. Para Han (2021b), “Seja feliz é a nova fórmula da dominação. A positividade da felicidade reprime a negatividade da dor.” (p. 26).

Na sociedade do desempenho neoliberal, como pontua o autor, não tem espaços para a negatividade ou para punições, o lugar é reservado à positividade, como motivação, auto-otimização e autorrealização.

Barreto (2018) nos incita a pensar sobre a “dor de existir” na Era da técnica, considerando que o homem vive uma situação perigosa pelos avanços da técnica, em processo que pode dominar e ofuscar o que o homem tem de mais próprio – ser um ser que reflete-medita. Para a autora, “Que a técnica nos auxilie, mas não nos retire de nós mesmos. Que possamos dizer ‘sim’ e ‘não’ aos objetos técnicos na busca de uma relação mais tranquila e não aniquiladora com o mundo técnico.” (p. 31).

Os existenciais citados e a Era da Técnica, enquanto nosso destino epocal, fazem-nos indagar: como cuidar do existir no mundo contemporâneo? O



Cuidado como constitutivo do *Dasein*, segundo Heidegger (2012a), apresenta-se de dois modos: ocupação e preocupação.

Para o autor, o homem é “Cuidado” porque ontologicamente ele “cuida” de si mesmo e dos outros entes que vêm ao seu encontro. Para Casanova (2017), “O ser-aí cuida de si, na medida em que é.” (p. 258). O ser-aí ao se relacionar com os entes age no modo ocupação (*Besorgen*). E quando se relaciona com os outros homens ele é preocupação (*Fursorge*).

Para Borges-Duarte (2021b), o ser-o-aí (do ser) é cuidar de:

Em primeiro lugar, de mim, no meu viver de cada dia a minha vida, ocupado em fazer o que tem que fazer, preocupado com o que desejo conseguir ou com o que temo o perturbe. . . . Em segundo lugar *Sorge* é cuidar dos outros, com os que convivo e que, como eu, são ek-sistentes (à maneira do *Dasein*). . . em terceiro lugar é cuidar do ser em geral, do que se dá a minha maneira e do que se dá a maneira do eu não é como o *Dasein*. Cuidar é aqui deixar que a “coisa ela mesma” aceda a mostrar-se, a aparecer no mundo humano. (pp. 61-62)

O Cuidado como existencial do *Dasein* remete a pensar sobre o modo contemporâneo de existir e o sofrimento. No que diz respeito ao nosso objetivo de estudo, favorece a compreensão da experiência dos(as) professores(as) universitários(as) na temática do pôr fim à vida.

O Cuidar como deixar a “coisa ela mesma” mostrar-se parece ter sido tamponado pelo modo de desocultar o sofrimento na Era da técnica pelo viés da medicalização, como tentativa de controlar a dor do existir. O modo de exercer o cuidado na sociedade do desempenho, onde o imperativo de sucesso, alta performance e saúde são as palavras de ordem, pode levar os humanos à in-decisão entre o viver e o morrer.

Cerbone (2014), ao abordar o cuidado como modo de ser do *Dasein*, compreende-o como possibilidade, no sentido de poder-ser enquanto projetos lançados que somos. O autor apresenta o exemplo do(a) professor(a) universitário(a) como “algo no qual estou sempre ‘a caminho’ de ser, à medida que continua a compreensão desse modo de ser” (p. 89). Ao sermos projetados no mundo como seres de possibilidades, somos a cada vez mais sendo, seja como professor(a), estudante, filho(a), pai/mãe, entre outros modos de poder-ser.

## **5 Ideações e Tentativas de Pôr Fim à Vida em Professores(as): Uma Revisão da Literatura**

A prevalência de depressão entre professores(as) universitários(as) é evidenciada no estudo de Silva e Carvalho (2016). Os estudiosos identificaram como principais motivos o excesso de carga de trabalho, a política educacional de desvalorização da docência, a insatisfação com as condições de sala de aula, a falta de equipamentos e recursos pedagógicos, a competitividade, as cobranças de publicações de artigos e de participação em eventos científicos.

Na perspectiva de um mundo permeado pela “dor de existir” e por uma sociedade do desempenho, voltamos nosso olhar para os(as) professores(as), cujos espaços laborais, nas últimas décadas, foram alvo de intensas transformações. Leite (2017) aponta que a precarização do trabalho e as mudanças na relação professor/aluno em sala de aula, têm provocado o adoecimento dos(as) docentes e, muitas vezes, o afastamento do trabalho para tratamento da própria saúde física e mental.

Nesse sentido, foi desenvolvida uma revisão sistemática de estudos brasileiros que versam sobre ideias e tentativas de suicídio em professores(as). Essa modalidade de pesquisa visa integrar os conhecimentos já produzidos e publicados sobre um tema específico, apresentando um panorama na literatura, seus pontos de convergência e divergência quanto às informações apresentadas e aspectos que ainda necessitam de maiores esclarecimentos, contribuindo para a elaboração de investigações futuras (Sampaio & Mancini, 2007).

A coleta de dados ocorreu durante o mês de novembro de 2019 e foi norteada pela seguinte pergunta: O que foi publicado no Brasil sobre ideações e/ou tentativas de suicídio em professores(as)?

Para a busca dos estudos, foram consultados os bancos de dados: Portal de Periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Brasil; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs); *Scientific Electronic Library Online* (Scielo); Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD). Os descritores escolhidos: suicídio; tentativa de suicídio; ideação suicida; e professores(as), estão indexados no Vocabulário de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da BVS Saúde. Em todos os descritores ocorreu a interseção com o algoritmo booleano AND nas equações de busca.

Os critérios para a inclusão no estudo foram artigos, dissertações e teses em português e publicados no Brasil, com o resumo e o texto disponíveis na íntegra. O tempo da publicação não foi delimitado na busca, com o propósito de permitir um acesso mais ampliado à literatura sobre o tema em questão. Foram excluídos do escopo deste trabalho pesquisas publicadas em domínios pagos e em língua estrangeira, como também aquelas que não apresentaram pertinência ao tema de interesse, ou seja, que não abordaram a temática do suicídio na perspectiva dos(as) professores(as).

A busca e análise crítica dos estudos foi definida em duas etapas, sendo a primeira a leitura dos achados pelo título e o resumo, e a segunda etapa a leitura na íntegra dos materiais selecionados. A seleção dos trabalhos foi realizada pela pesquisadora enquanto dois juízes avaliaram os resultados da busca e a qualidade dos achados para inclusão no corpus deste estudo.

Foram identificados 392 trabalhos que foram apreciados mediante seus títulos e resumos. A Tabela 1 apresenta os resultados das buscas realizadas por cruzamento dos descritores nas bases de dados BVS Brasil, Scielo, Portal Capes, Lilacs e BDTD.

**Tabela 1**

*Distribuição das Publicações Encontradas por Intermédio dos Descritores e suas Respectivas Bases de Dados*

<b>Descritores</b>	<b>BVS Brasil</b>	<b>Scielo</b>	<b>P. Capes</b>	<b>Lilacs</b>	<b>BDTD</b>	<b>Total por descriptor</b>
Suicídio AND Professores	0	2	248	3	15	268
Tentativa de suicídio AND Professores	0	0	94	1	1	96
Ideação suicida AND Professores	0	2	23	1	2	28
<b>Total dos achados</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>365</b>	<b>5</b>	<b>18</b>	<b>392</b>

O portal de periódicos da Capes apresentou o maior número de achados (365), dos quais apenas 1 foi selecionado, de acordo com os critérios de inclusão, para a leitura na íntegra. Os demais foram excluídos por não versarem sobre a temática em estudo.

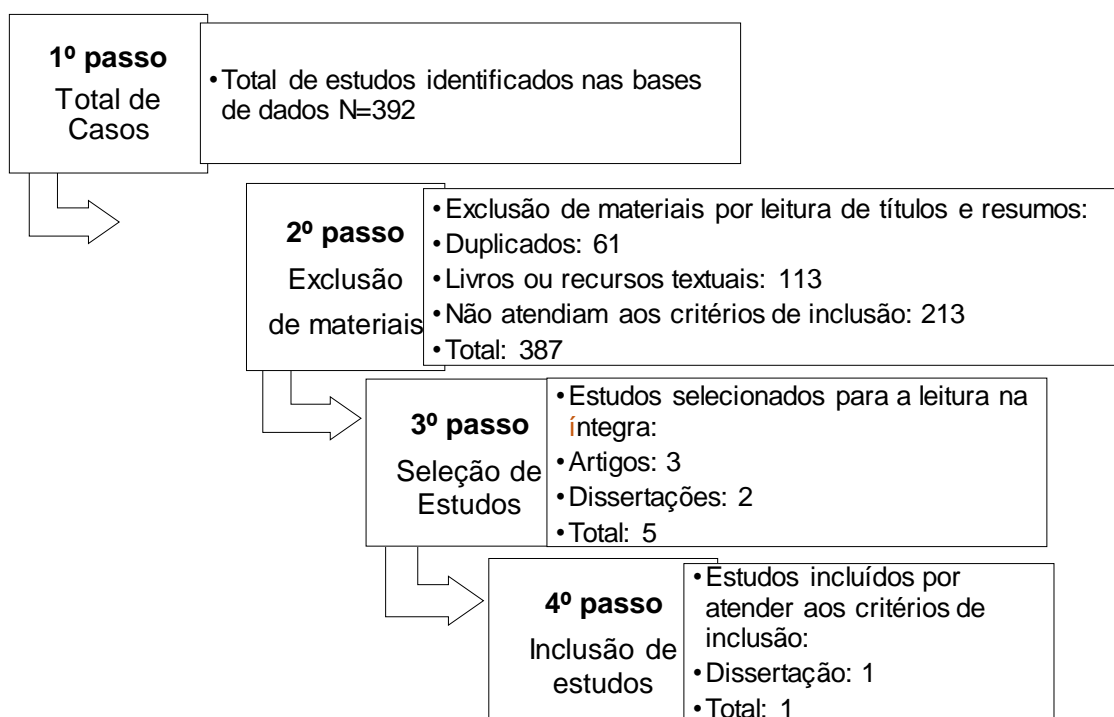
Já na base Lilacs foram encontrados 5 materiais, sendo 3 excluídos pela leitura do resumo e 2 por repetição. Dessa forma, nenhum artigo dessa base foi selecionado para leitura na íntegra. Na Scielo foram encontrados 4 estudos, sendo excluídos pela leitura do resumo 1 artigo e 3 por serem repetidos.

No Banco Digital de Dissertações e Teses foram 18 os achados, sendo excluídas pela leitura do resumo 9 dissertações e 5 teses, e excluídas por serem repetidas 2 teses. Foram selecionadas para leitura na íntegra 2 dissertações. E no BVS Brasil não foi encontrado nenhum resultado, o que ocasionou surpresa para a pesquisadora, já que se trata de banco de dados referência na área da saúde que vem a contemplar estudos sobre o comportamento suicida.

Os procedimentos de elegibilidade e exclusão dos materiais estão detalhados na Figura 1.

### Figura 1

#### *Fluxograma das Etapas de Seleção por Critérios de Inclusão e Exclusão*



A revisão realizada revelou a escassez de trabalhos com a temática do suicídio entre professores(as). Os estudos encontrados relacionavam-se aos(as) adolescentes e estavam voltados para os ambientes escolares e universitários. O(a) professor(a), quando citado(a), mostrou-se como uma figura de apoio à prevenção do suicídio de adolescentes, exceto em alguns artigos, quando o(a) colocavam como participante de pesquisa e focalizam seu adoecimento, sem considerar em sua investigação o comportamento suicida.

Desse modo, os estudos excluídos dessa revisão faziam referência ao comportamento suicida e suas relações com a adolescência, contemplando temas como prevenção do suicídio em escolas, intervenções clínicas e outros que não incluíam em sua abordagem a perspectiva de professores(as). Com relação aos materiais selecionados para leitura completa (n=5), verificou-se que seus títulos e resumos já apontavam para o tema do suicídio e tinham como objeto de investigação a docência e aspectos psicológicos. Nesse sentido, houve a necessidade de se fazer uma apreciação mais crítica dos estudos para verificar se atendiam aos critérios de elegibilidade estabelecidos.

Por meio da análise dos conteúdos investigados nesses materiais verificou-se que apenas a dissertação de Faria (2016) contemplava todos os critérios de inclusão estabelecidos, versando sobre o adoecimento psíquico de professores(as) e investigando aspectos relacionados ao comportamento suicida. No entanto, para esta revisão, dois outros trabalhos encontrados durante o período de busca aos descritores serão abordados, quais sejam: Damásio et al. (2013) e Oliveira et al. (2012), em virtude da importância de seus apontamentos para as questões de saúde de professores(as) como a que é tratada nesta revisão. Vale ressaltar que não abordam em suas discussões situações de ideação ou tentativa de suicídio.

Faria (2016) versa sobre a depressão e fatores associados a essa em professores(as) da rede estadual de ensino (fundamental e médio) de Londrina (PR). Apresenta um rastreamento de depressão utilizando o Inventário Beck – II, no qual 32,5 % dos(as) participantes foram considerados depressivos(as) e, entre esses(as), cerca de 70% eram mulheres. Quanto aos aspectos associados à depressão, a pesquisa elencou: consumo abusivo de álcool, ausência de atividades físicas, relacionamento com alunos(as) e superiores avaliado como ruim ou regular, falta de equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, entre outros.

Alguns dos fatores citados são amplamente discutidos em estudos sobre a depressão na população em geral em que se reconhece a associação entre transtorno mental e o abuso de substâncias como o álcool, que pode contribuir para o desenvolvimento de outras comorbidades (Gavin et al., 2015; King et al., 2006). Quanto à prática de exercícios físicos, também há fortes evidências de que, se realizada regularmente, pode colaborar com a prevenção de agravamentos psíquicos, sendo uma perspectiva aliada ao tratamento da depressão, pois auxilia no bem-estar e na redução ou alívio de sintomas vivenciados pelo indivíduo depressivo (Costa et al., 2007).

Com relação aos fatores de relacionamento entre professor(a), aluno(a) e superiores, e ante a ausência de uma sensação de equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, pode-se refletir sobre as próprias condições de trabalho do(a) docente, já que existem especificidades nesse contexto profissional que sugerem uma intensificação do trabalho e das responsabilidades. Entre essas especificidades estão a necessidade de prover o ensino de maneira interativa e atualizada por intermédio de metodologias ativas, o manejo da ampla rede de relações de diferentes naturezas na qual ele(a) costuma estar inserido(a), além do ajustamento das atuais ferramentas



de trabalho, que modificam o ambiente educacional, tornando-o mais tecnológico, como também solicitam o desenvolvimento de novas habilidades, principalmente técnicas e metodológicas, por parte do(a) docente.

Ainda sobre as condições de trabalho que atravessam o modo de ser professor(a), Leite (2017) esclarece que professores(as) de universidades públicas brasileiras afirmaram ter consciência de que o trabalho é fonte de agravo à sua saúde física e mental, mas se recusam a procurar auxílio, temendo serem estigmatizados por não suportarem as novas formas do trabalho docente.

Oliveira et al. (2012), em seu estudo, avaliaram os impactos das condições de trabalho sobre a saúde e a qualidade de vida percebidos por mulheres docentes do ensino superior na área da saúde da cidade de Vitória (ES). Os dados apresentados foram relacionados à ausência de lazer com consequentes distúrbios do sono favorecendo o surgimento de doenças psíquicas; excesso de trabalho, comprometimento da interação social e familiar sobre a saúde e a qualidade de vida.

O estudioso ressalta que a rotina de trabalho desses(as) profissionais é marcada por excesso de carga horária, pressão para o cumprimento de metas, desempenho de atividades burocráticas, competitividade e intensa relação com o público – pais e responsáveis, diversos(as) profissionais, superiores e alunos(as), que implica, nesse caso, grande responsabilidade no processo de aprendizagem e nos resultados cobrados pelas instituições e famílias.

Em consonância com esses achados, encontra-se o estudo de Damásio et al. (2013) sobre o sentido da vida, bem-estar psicológico e qualidade de vida com professores(as) escolares. Os autores encontraram uma parcela importante dos(as) docentes com índices negativos em todos os construtos avaliados. Segundo eles, os dados vêm sendo replicados há pelo menos duas décadas em diversos estados do

Brasil, o que reforça a necessidade de se pensar em políticas públicas de atenção à saúde desses(as) profissionais.

Batista (2019), ao estudar sobre a síndrome de Burnout em professores(as) do ensino fundamental em João Pessoa, na Paraíba, verificou que 55,5% apresentaram alto índice de exaustão emocional; 23,4% altos índices de despersonalização; e 14,3% baixa realização profissional. A autora observou ainda o comprometimento da saúde, do desempenho e da autoestima dos(as) docentes.

Em relação à evolução da síndrome de Burnout, Balone (2002), como citado em Batista (2019), observou a existência de quatro níveis de manifestação, o último dos quais “caracterizado por drogadição, alcoolismo, *ideias e tentativas de suicídio*, podendo surgir doenças mais graves como câncer e acidentes cardiovasculares. Durante esse nível, ou até antes dele, nos períodos prévios, é ideal afastar-se do trabalho” (p. 65).

Faria (2016) aborda em seu estudo que os principais sintomas de depressão assinalados no BDI-II foram falta de energia, alteração no padrão de sono e cansaço ou fadiga. Segundo o autor, esses sintomas apresentam uma forte relação com as condições adversas de trabalho dos(as) professores(as) citados(as) e revelam a sobrecarga vivida por eles(as).

Ao se referir à depressão e seus sintomas, Faria (2016) ressalta que o comportamento suicida pode estar presente mediante pensamentos ou até mesmo tentativas de suicídio. Nesse sentido, o estudo fez uma breve avaliação desse aspecto, já que a escala Beck apresenta 21 itens, sendo o item nove o grupo de afirmações: “Não tenho quaisquer ideias de me matar”; “Tenho ideias de me matar, mas não as executaria”; “Gostaria de me matar”; e “Eu me mataria se tivesse oportunidade”.

De acordo com a escala utilizada, 28 colaboradores(as) dos(as) 308 entrevistados(as) apresentaram pensamentos ou desejos suicidas, e 26 deles(as) assinalaram a resposta de pontuação 1, que corresponde à frase “tenho pensamento de me matar, mas não levaria isso adiante”. Outros(as) dois(uas) participantes assinalaram respectivamente a resposta de pontuação 2, que indica “gostaria de me matar”, e a de pontuação 3, “eu me mataria se tivesse oportunidade”. Verifica-se que apesar de não apresentar muitos(as) participantes com ideação ou pensamento suicida, a quantidade de depressivos(as) associada ao número de pessoas que indicou ter comportamento suicida – abrangendo desde ideação até planejamento e tentativa - denota uma necessidade de se olhar para esse grupo ocupacional e suas experiências de sofrimento (Faria, 2016).

Destacamos alguns comentários relacionados ao estudo em questão: primeiro, por tratar-se de uma abordagem quantitativa, com escalas em níveis de mensuração, o olhar se volta para a quantidade de pessoas que apresentam um sintoma. Esses estudos são relevantes, pois apresentam uma compreensão ampla e objetiva sobre um fenômeno, podendo justificar e subsidiar intervenções futuras como a implantação de serviços de acolhimento. No entanto, concordamos com Faria (2016) que o instrumento apresenta limitações como o autopreenchimento, o qual pode resultar em respostas amenizadas ou superestimadas por parte dos(as) participantes e gerar falsos positivos para depressão.

Além disso, é imprescindível pensar para além do que está expresso em números e nos possíveis diagnósticos catalogados nos manuais de classificação de transtornos mentais e de comportamentos. O desafio é buscar a compreensão do fenômeno do suicídio para que se possa ir além das estatísticas e acessar a experiência de cada pessoa, possibilitando também uma ampliação do olhar para

questões sociais e culturais que revestem os sofrimentos psíquicos em uma sociedade que adota o desempenho máximo, a competição e a ação como valores de vida (Han, 2017b).

Nesse sentido, estima-se que a abordagem qualitativa possa favorecer a expressão da singularidade dos(as) participantes do estudo e a explicitação de aspectos importantes a serem discutidos, questionados e desenvolvidos, no intuito de cuidar desses(as) profissionais e de suas condições de trabalho e vida.

A temática do suicídio apresenta-se como uma questão de relevância para a sociedade atual, seja pelo número de casos de tentativas e de suicídios consumados, seja pelo próprio estigma que ainda ressoa em suas discussões.

Nessa direção, o presente estudo buscou dar ênfase ao comportamento suicida em professores(as) mediante as investigações já publicadas na literatura, mas deparou com a escassez de trabalhos com essa temática. Os estudos encontrados relacionavam-se aos(às) adolescentes e estavam voltados para os ambientes escolares e universitários.

O único estudo incluído nesta revisão sistemática que aborda professores(as), depressão e comportamento suicida, ainda assim tratou de maneira sucinta o desejo de morte por parte dos(as) professores(as), apresentando apenas algumas estatísticas que apontam para ideação e possibilidade de planejamento por parte de alguns que responderam a um inventário para rastrear depressão e seus sintomas.

Como podemos pensar o adoecimento dos(as) docentes diante das exigências de um mundo hiperconectado pelas tecnologias digitais, que abrangem desde as redes sociais até as plataformas *online* com o ensino a distância? O que essa nova dinâmica de trabalho tem provocado nesses(as) profissionais? E quando os espaços ocupados por eles(as) não oferecem uma estrutura mínima para implantação das

Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ou de outros recursos que possibilitariam uma dinâmica de ensino-aprendizagem mais ativa por parte do(a) aluno(a), como isso impacta seu trabalho e como se sentem diante das atuais demandas e limitações?

Afinal, como as condições de trabalho – o espaço físico, as relações aluno(a)-professor(a)-gestores(as), as responsabilidades dirigidas a esse(a) profissional, as questões salariais, entre outros aspectos - têm afetado sua saúde e qualidade de vida?

Como podemos pensar o lugar ocupado pelo(a) professor(a) no que diz respeito à sua forma de expressão e comunicação para além das exigências curriculares e burocráticas? Há espaço para o(a) professor(a) falar sobre o que sente e procurar ajuda? Como ele(a) percebe as transformações do contexto educacional e como isso tem repercutido em sua saúde? Quais modos de adoecimento podem estar se apresentando com maior frequência para esses(as) profissionais?

Dessa forma, a revisão sistemática da literatura realizada apresentou limitações para as possibilidades compreensivas, e nos remete à necessidade urgente de investigações com os(as) docentes, ao considerar a escassez de estudos brasileiros no que diz respeito às ideias e/ou tentativas de suicídio.

Nesse toar, a revisão sistemática da literatura realizada em 2019 apontou para a necessidade de acolher as experiências dos(as) professores(as) no sentido mais originário do fenômeno, atravessado por um horizonte histórico, permeado pelas políticas educacionais, econômicas e sociais, que prezam pelo alto desempenho, individualismo e exploração de si, podendo dificultar a expressão de sofrimentos emocionais.

Vale ressaltar que em outubro de 2022 atualizei a revisão da literatura realizada em 2019, com a finalidade de identificar novos achados e em virtude da covid-19, embora compreenda que as ideações e tentativas de pôr fim à vida entre os(as) professores(as) já existiam antes mesmo da pandemia.

Na busca pelos novos achados consultamos os mesmos bancos de dados da revisão realizada em novembro de 2019, quais sejam: Portal Periódico da Capes; BVS Brasil; Lilacs; Scielo; e BDTD. Os descritores escolhidos: suicídio; tentativa de suicídio; ideação suicida; e professores(as), estão indexados no Vocabulário de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da BVS Saúde. Em todos os descritores ocorreu a interseção com o algarismo booleano AND nas equações de busca. Vale ressaltar que delimitamos a busca em relação ao tempo, ou seja, o filtro aplicado foi publicações no período de 2020 a 2021.

Na atualização da revisão não foi encontrado nenhum achado referente à experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e tentativas de pôr fim à vida.

## 6 O Caminho Metódico

### 6.1 Pesquisa Fenomenológica Hermenêutica

O caminho percorrido na tese foi trilhado a partir das experiências narradas em resposta à pergunta de pesquisa - Como se dá a ideação e/ou tentativas de pôr fim à vida na experiência de professores(as) universitários(as)? A indagação possibilitou um modo outro de acolher e compreender a mostração do fenômeno.

A pesquisa desenvolvida apresenta pressupostos epistemológicos próprios e tem como foco a experiência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Em relação à pesquisa adotada neste estudo, caracteriza-se como Fenomenológica Hermenêutica, cujos pilares são os pressupostos do pensamento dos filósofos Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer.

Assumo tal perspectiva por concordar com Barreto e Morato (2009) ao questionarem se o modo de pensamento das ciências sociais atende à exigência da singularidade do ser-homem. Para as autoras, “delineia-se a impossibilidade de vislumbrar o ser pela ciência natural, a partir de premissas deduzidas por conclusões causais” (p. 43).

Importa ressaltar que a pesquisa, nesse contexto, adotou o termo método no sentido originário dos gregos, de *metà-hodós*, a junção dos vocábulos *metà*, que significa “além”, “para lá”, e *hodós*, como “caminho”, em outras palavras, como “o caminho que leva a algo, uma área, o caminho pelo qual estudamos um assunto” (Heidegger, 2017, p. 119).

A proposta do *metà-hodós* tem por princípio que o caminho se faz ao caminhar, junto ao fenômeno, como pontua Feijoo (2018a), em cuja concepção Heidegger

pretendia alcançar o modo de viger, ou seja, de desvelamento das coisas. Para a autora, ao se investigar o fenômeno não é possível distinguir o caminho do pensamento (método) da temática a ser estudada e do próprio ato de pensar, pois para Heidegger o caminho da investigação é o questionamento.

Nesse contexto o fenômeno tem sua mostraçã - aparece e ao mesmo tempo se oculta. O método deixa de figurar com suas hipóteses, metas estabelecidas previamente para assumir uma fluidez, pois o caminho está em construção. Para Heidegger (2021), o método é “o caminho-por-meio-do-qual – o caminho, no qual nós perseguimos uma coisa - um ente” (p. 513).

O rigor desta pesquisa pode ser identificado a partir da descrição dos procedimentos adotados e da abertura da pesquisadora para compreender os caminhos possíveis apontados pelo campo de pesquisa. A Fenomenologia, diferentemente das ciências naturais/positivas, com suas “premissas” e o pensamento teórico-explicativo, é compreendida, na perspectiva de Heidegger, como um caminho metódico, não uma técnica, mas como um “olhar fenomenológico” apreendedor que se direciona para o ente de tal forma que o ser desse ente se mostre e possa ser interpretado, isto é, como uma outra possibilidade de interpretação dos fenômenos.

Heidegger (2015a) compreende a Fenomenologia como a ciência do ser do ente. Para o autor, a Fenomenologia como método “não caracteriza a quiddidade real dos objetos de investigação filosófica, o quê dos objetos, mas o seu modo, o *como* [grifo nosso] dos objetos” (p. 66). E acrescenta:

Só é possível conquistar o modo de encontro com o ser e suas estruturas nos fenômenos a partir dos próprios objetos da fenomenologia. Por isso também o



ponto de partida das análises, o acesso aos fenômenos e a passagem pelos encobrimentos vigentes exigem uma segurança metódica particular. (p. 76)

Na Fenomenologia, o acesso à mostraçãõ do fenômeno ocorre mediante a experiência, que é singular e particular a cada *Dasein*. Para Heidegger (2017), “O próprio método de pesquisa ‘conforme o *Dasein*’ não é o fenomenológico, mas sim depende e é regido pela fenomenologia no sentido hermenêutico do Da-sein.” (p. 220).

Nessa perspectiva, homem e mundo não são dissociados, e o sentido dos fenômenos ocorre em um horizonte compreensivo. Barreto et al. (2019, p. 54) pontuam que “a compreensão para Heidegger, antes de qualquer concepção de faculdade intelectual, diz respeito ao modo como o ser-aí, enquanto um ser de possibilidades, pode projetar seu ser para essas possibilidades”. Feijoo acrescenta (2018a, p. 331):

Ao tomarmos a fenomenologia e a hermenêutica como um caminho possível de investigação das temáticas em Psicologia, nós consideramos que a atitude fenomenológica nos permite ir ao fenômeno tal como ele se mostra, e que o elemento hermenêutico em si mesmo é a condição do *Dasein* que já sempre se compreende em seu ser.

Segundo Critelli (2019, p. 25), “todos os métodos operam uma revelação, embora nenhum deles seja capaz de revelação absoluta”. Para a autora, nenhuma universalidade, precisão lógica, neutralidade ou outro elemento metodológico serão suficientes para garantir e afastar equívocos epistêmicos, peculiares e constitutivos da condição humana.

Na pesquisa de inspiração Hermenêutica Filosófica o foco é compreender o sentido da experiência dos colaboradores. Para Dutra (2002), “a experiência sempre

nos remete àquilo que foi aprendido, experimentado, ou seja, aquilo que em algum momento, foi vivido pelo indivíduo” (p. 372).

A pesquisa com foco na experiência também diz de uma situação hermenêutica. Sendo assim, o ponto de partida é o *Dasein* como compreensão, pois existimos numa disposição já pré-compreensiva. Para Heidegger (2012a) a compreensão é um existencial, porquanto “No projetar-se do entender, o ente é aberto em sua possibilidade.” (p. 429). Desse modo, ao compreendermos somos encaminhados para um sentido, o qual é articulado pela interpretação e compreensão dos fenômenos.

Interpretação e compreensão não são entendidas como etapas separadas, mas próprias ao humano. Compreender (*Verstehen*) no idioma alemão significa também “entender algo”. Compreender é uma faculdade fundamental do ser humano, a qual sustenta a convivência com os outros, principalmente via linguagem e diálogo (Gadamer, 2012).

## **6.2 Local da Pesquisa**

O estudo foi realizado com professores(as) do ensino superior da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), constituída como instituição pública de ensino superior com 62 anos de atuação no estado do Rio Grande do Norte. A UFRN possui cinco *campus* de atuação no estado, quais sejam: *Campus* central (Natal); Caicó; Currais Novos; Santa Cruz; e Macaíba. Atualmente a instituição tem mais de quarenta mil alunos e cinco mil servidores(as) entre técnicos(as), docentes efetivos(as), professores(as) substitutos(as) e visitantes.

### 6.3 Participantes da Pesquisa

Participaram como colaboradores(as) do estudo quatro professores(as) da UFRN, sendo dois do gênero masculino e dois do gênero feminino.

Eles(as) foram indicados por profissionais da Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor (DAS), vinculada à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFRN. A DAS atende a servidores(as) ativos(as) e aposentados(as) da UFRN e outros órgãos da Administração Pública Federal ligados ao Subsistema de Atenção à Saúde do Servidor (Siass).

Os(as) professores(as) indicados(as) já tinham sido atendidos(as) em anos anteriores na DAS em diferentes serviços, tais como: plantão psicológico; consultas psiquiátricas; perícia médica; acompanhamento contínuo pela equipe de psicólogos(as) e assistentes sociais; e em grupos de pessoas com depressão. Todos os(as) professores(as) entrevistados(as) em algum momento da vida apresentaram ideias e/ ou tentativas de pôr fim à vida.

### 6.4 Recursos Utilizados para a Produção dos Dados

Com o intuito de atender à descrição rigorosa das pesquisas, as quais devem estar alinhadas com seus pressupostos epistemológicos, seus objetivos e método de pesquisa, os recursos utilizados neste estudo foram: *entrevista narrativa* e *diário de afetações*.

A narrativa enquanto estratégia para atender a uma pesquisa fenomenológica adota como horizonte teórico e filosófico a existência como experiência vivida (Dutra, 2002). Para a autora, a dimensão da experiência vivida pode nos aproximar do outro,

sem que percamos de vista a principal característica que o distingue no mundo – a existência.

A narrativa nos permite a aproximação com a experiência do(a) narrador(a) tal como é vivida, mantendo valores e percepções da experiência narrada. Dessa forma, o(a) colaborador(a) narra a sua experiência, a sua história, e o(a) pesquisador(a) enquanto ouvinte tem como possibilidade acolher a experiência narrada numa escuta atenta e solícita que possibilite, junto ao(à) participante, uma compreensão do sentido revelado e desvelado na narrativa.

A entrevista narrativa tem por objetivo recolher as experiências dos(as) colaboradores(as) da pesquisa. Cabe ao(à) pesquisador(a), nesse processo quase artesanal, dar voz ao(à) participante. Ou seja, imprime-se na narrativa a marca do(a) narrador(a), a exemplo do(a) oleiro(a), que no exercício de sua arte deixa na argila do vaso em construção a marca de sua mão (Benjamin, 1986).

Recorro à obra *O narrador*, de Walter Benjamin (1986), e encontro analogia entre alguns recursos analíticos e a atividade do(a) pesquisador(a). O autor aborda dois tipos de narradores, “o camponês sedentário” e “o marinheiro comerciante”. O primeiro é um observador da vida, e o segundo, um viajante que tem muito a contar, pois não tem ponto fixo como o primeiro. Como pesquisadora, minha intenção é exercitar durante a pesquisa a atitude do camponês que aponta para a tradição e a do marinheiro que, ao escutar a narrativa do outro, é afetado e marcado pela narrativa e caminha junto com ele na busca de desvelar o sentido narrado.

As entrevistas foram realizadas remotamente na plataforma de videoconferência *Google Meet*, em virtude do contexto de pandemia da covid-19 e da restrição de contato presencial. A entrevista *online* sincrônica acontece em uma sala

de bate-papo com o(a) participante da pesquisa e o(a) pesquisador(a) *online*, permitindo trocar perguntas e respostas (Flick, 2013).

Para Schmidt et al. (2020), a entrevista *online* em tempos de pandemia permitiu maior segurança aos(às) participantes de pesquisa e aos(às) pesquisadores(as), bem como maior disponibilidade das pessoas em participar do estudo pela conveniência de estar na própria casa, ou ainda desistir da entrevista caso desejassem.

No momento da entrevista solicitei a autorização para gravação e esclarecidas possíveis dúvidas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A entrevista com os(as) participantes da pesquisa possibilitou o acesso à experiência de cada um(a) a partir de suas narrativas. Na maioria das vezes, o tema da pesquisa já era anunciado no contato prévio com os(as) colaboradores(as) da pesquisa, não sendo necessário a pergunta disparadora. No contato telefônico para fazer o convite ao(à) participante os objetivos do estudo eram apresentados. O convite por si só já era um modo de iniciar a entrevista.

Antes de iniciar as entrevistas solicitei que o TCLE fosse enviado assinado para o meu e-mail e me colocava à disposição para escuta psicológica em qualquer momento da entrevista, ou mesmo após o término, caso o(a) participante a entendesse como necessária. Meu e-mail e telefone pessoal foram disponibilizados.

As entrevistas foram salvas em um arquivo confidencial no meu computador pessoal, por ordem de execução. Foram transcritas na íntegra, de modo a respeitar as entonações, silêncios, pausas e as pontuações feitas pelos(as) narradores(as). A cada entrevistado(a) foi atribuído um nome fictício para identificação, a fim de garantir o anonimato e o sigilo da narrativa de cada participante.

Após as transcrições das entrevistas, elas foram encaminhadas para o e-mail pessoal de cada colaborador(a), para que pudessem ler na íntegra sua narrativa e

verificar se estava conforme o áudio gravado. Um(a) dos(as) participantes solicitou a exclusão de fragmentos de sua narrativa, e foi prontamente atendido(a).

As compreensões obtidas das entrevistas narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa serão compartilhadas com os(as) mesmos(as) após a defesa da tese. A finalidade é ofertar um espaço de encontro, disponibilizando aos(às) envolvidos(as) minha compreensão por meio de um diálogo que possibilite aos(às) colaboradores(as) novas compreensões sobre o fenômeno pesquisado.

Outro recurso utilizado durante todo o percurso foi o diário de afetações, com a finalidade de contemplar as narrativas dos(as) pesquisadores(as) no tocante às suas observações e afetações na experiência vivida.

Para Azevedo (2020), o diário de afetações é a produção escrita do(a) pesquisador(a) após cada encontro com os(as) colaboradores(as) da pesquisa. A autora registrava as suas afetações após cada entrevista e posteriormente, na interpretação das narrativas.

De acordo com Silva (2022), o diário de afetações pode ser um caderno ou qualquer outro meio de registrar “as falas dos entrevistados, as percepções e inquietações da pesquisadora sobre as entrevistas, bem como os sentidos que puderam ser construídos no encontro com o entrevistado e ao longo da pesquisa.” (p. 114)

Para Holly e Altrichter (2015), os diários são necessários para qualquer tipo de pesquisa, quando uma pessoa ou grupo busca compreender a experiência e o olhar de quem observa é uma variável da investigação.

Nesse sentido, compreendemos a relevância do diário de afetações como uma possibilidade de a pesquisadora refletir a partir de suas narrativas sobre a experiência, registrar as marcas e afetações dos encontros com os(as)

colaboradores(as) da pesquisa, e ainda narrar sobre suas tonalidades afetivas ao longo da escrita da tese.

## 6.5 Aspectos Éticos

A tese foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e está vinculada ao projeto de pesquisa *Prática Psicológica e a Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger* sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 032416181.1.00000.5206, sob a coordenação da professora doutora Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto. Com a finalidade de atender aos critérios éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê Científico de Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Em um estudo fenomenológico, a amostra inclui colaboradores(as) que relatam o modo como experienciaram o fenômeno estudado, assim se fez importante obter a permissão escrita dos(as) participantes (Creswell, 2014). Para isso, foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), o qual permite aos(às) participantes o direito de desistir a qualquer momento do estudo, ter a garantia do sigilo dos dados e atenção especializada aos possíveis riscos que a pesquisa possa gerar, bem como usufruir dos benefícios esperados do estudo.

O TCLE foi apresentado aos(às) participantes do estudo antes do início das entrevistas com a finalidade de tornar claros os objetivos, procedimentos, direitos e possíveis riscos. Após a leitura e o esclarecimento de eventuais dúvidas, foi-lhes solicitada a assinatura em duas vias, sendo uma para posse da pesquisadora e outra do(a) participante.

## 6.6 Análises das Narrativas: Ressonâncias da Hermenêutica Filosófica

As análises das entrevistas narrativas foram realizadas à luz da Hermenêutica Filosófica de Hans–Georg Gadamer, tendo como pressuposto que a compreensão não é uma tarefa controlada por procedimentos ou por regras, mas uma condição do ser humano. Assim sendo, a compreensão é a interpretação (Schwandt, 2006). À medida que compreendemos também interpretamos, dimensões que fazem parte da experiência humana.

Gadamer tem como ponto de partida a noção de compreensão da Hermenêutica da Facticidade, de Martin Heidegger, na qual a compreensão é o modo de ser no mundo. Na obra *Ser e Tempo*, Heidegger, ao abordar as dimensões do compreender e interpretar, afirma que o “interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender” (Heidegger, 2015a, p. 209).

A compreensão, portanto, é constitutiva da dimensão ontológica e existencial. É no mundo de significados que o homem se constitui com os outros entes intramundanos, apresentando diferentes modos de poder-ser. Diante dessa questão, a compreensão para Heidegger, antes de qualquer concepção cognitiva, aponta para um ser de possibilidades, em que o ser-aí jamais deixa de se projetar para as mesmas (Barreto et al., 2019).

A condição de compreender diz da constituição do ser humano, sendo tematizada pela linguagem com ênfase no diálogo (Gadamer, 2000). Para o autor, é na dimensão dialógica que a linguagem coloca em jogo nossos preconceitos em um contínuo de perguntas e respostas e de possibilidades compreensivas. O homem



nessa perspectiva é o próprio jogo, pois ao jogar estará a caminho sem saber o que vem ao seu encontro.

O verdadeiro sujeito do jogo não é o(a) jogador(a), mas o próprio jogo. É o jogo que mantém o(a) jogador(a) a caminho, que o(a) enreda no jogo, e que o(a) mantém em jogo (Gadamer, 1999). O jogo é o próprio movimento. Jogar é estar a caminho, sem saber o desfecho.

Nas pesquisas em Psicologia, a Hermenêutica Filosófica não é uma metodologia nem um procedimento a ser aplicado. O caminho se faz como jogo e o(a) pesquisador(a) como jogador(a).

Para Gadamer (1999), não há compreensão que seja livre de todo preconceito. Para o autor, não temos como escapar dos nossos preconceitos. Para que possamos garantir a verdade não é suficiente o uso de métodos: “O que a ferramenta do ‘método’ não alcança tem de ser conseguido e pode realmente sê-lo através de uma disciplina do perguntar e do investigar, que garante a verdade.” (p. 709).

Para Barreto et al. (2019, p. 59), a compreensão é caracterizada como o modo pelo qual “experienciamos a vida atravessada por preconceitos herdados sócio-historicamente, considerados como tradição – força viva que atravessa toda compreensão e que não pode ser considerada como um conhecer de algo, mas como linguagem, isto é, fala por si mesma”. Assim, é possível compreender os sentidos desvelados na unidade e no todo, de modo a ver o fenômeno na totalidade da existência, que é histórica, pois emergimos no mundo em uma trama de significados que, articulados, dão os sentidos à nossa existência.

Ao(à) pesquisador(a) cabe o desafio de compreender as narrativas dos(as) colaboradores(as) de pesquisa, numa relação dialógica e de fusão de horizontes. Para Gadamer (2012, pp. 294-295), “os horizontes separados como pontos de vista

diferentes fundem-se num único horizonte. Por isso, a compreensão de um texto tende a integrar o leitor no que diz o texto. É justamente aí que o texto desaparece”.

De acordo com Barreto et al. (2019, p. 62):

A fusão de horizontes evidencia o movimento circular da compreensão, no qual um horizonte pode ser colocado em contato com outro horizonte em um processo de fusão, no qual o círculo não se dissolve quando a compreensão acontece, mas alcança sua realização mais autêntica ao revelar-se num jogo compreensivo que acontece no intercâmbio entre os horizontes. Em tal intercâmbio, o presente e o passado possuem horizontes que podem dialogar, caráter próprio da tradição em si, feito do passado, presente e futuro.

Na fusão de horizontes, a perspectiva temporal não é neutra no processo de compreensão, mas perpassa os horizontes que se fundem, dando contornos e possibilitando compreensões distintas. A escrita remete aos sentidos desvelados como possibilidades compreensivas dos diálogos atentos ao acontecer da compreensão e com abertura para o novo, ou seja, sensíveis à perspectiva do outro e aos significados prévios que estão em jogo no intercâmbio dos horizontes (Szymanski & Fachim, 2019).

Na pesquisa fenomenológica hermenêutica, o desafio da pesquisadora foi de tecer os sentidos desvelados das narrativas dos(as) colaboradores(as), as afetações registradas no diário de campo e os pressupostos filosóficos que fundamentaram o estudo. A exemplo do(a) tecelão(ã) em seu ofício, que tem como missão entrelaçar as tramas no seu tear.

A compreensão em pesquisa ocorre à medida que colocamos em questão nossas concepções prévias e as afetações para favorecer a mostraçãõ do fenômeno,

de modo que o jogo possa acontecer na dinâmica própria do existir, que é acontecência.

Nesse contexto, utilizamos a situação hermenêutica para compreender os sentidos atribuídos pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa às suas experiências sobre a temática do pôr fim à vida. Para Heidegger (2012a), sentido é aquilo-em-relação-a-quê do projeto, estruturado pelo ter-prévio, pelo ver-prévio e pelo conceito prévio, a partir de que algo pode ser entendido como algo.

No caminho metódico da tese a situação hermenêutica tem papel central, de forma a buscar em Heidegger (2002), em suas notas sobre as *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles (indicación de la situación hermenêutica)*, os componentes da situação hermenêutica: ponto de vista (*Blickstand*), da perspectiva (*Blickrichtung*) e horizonte (*Sichtweite*).

Para o autor, o ponto de vista deve ser mais ou menos expressamente apropriado e fixado. Para Andrade e Barreto (2020), os pré-conceitos sedimentados surgem na posição inicial dessa visada. Dessa maneira, o modo como interpretamos revela como somos e nos colocamos diante do que vem ao nosso encontro.

O segundo componente diz da perspectiva, ou seja, da direção do olhar. Para Peraita (2002), determina-se o “como-que” o objeto da interpretação será pré-compreendido e o “até-que” ele deve ser interpretado. Para Andrade e Barreto (2020), cada interpretação tem características singulares, na medida em que ao se apropriar de uma compreensão a interpretação se move, compreendendo, na direção de uma totalidade já compreendida.

E o terceiro componente – o horizonte - aponta para a dimensão de sentido, a partir do qual algo é compreendido como tal. Para Heidegger (2002), o horizonte é delimitado pelo ponto de partida e pela direção do olhar (perspectiva), que em seu

interior se move com a pretensão de corresponder à objetividade de toda interpretação.

No horizonte que se move, a interpretação e a compreensão projetam sentidos, difundem a esteira existencial de possibilidades em relação ao horizonte epocal (Andrade & Barreto, 2020).

As análises das narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa foram tecidas a partir da compreensão do meu ponto de partida, enquanto pesquisadora, no sentido de distingui-lo das concepções prévias dos(as) colaboradores(as), além de minhas afetações registradas no diário de campo, das reflexões e questões levantadas no campo temático, mesmo antes das entrevistas com os(as) professores(as).

Após ouvir as gravações por várias vezes, realizei as transcrições das entrevistas e fiz as marcações das falas que chamavam atenção no diálogo com os(as) colaboradores(as). Desse modo, a compreensão se dava no jogo sucessivo de perguntas e respostas, com fluidez para novas questões, próprias do movimento circular do processo de interpretação. Para Gadamer (1999), “Um texto só é compreendido no seu sentido quando se alcançou o horizonte do perguntar, que como tal contém necessariamente também outras respostas possíveis.” (p. 544).

Nessa direção do vai e vem do jogo de perguntas e respostas foi elaborado um texto narrativo, como produção do encontro com os(as) colaboradores(as), que fizeram uso da linguagem como meio de expressar os sentidos atribuídos ao pôr fim à vida, o modo de ser professor(a) na Era da técnica e como compreendem o cuidado e o exercem na vida. No capítulo a seguir será apresentado o jogo de conversas com Jonas, Lucas, Márcia e Júlia, coautores desta tese.

## 7 Nas Dobras do Existir... Pôr Fim à Vida: O Tecer de Compreensões Possíveis

No meio do caminho tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

...

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas. (Andrade, 1928, p. 1)

Esta seção tem por propósito apresentar as narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa, perpassadas pelos afetos de cada um(a) deles(as) e da pesquisadora, as quais possibilitaram compreensões possíveis. Os(as) colaboradores(as) foram entrevistados(as) entre os meses de abril e setembro de 2021 e designados(as) pelos nomes fictícios de Jonas, Lucas, Márcia e Júlia. Quaisquer nomes de terceiros referenciados pelos(as) colaboradores(as) também são fictícios.

### 7.1 Em Conversa com Jonas

*Mantenho a porta do precipício bem longe de mim. Criei um muro, eu sei que um dia posso querer pular o muro, mas estou me cuidando para que isso não aconteça.*

- Jonas, comunicação pessoal

A minha primeira conversa foi realizada com Jonas, o que me deixou muito alegre, pois sua voz já ressoava em meus ouvidos desde 2018. Naquele ano tive um

único contato com ele, que aconteceu quando fui convidada por uma colega de trabalho para falar sobre a temática do pôr fim à vida na campanha do “Setembro Amarelo”. Jonas participava de um grupo terapêutico para pessoas com depressão na DAS, na UFRN.

Naquela ocasião, ao ouvir sua experiência sobre as ideações de dar cabo à vida fui tocada pela sua voz, que dizia do seu sofrimento com as ideações e como tinham afetado sua existência.

Quase três anos depois, Jonas aceitou participar desta pesquisa e narrou sua experiência. Estávamos mediados por uma tela de computador, o que não impediu nossa conversa, pois percebi a sua disponibilidade em falar abertamente sobre a temática em questão.

Jonas é nordestino, casado, tem duas filhas, uma do primeiro casamento e outra do segundo. Aos 65 anos, reside com a esposa e uma das filhas. Sua mãe tem 95 anos e mora em outro estado. Frequentemente ele viaja para visitar e cuidar dela. Seu pai e dois dos seus irmãos são falecidos (uma irmã por parte de pai e mãe e um irmão por parte de pai). Ele não se considera religioso, mas acredita na existência de coisas que a ciência não consegue explicar. Ele é professor da UFRN há mais de vinte anos, e com o tempo em que atua como docente em outras instituições de ensino superior, totaliza mais de 27 anos na carreira acadêmica. Como docente, atua com ensino, pesquisa e extensão.

A conversa com Jonas percorreu diferentes momentos: a busca incessante pelas explicações, o modo de ocupar-se do trabalho, as vozes, o precipício, o modo de ser professor e a impermanência, cada um dos quais será novamente trilhado nas páginas seguintes desta tese.

## ***A Busca Incessante pelas Explicações***

*Tô só querendo explicar as coisas, o que vou ganhar explicando?*

- Jonas, comunicação pessoal

Ao iniciar nossa conversa, solicitei que ele contasse sobre sua experiência em relação às ideações de pôr fim à vida. Jonas disse: *“Um processo que eu não sei explicar. Posso até descrever. Eu não entendo ainda, e acho que nunca vou entender.”*

Jonas de algum modo disse que a decisão de antecipar a morte não pode ser compreendida pela lógica de explicações causais. Pareceu indicar uma pré-compreensão de que o pôr fim à vida é um momento de crise existencial, de rupturas com valores e “certezas”.

Ele contou sobre o seu modo de ser: *“Sou pesquisador... desde criança já queria ser pesquisador... minha cabeça muito voltada a experimentos, a entender esses processos todos. A explicar a natureza. É claro que eu preciso explicar as coisas, mas não sofrer com as coisas.”*

O ponto de vista prévio de Jonas é o de um professor pesquisador, que segue um modelo racional, explicativo. Prever e controlar parecem ser palavras de ordem do seu mundo acadêmico.

Para ele ocorreram muitos acontecimentos que podem ter motivado as suas ideações, tais como:

*Uma das minhas possibilidades é que tenha exagerado um pouco no trabalho da gente. Acabei exagerando muito, e dediquei mais que devia ao ato de ensinar. Mas são só suposições. Eu tive um monte de suposições. . . . Tava*

*com olhos sem enxergar, trabalhei demais, não tive um filho homem . . . então assim, comecei a buscar muitas explicações até que chegou momento que esse caminho não leva a nada. Tô só querendo explicar as coisas, o que vou ganhar explicando?*

Ele se deu conta de que o fenômeno do pôr fim à vida não pode ser reduzido a uma relação de causa e efeito, o que vai de encontro ao modo de ser pesquisador, da premissa de que tudo tem uma explicação.

O professor, ao se perguntar “*o que vou ganhar explicando?*”, pareceu colocar em jogo que seu modo de ser professor pesquisador não dá conta de responder às questões que ressoam em sua existência. Esse modo de ser o estaria instigando a buscar uma explicação para as suas ideias?

Entre os possíveis motivos, ele destacou o fato de ter “*exagerado muito e dedicado mais do que devia ao ato de ensinar*”. Jonas contou que sempre foi um professor muito ativo com seus alunos e na época das ideias encontrava-se preocupado, “*estava muito tenso com uma série de procedimentos com meus alunos, congressos e umas coisas mais*”. Para onde aponta sua reflexão? Como ele se ocupa do trabalho?

### ***O Modo de Ocupar-se do Trabalho***

*Trabalhei sempre diuturnamente.*

- Jonas, comunicação pessoal

O docente, em mais de vinte anos de trabalho numa mesma instituição, nunca se ausentou para tratamento da própria saúde, como narrou sobre o atendimento



médico na Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DAS/UFRN).

*Eu tava dizendo a ela [médica] que tenho que voltar logo para ensinar. Ela disse não, não tem condição de voltar por enquanto. Ela perguntou quantas vezes eu tinha tirado licença. Eu nunca tinha tirado licença, trabalhei sempre diuturnamente, sábado, domingo, eu gosto do que eu faço.*

Fiquei surpresa! Em nenhum momento ele precisou de uma pausa para se cuidar? Em que medida o trabalho tomou conta da sua existência? Para que horizonte isso aponta?

Jonas contou que sempre gostou muito da natureza, e que procurava conciliar o trabalho com atividades ligadas ao meio ambiente, além de gostar de esportes, mergulho e fotografia. Que quando casou, deixou de lado esses *hobbies* para priorizar o “sustento da família”, e ao iniciar na docência, o trabalho passou a ser uma dimensão central em sua vida. Na época das ideações estava focado no ofício de ensinar, tinha esquecido as outras dimensões da existência.

Para Nolasco (1993), em seu livro *O mito da masculinidade*, “O trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. Desde cedo, os meninos crescem assimilando a idéia de que com o trabalho serão reconhecidos como homens.” (p. 50).

Jonas me parecia focado no trabalho como uma forma de preencher algo que ele não tinha conseguido realizar. Ele queria compensar com o excesso de trabalho algo que não podia “controlar”? Algum acontecimento que o fazia sofrer?

Ele contou não gostar de ver as fotos mais antigas:

*Acho que a fotografia me faz retomar ao momento [das ideações de pôr fim à vida] me vejo uma pessoa muito dura comigo mesmo e com os outros. Usava uma barba, puxa vida, como eu era tão fechado? Focado numa coisa e esquecendo o resto das coisas. Hoje me vejo melhor... houve um momento de ruptura no modo de pensar a vida.*

Jonas não se reconhece mais nas fotos antigas talvez por ter revisto algumas das suas concepções e valores, a exemplo de vivenciar as outras dimensões da vida, sem preterir o trabalho, como ele pontuou: *“Quando vejo as fotos antigas é como [se] eu visse uma pessoa que não tivesse organizado a vida para viver bem. Hoje me vejo com a mente mais aberta.”*

O uso do advérbio “diuturnamente” remete ao adjetivo “diuturno”, que no dicionário Aurélio (Ferreira, 1999, p. 696) significa “que tem longa duração”. Jonas revelou preocupação em voltar logo para a sala de aula. Ao ler sua narrativa lembrei de conversas com médicos(as) peritos(as) de instituições de ensino superior em ocasiões diferentes, quando eles(as) relatavam sobre a dificuldade de os(as) professores(as) reconhecerem a necessidade de uma pausa no trabalho para cuidar da própria saúde.

Apresentar um atestado médico diante da instituição seria a “validação” de que como professor não estava bem, não atendia aos requisitos do “sujeito do desempenho”, segundo os quais “produzir” a todo momento é o imperativo de nossa época?

Como ser professor(a) pressionado(a) pela sociedade da produtividade e respeitar suas horas de lazer para não adoecer? Como alerta Mattar (2020), “O homem e a mulher da sociedade produtiva, desregulamentada e do rendimento não

podem parar. Só o fazem quando adoecem. A ocupação cotidiana ininterrupta não deixa que desperte o tédio, que se tenta afastar a qualquer custo.” (p. 64).

Com que finalidade Jonas trabalhava diuturnamente? Ele contou que “*estava no burburinho do trabalho e daí esqueci muito outras coisas*”. Para ele o trabalho tinha tomado seu tempo por inteiro, inclusive nos finais de semana, como se não existisse vida além do trabalho. Considera-se responsável por receber dinheiro público e disse ter a obrigação de dar esse retorno à sociedade.

A universidade para ele é um espaço de resistência, uma possibilidade de fazer algo de bom, de atuar como “*um multiplicador de coisas boas*”, e como professor tem o objetivo de tornar o mundo melhor.

A sua pausa no trabalho era direcionada também ao trabalho, o que comunga com o pensamento de Han (2021a), segundo o qual “Hoje, não temos nenhum outro tempo senão o tempo do trabalho. . . . Trazemos o tempo do trabalho não apenas nas férias, mas também no sono.” (pp. 32-33).

Jonas deixou claro que no período das ideações estava voltado exclusivamente para o trabalho, no entanto, ele próprio reconheceu esses momentos como sendo de “crise”, ou seja, de diferentes motivadores para o ato. Não tenho a pretensão de estabelecer qualquer relação de causa e efeito entre as ideações de Jonas e o fato de estar muito focado no trabalho, pois o fenômeno não pode ser explicado, como já mencionado, mas não posso desconsiderar que o trabalho constituía a dimensão central na vida dele no momento das ideações de pôr fim à vida.

Para ele, foi um momento de muitos conflitos por ter esquecido de outras dimensões da existência, como revelou: “*Tinha esquecido uma série de propostas de vida para ensinar continuamente. Isso gerou um conflito grande*”.

Como é compreendido por Jonas o seu vínculo de trabalho com dedicação exclusiva que não pode ter pausa para descanso? Quem impõe essa carga de horário de trabalho incessante? Como compreender essa necessidade de trabalhar até mesmo nos dias que não são remunerados, os finais de semana e as férias?

No diário de afetações, as minhas reflexões como aluna apontam para as afetações dos(as) professores(as) com o excesso de demanda imposta pelo sistema educacional. Não era incomum ouvir deles(as): “*Vou aproveitar o feriado*” ou ainda “*Nas férias vou colocar em dia os projetos*”. Como o trabalho em dias de descanso tem ressoado na existência dos(as) professores(as)?

Os(as) professores(as) universitários(as) também são alvo do neoliberalismo como lógica dominante do capitalismo, e agem nos moldes da autoexploração, impelidos pela necessidade de ter o seu *curriculum lattes* atualizado diariamente com suas produções, e a cada publicação obter maior valia no mundo acadêmico.

Ressalto que o próprio sistema educacional exige isso do(a) professor(a) pesquisador(a) para que ele(a) possa alcançar ascensão profissional. Para Santos (2020b),

O estatuto de professor e de investigador deve ser flexibilizado (quer dizer, precarizado), acompanhando a lógica global do mercado de trabalho. . . e os professores devem ser sujeitos a critérios globais de produtividade; . . . as UPs [Universidades Públicas] devem integrar sistemas de ranking global para permitir aferir “objetivamente” o valor mercantil dos serviços universitários. (p. 2)

Existimos numa sociedade do desempenho, na qual a todo momento somos coagidos(as) a apresentar uma alta performance. Como pontua Han (2017a), o sujeito do desempenho se rende à imposição deliberada para potencializar a sua eficiência.

Ao se autoexplorar, ele(a) atua como “o explorador e ao mesmo tempo o explorado, o algoz e a vítima, o senhor e o escravo. O sistema capitalista mudou o registro da exploração estranha para a exploração própria, a fim de acelerar o processo” (p. 105).

Jonas apresentou pensamentos recorrentes de dar cabo à vida por aproximadamente três meses, sem histórico de tentativas. Utilizou-se de diferentes figuras mentais, como por exemplo: as vozes do anjo bom e do anjo mal, o precipício e o movimento de uma onda. Ele nos contou sobre a tensão que viveu entre as vozes dos anjos bom e mal.

### **As Vozes**

*Quando o anjo mal estava dormindo o anjo bom me dizia: Jonas, cara, se cuida porque o negócio é sério, não pode permitir que esse negócio ocorra não, você chegou muito perto.*

- Jonas, comunicação pessoal

Jonas apresentou as vozes como sendo externas, explicando que “*é como se tivesse duas vizinhas, uma de cada lado de mim*”.

*O anjo mal dizia: você tem que se matar mesmo, Jonas. Pra que você vai querer viver? E o anjo bom dizia: rapaz, você é doido? [risos] pirou você? Que história é essa daí? Aí ficava como se fosse aquela briga entre nós três, eu, o anjo bom e anjo mal. E em certo momento, o anjo bom falou mais alto e disse: Jonas, você tem que fazer alguma coisa porque o negócio tá ficando meio brabo, esse lá e cá tá ficando forte, e pode ser que em uma dessa você embarque.*

Em meio à tensão das vozes, Jonas parecia travar uma batalha entre o morrer e o viver. Nesse momento, recorreu a uma amiga para retirá-lo de casa imediatamente.

*Eu pensei em me jogar em minha casa, meu apto. Pensei sério mesmo... em olhar assim para o terraço e dizer: pronto, é agora, e por que não? E nessa confusão mental acabei ligando para uma amiga. “Venha logo para aqui estou pensando em me matar. Venha o quanto antes. Eu estou preocupado. Estou sozinho em casa.” E essa amiga veio de fato e me pegou.*

O professor naquele dia estava sozinho em sua casa, e ao deparar com a possibilidade de vir a findar sua vida recorreu a uma amiga, que foi de imediato ao seu encontro. Como se encontrava Jonas diante daquela situação? Ele então nos disse:

*Eu estava muito fraco, eu lembro que peguei algumas coisas minhas, umas roupas e coloquei em uma caixa dessas de verduras que tem aqui em casa e coloquei tudo dentro aleatoriamente, calça, cueca, pasta [de] dente, o que deu para pegar... e aí quando ela chegou disse: “me **resgate**”. [grifo nosso]*

Estar fraco diz da sua fragilidade como humano? Da total ausência de controle do modo de existir? Chamou minha atenção a utilização da palavra “resgate”. No dicionário Aurélio (1999, p. 1751), resgate remete à ideia de “livrar de cativo”, “salvar”.

De qual cativo Jonas gostaria de ser liberto? Salvar-se de quê? Do seu encontro com a sua estranheza. A estranheza de Jonas parece desvelar uma angústia que não consegue nomear em meio ao mundo das ocupações. Seria a dor de existir? Para Barreto (2018),

A “dor de existir” aponta para a condição humana de poder-ser, desvelando a impotência e a incidência, a falta de apoio seguro em definições e orientações já estabelecidas. Se conseguimos suportar a estranheza e vertigem da angústia diante desse “nada”, podemos assumi-la como parteira no movimento a caminho do nosso ser mais próprio como mero poder-ser. (p. 25)

Como Jonas compreendeu esse resgate? Ele estaria lançado na estranheza, num mundo que não lhe é familiar? O resgate referido por Jonas sinaliza sua atmosfera naquele momento de medo e desespero?

Ele nos disse como estava naquele momento:

*No momento que eu estava muito mal ainda porque esse processo me tomou muita energia. Eu fiquei muito desenergizado, para usar um termo compreensivo. Como eu disse a você, eu não saía de casa, fiquei muito assustado com tudo. O ato de viver para mim tornou-se um pesadelo. E essa própria Luiza, uma grande amiga que ajudou, faço questão de frisar: muito importante ter amigos. Foram meus amigos que me salvaram.*

Existir para Jonas estava sendo muito pesado, um pesadelo! Para Han (2021a), “o sujeito do desempenho depressivo tem uma carga pesada de si mesmo . . . ele fica cansado de si mesmo, esgotado de si mesmo” (p. 83). Como era para ele a tarefa de ter que ser em um mundo que dita como devemos ser a todo momento? Os amigos o salvaram de que modo?

O modo dele de se encontrar no mundo era assustador, como revelou:

*Depois desse desejo de morte eu fiquei muito assustado com a vontade sincera de me matar. Quando o anjo mal estava dormindo, o anjo bom me dizia: Jonas, cara, se cuida porque o negócio é sério, não pode permitir que esse negócio ocorra não, você chegou muito perto.*

O temor diante da possibilidade de antecipação da morte sinaliza uma absorção no mundo do impessoal, um estar sugado pela cotidianidade do mundo das ocupações com os entes intramundanos?

A tensão entre as vozes estaria levando Jonas a perceber que não estava em suas mãos o controle da situação? Jonas teria percebido que a existência não segue exatamente os parâmetros dos experimentos da ciência, do modo de ser professor pesquisador?

A voz do anjo bom parece acolher, tranquilizar e tornar familiar o mundo para Jonas, enquanto o anjo mal o convoca ao seu ser mais próprio, revelando sua estranheza diante do medo e da angústia.

Além das vozes, o docente traz em diferentes momentos da sua narrativa a imagem do precipício, e a descreve com riqueza de detalhes. Aliás, nossa conversa é permeada por figuras mentais distintas. Esse parece ser o modo de Jonas tematizar a sua experiência.

### ***O Precipício***

*Mantenho lá a porta do precipício bem longe de mim.*

- Jonas, comunicação pessoal

Para o professor, a figura do precipício diz de um medo extremo que sentiu com a possibilidade de entrar em contato com o vazio da sua existência. Esse vazio aponta para um horizonte de não mais existir, o que o deixou com muito medo, em desespero.



*A questão do precipício eu utilizei... muito claro em minha mente. Seria até capaz de desenhar. Eu tenho de fato um morro, um vazio sem vegetação e nesse pico desse morro eu tenho uma espécie de um portão, mas é um portão assim... uma cerca, um gradil, e essa cerca tem um portão que é uma cerca também que está aberto. E aí, em certo momento, como é um local muito alto, e quando chego perto desse portão eu enxergo o outro lado. O outro lado é um vazio em mim, como se fosse um precipício mesmo, dá muito medo chegar ali. Tive muito medo de chegar ali. Eu imagino que ali é como se fosse o final de minha vida, alguma coisa assim, quando eu quis me suicidar, acho que foi criado nesse momento. E é muito assustador isso daí. Muito assustador.*

Ele pareceu estar tomado por uma angústia no momento que se deu conta da sua finitude. A angústia como disposição afetiva, como modo de encontrar-se no mundo, muitas vezes é difícil de ser nomeada. Como Heidegger (2012a) acentua, entre angústia e medo “existe um parentesco fenomenal . . . a tal ponto que se chama angústia o que é medo, e se fala de medo quando o fenômeno possui o caráter de angústia” (p. 251).

Jonas é afinado pelo medo assustador de um mundo que lhe é estranho. Seria a angústia se fazendo presente mediante o vazio do precipício? Um modo de se afastar da impessoalidade do cotidiano que o absorve no mundo das ocupações? Um modo de se reconquistar enquanto ser no mundo?

Acossado por um medo do desconhecido, o precipício parece ser ameaçador e o deixa aterrorizado, como se o abismo fosse o responsável pela sua in-decisão em dar ou não cabo à própria vida.

Jonas ressaltou o precipício como um modo de medir a distância entre ele e o abismo.

*O precipício me ajudou a pensar na minha distância do precipício. Às vezes eu me via mais longe ou mais perto do precipício. E quando estava mais perto eu ficava assustado. Tudo mentalmente... quando chegava mais perto eu dizia opa... tenho de fazer alguma coisa para me afastar. A mente vai criando essas maneiras de autoproteção, talvez. Eu lembro que às vezes colocava as minhas filhas na porta do precipício e dizia: não chegue aqui, papai, que o negócio aqui é sério... eu usava isso como artifício para me proteger.*

Para Jonas, o precipício seria uma maneira de “prever” e “controlar” suas ideias! Ele contou o que o ajudou a lidar com o “evento”. Ele nomeou os pensamentos desta maneira:

*Mantenho a porta do precipício bem longe de mim. Criei um muro, eu sei que um dia posso querer pular o muro, mas estou me cuidando para que isso não aconteça e atualmente estou numa fase de confiança. O anjo bom, ele tá muito forte em mim hoje, e o anjo mal deve tá puto comigo porque não tá tendo nenhuma chance, mas estou sabendo que ele existe. E tô ali sempre de olho, eu espero que hoje em dia, se ele chegar a 1 km de distância já sinta o cheiro e já faça que ele volte de novo. Muito cuidado com ele. É isso, basicamente, o que sinto hoje.*

Para o professor, a possibilidade de pôr fim à vida ainda existe e ele procura lidar com isso criando uma barreira (um muro) para não ultrapassar esse limite e cair no precipício, pois sabe que pode querer pular em algum momento. Na sua narrativa, o precipício aparece inicialmente como se estivesse fora dele, diferentemente das vozes do anjo mal e do anjo bom, quando se coloca entre elas. Ele ainda enfatiza que está alerta para o risco e procura cuidar da sua existência de várias formas.

Jonas também contou do seu modo de lidar com as ideias junto aos seus pares e familiares.

*Procurei falar com todos os colegas, tive uma atitude de não esconder. Descobri depois que alguns colegas tiveram processos depressivos também, mas a maior parte tem medo, escondem, tem muitos preconceitos. Há muitos preconceitos de fato. Se tem preconceitos, a atitude é quebrar preconceitos, lutar contra eles, e não esconder. Eu falei para todo mundo. Até mesmo em casa as pessoas ficaram assustadas comigo. É a questão do preconceito! Uma vez que teve, vai ficar sempre assim. Não é isso! Até vejo... vi que existem pessoas que são recorrentes, graças a Deus não me coloco nessa situação.*

Ele apresentou um modo de estar junto aos outros que vai na contramão do tabu vigente. Para onde aponta o comentário de Jonas sobre seus pares? Como compreender a depressão dos(as) professores(as) para além de um diagnóstico médico? A depressão é uma doença ou fenômeno epocal? Tematizada por Mattar (2020) em seu livro, a depressão é compreendida como um modo de organização do mundo contemporâneo:

A depressão é um fenômeno epocal, o mal-estar próprio e coerente com a técnica moderna, em uma des-aderência desta, o que não impede seja também doença no sentido originário do termo, do latim *dolentia*, que significa sentir dor, sofrer - *suffere*, estar sob ferros, oprimido [sic] e submisso à dominação técnica – e experienciar o peso da época, pagando ou suportando o tributo de ter a sua essência confundida com algo técnico. (p. 112)

A constatação de Jonas de que seus pares tiveram processos depressivos me leva mais uma vez a pensar na precariedade das condições de trabalho dos(as) professores(as), no ataque às universidades públicas nos últimos anos e na

consolidação da lógica do sistema neoliberal, que avança com o apelo de que as universidades públicas dão prejuízo aos cofres públicos. Os(as) professores(as) há muito tempo encontram-se ameaçados(as) em seu ofício, pois são vistos(as) como prestadores(as) de serviço na lógica do ensino como uma mercadoria que precisa ser atraente e produtiva para constar no rol dos melhores cursos das instituições de ensino superior. A depressão não seria um modo de resistência desses(as) professores(as) diante desse modo de organização no mundo contemporâneo?

Retomei a conversa e perguntei: Você ainda utiliza a figura do precipício?

Jonas contou:

*Hoje até vejo que estou longe e até chegaria mais perto, se necessário, sem cair nele. Estou tranquilo hoje e pretendo ficar assim por muito tempo. E sempre que me vejo pensando ou assustado... aconteceu uma vez só, sempre que eu penso em chegar tão perto dele como um dia cheguei, eu pretendo me cuidar bastante, vou tomar todos os cuidados possíveis, minhas filhas, meus amigos, chamar a vizinha do bem. Eu tenho aqui uma série de guerreiros que estão do meu lado aqui, que me dão esse apoio para evitar que eu chegue lá. Eu criei na minha mente um exército de guerreiros que vão me ajudar a não chegar lá. Estou confiante nesses guerreiros, que até tô tranquilo disso. E chegando lá de novo, tenho certeza que terei muita gente comigo para evitar que chegue perto. Não vou chegar de novo não. [risos]*

Jonas pareceu iniciar um movimento em direção a uma mudança de perspectiva, considerando que já consegue se relacionar com o precipício de um outro modo. Embora ainda fora dele, já conseguiria se aproximar sem tanto temor como outrora.

Isso também parece acontecer com o modo de cuidar da existência. Ele busca ajuda externa - dos guerreiros, nomeados como amigos, filhas e terapeuta diante das ideações, que assim como o precipício figuram como externas a ele. Podemos pensar que o modo de cuidado predominante é o da preocupação, característico do modo impessoal, absorto pelo cotidiano?

### ***O Modo de ser Professor***

*No passado não faria jamais isso... não iria em um terapeuta bioenergético, não fazia sentido. Hoje faz todo sentido.*

- Jonas, comunicação pessoal

Jonas seguiu sua narrativa sobre o modo de se preocupar ou não com as coisas.

*Lembro quando ainda era adolescente, com os colegas, tomando cerveja num bar . . . uma frase escrita na parede do bar que dizia assim: "se o problema tem solução, não se preocupe, e se não tem, pra que se preocupar?" Se a gente consegue segurar essas coisas... Ora, gente, não vou me preocupar: se o problema tem solução, ele tem solução, então ótimo, tem solução. Não vou me preocupar com isso. Mas tem gente que se preocupa com as duas coisas, se preocupa com o problema que tem solução e quando não tem solução. Então é o oposto, devemos tentar o oposto, se tem solução, então não se preocupe.*

O “modus operandi” de Jonas diz de um jeito de olhar as suas questões como se estivessem fora dele; assim como as ideações, suas preocupações devem ser

solucionadas de forma externa. Lida com as ideações por meio de imagens mentais que estão externas ao seu ser. O pensamento dele ainda é o do cálculo, que não se demora, não tematiza o pôr fim à morte como possibilidade do poder-ser.

A preocupação dele pode indicar um modo de evitar sofrer com as coisas, quando diz “*não devo me preocupar*”. O que seria segurar essas coisas? Não sofrer por elas? Ao mesmo tempo, ao longo da sua narrativa, ele se refere ao sofrimento de não ter tido um filho homem.

*Jonas, você não teve, você não terá outro filho. Ponto final. A realidade é essa. Por que você vai sofrer por isso? Qual é o motivo, lógica, o senso de você sofrer mais por isso? Admita, aceite e vem a história da impermanência, as coisas vêm mudando e você vai passando, e um dia você estará morto, e é natural, todo mundo vai morrer um dia. E pronto... faça o seguinte... aproveite esse momento, alguma coisa boa que você gosta. Ahh! não tenho filho, tem suas filhas, faça coisas que você goste, tome um cafezinho, converse com a sua psicóloga [risos], faça sua pesquisa, dê a sua aula e aja. Se houve alguma “falha” [grifo nosso] que você percebeu no fato de não ter tido um filho, devolva essa “falha” [grifo nosso], para que não tenha outra “falha” [grifo nosso], que não faça outra coisa que você não gosta. Trabalhe isso, e assim vá vivendo. A ideia é essa quando falei não aceitar as explicações. Não sofrer pelas explicações. Mas sim procurar explicações.*

Jonas como nordestino parecia em débito com a cultura do homem viril e macho descrito por Albuquerque (2003): “O nordestino é um cabra da peste, homem de fibra, e cabra macho.” (p. 153). Não ter um filho homem o incomodava bastante, a ponto de apontar essa realidade como uma “falha”.

Para ele a “falha” existia no sentido de não conseguir realizar o sonho de jovem, e se reconhecia como imperfeito por algo sobre o qual não tinha controle. A ideia de controle em Jonas é marcante, alcançando inclusive a escolha do sexo da criança a ser gerada, e como não conseguiu, sentiu que falhou. Não ter um filho fugiu do seu controle, pois não consegue explicar pela lógica da ciência.

Ele contou sobre o sentido do “filho homem”:

*Uma coisa que me afetou muito, por exemplo, **durante a crise** [grifo nosso] é o fato de ter 2 filhas... e não ter tido filho homem. **Era um sonho de jovem. Acho que todo homem tem também** [grifo nosso]. Jonas, por que você não teve um filho? O que impediu? Eu não tinha essa resposta. Me afetou muito... Em certos momentos quando a mente chega perto do precipício tudo é motivo. E aí de repente essa coisa de não ter um filho foi algo tão grave, tão sério para mim.*

Na cultura brasileira, principalmente nordestina, ter um filho para o homem é uma maneira de provar a sua masculinidade, de mostrar para a sociedade que ele é forte, viril. Jonas buscava explicações por não conseguir gerar um filho e afirmou: “*sempre fui sexualmente ativo*”, como se isso pudesse definir o sexo da criança.

Jonas contou que teve uma educação machista, e se rebelava contra ela. No entanto, traços do machismo predominante na cultura nordestina parecem ainda estar presentes nele, por mais que fique em conflito pelo sofrimento que tem diante desse dilema.

Tenho a impressão de que Jonas vive um conflito entre o machista, que precisa atender ao chamado da virilidade e o novo homem da contemporaneidade, que busca outros valores, distanciar-se do “cabra macho” da tradição, como, por exemplo, ao

afirmar que não precisa sofrer por não ter gerado um filho homem, pois tem duas filhas “fantásticas”.

Jonas busca lidar com o sofrimento de uma maneira objetiva, seguindo uma lógica do pensamento que tudo calcula: “*se não tive um filho homem, ponto final*”, mas posso compensar isso, pois “*tenho duas filhas*”.

Será mesmo que todo homem tem o desejo de ter filho do gênero masculino? Ao conversar sobre o seu desejo de ter um filho, perguntei qual era o sentido de ter um “filho homem”. Ele respondeu:

*Talvez isso seja criação da minha mente para justificar o que é natural do homem - a tristeza. Será que o problema é o filho homem ou ter um casal de filhos? Talvez meu desejo fosse um irmão para a minha filha?*

Ao recorrer ao meu diário de afetações encontro uma inquietação sobre o sentido que Jonas atribui ao fato de não ter um “filho homem”: “Como compreender sua justificativa de ter um filho para fazer companhia para sua filha? A filha precisaria de um irmão? O desejo é dele e não da filha.”

Uma possibilidade compreensiva, a partir do contexto histórico-cultural em que fui educada, leva-me a pensar que o fato de não ter gerado um filho pode apontar para a “falha” de não ter conseguido “provar” uma necessidade herdada da cultura nordestina, patriarcal. Um filho homem aponta para uma expressão de virilidade. Historicamente cabe ao homem cuidar do patrimônio da família, assim como da mãe e das irmãs. No Nordeste é comum ouvir expressões dos pais para os filhos do tipo “na minha ausência você é o homem da casa”.

Vivemos em um mundo onde ainda predominam a diferença de salários entre os gêneros masculino e feminino e o abuso sexual e moral perpetrado contra as mulheres no ambiente laboral. A tradição machista predominante é a do homem forte,



viril e responsável pelo sustento da prole.

Como nordestina, filha de pai militar, com quatro irmãos, recorde-me das rodas de conversa entre eles sobre carros e futebol, seus temas favoritos. Para Manus (2022), historicamente alguns assuntos estão ligados aos homens, como automobilismo e futebol, como sendo a afirmação da masculinidade. Vale ressaltar que as mulheres atualmente já encontram espaço nesses assuntos, embora ainda sejam minoria.

Lembro também das viagens ao interior do estado do Rio Grande do Norte com a minha família. Quantas vezes não escutei expressões como “fulano é fraco”, aplicáveis quando um homem não conseguia êxito em alguma atividade profissional, como por exemplo lidar com atividades do campo, executar um ofício, ou até mesmo na seara pessoal, quando falhava no intento de conseguir uma namorada.

Mesmo imersos na modernidade, em meio aos avanços da sociedade em diferentes aspectos como na ciência, ainda presenciamos em pleno terceiro milênio, diariamente, noticiários sobre o aumento de feminicídios e o machismo estrutural, como se observa em letras de músicas a exemplo da composição cantada por Seu Jorge (2011): “Ela é amiga da minha mulher / pois é . . . / mas vive dando em cima de mim / . . . / Se fosse mulher feia, tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração. . . .”

O machismo está impregnado em nossas ações cotidianas, sem que muitas vezes possamos percebê-lo tão claramente como na música que naturaliza a infidelidade masculina, justificada pela ditadura da beleza. Pequenas atitudes de alguns homens como não usar cremes para hidratar a pele, ir ao podólogo ou fazer exame de próstata revelam um modo de ser machista.

O machismo não é exclusividade do homem nordestino, como comprova a frase proferida pelo ex-presidente da República Jair Bolsonaro em nível nacional ao se referir à sua única filha, em 2017, quando era deputado federal: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” (2017). A fala “Dei uma fraquejada” dita pela figura pública de um parlamentar remete à cultura machista na qual estamos inseridos, em que a masculinidade do homem é associada à sexualidade.

Como pontua Bola (2020),

Talvez o modo como olhamos para o gênero e a sexualidade nos dias de hoje também precise mudar. Afinal, não existe uma só maneira de ser homem, assim como não existe uma só maneira de ser mulher, ou de ser não binário. (p.123)

Ao deparar com a impossibilidade de ser pai de um filho, Jonas parece compreender a imprevisibilidade da existência - não ter o poder de controlar o sexo dos filhos.

Continuamos a nossa conversa e Jonas narrou como mudou seu modo de encarar a vida. Ele nos disse que diante da atmosfera do medo e do desespero no período das ideações, buscou um terapeuta da Bioenergética.

*Imagina só, eu sou um pesquisador, como eu vou trabalhar com bioenergética? Um negócio que nem explica direito. Nos livros que li não gostei, sem argumentos, sem nada. Eu tava tão desesperado que eu disse: eu vou lá no Eduardo para ver o que ele vai conseguir comigo, tenho explicação para isso. Talvez um dia possa entender. Se não entender, paciência. Mas funciona.*

O modo de existir de Jonas está vinculado à possibilidade de entender/explicar o que acontece. É difícil para ele aceitar situações que fujam dessa lógica. Como

modo de lidar, busca conformar-se e deixa a decisão de sua vida fora de si. Ele se surpreende ao perceber que mesmo sem conseguir explicar pela ciência, o tratamento funcionou, e reconhece que antes não o faria. Como ele compreende cuidar da existência? A Bioenergética foi um modo de aliviar seus pontos de tensão?

*No passado não faria jamais isso... há três anos não iria em um terapeuta bioenergético, não fazia sentido. Hoje faz todo sentido. Hoje vou todos os anos para calibrar minha energia. Te digo que funciona. Mas você pode dizer: Jonas, pode ser só com você? Mas tudo bem que seja só comigo. O experimento que eu tenho estatisticamente estou em 100% que deu certo. Uma pessoa só, mas estatisticamente estou no lucro.*

Ele recorreu à ideia de experimento como modo de assumir o pensamento técnico em detrimento de um pensamento reflexivo para reconhecer que a terapia funcionou.

Jonas ainda busca fora de si o controle das ideações, pois para ele é muito difícil aceitar situações que fujam dessa lógica. Aos poucos ele assume a decisão de cuidar da existência, permitiu-se buscar modos de cuidado nunca imaginados antes, como a Bioenergética.

A conversa continuou e ele assinalou:

*O que estou dizendo é quase meu tratamento de beleza. Ir ao Eduardo quando eu percebo a necessidade, que há um problema mental... algum desconforto maior eu vou reequilibrar minhas energias. Semestralmente faço uma análise com minha nutróloga, procuro fazer algum tipo de exercício. . . sempre farei isso. . . . Algum dia alguém me perguntou: quando você vai parar essa dieta? Eu não vou parar essa dieta... essa dieta não é para parar, se me faz bem por que parar? É um aprendizado na vida.*

O modo de cuidar da existência indica a dimensão do bem-estar, mediada pela terapia holística, a dieta e o exercício físico. Mas ele ainda não consegue refletir sobre o pôr fim à vida, não mergulha no “perigo”, não medita sobre a possibilidade de não mais existir.

Ele nos contou que ficou afastado seis meses da docência, o que lhe permitiu estudar sobre budismo, e destacou o aprendizado sobre a impermanência. Esse afastamento da sala de aula lhe permitiu colocar em jogo o seu ponto de partida e avançar para outra perspectiva – da impermanência da vida.

Para Jonas, a licença médica favoreceu um distanciamento do trabalho e a elaboração de reflexões: *“Se não tivesse parado como iria refletir, estaria preocupado com as provas dos alunos... não sei se teria conseguido sem a parada. A parada foi essencial!”*. Possibilitou a emergência de modos de cuidado que ajudaram a pôr em questão algumas certezas e abriu para outras possibilidades compreensivas.

Jonas contou que com a pandemia da covid-19 passou a reavaliar a quantidade de aulas ministradas. Para ele, *“A aula remota é muito desgastante.”*

*Dou aulas aos meus alunos e estou avaliando uma pequena tensão porque eu estou dando muita aula. Estou reavaliando a quantidade de aulas que dou. A aula remota é muito desgastante para gente psicologicamente. Você sabe disso! Porque você, às vezes, se vê falando para uma tela e não sabe quem está do outro lado, se tá lhe ouvindo direito. A parte dos alunos desliga a câmera porque a maior parte dos alunos não tem condições de ter uma boa internet e tem que desligar mesmo para ouvir as aulas. Então tudo isso são tensões que vamos trabalhando, já é a vida, é natural, é o dia a dia da gente.*

Ele contou da tensão por sobrecarga de trabalho e que está reavaliando a quantidade de aulas. As aulas remotas parecem convocar Jonas a rever o seu modo

de ser professor. Em que medida o ensino remoto tem afetado Jonas? O desgaste das plataformas digitais seria um modo de expressar que ele não consegue controlar seus alunos? Que ele não pode controlar a vida?

Jonas continuou:

*Quando falo alguma coisa eu não sei se eles estão compreendendo. Quando eu falo alguma coisa no ensino presencial como estou olhando para você agora, eu sei que não vão ver meus olhos na câmera e é importante. Mas olhando só para você consigo perceber na sua fala, na nossa linguagem corporal, como você reagiu ao que eu disse. Mas se você tá com a câmera apagada eu não sei o que estão achando, não sei nem se estão me vendo, se estão brigando com o pai, se estão com cachorro na mão, conversando com o avô, se estão tentando me compreender... então eu peço que escrevam para mim no chat, alguns dizem: professor, meu celular travou, entende? [risos] Tem essas coisas que são muito complexas.*

A narrativa de Jonas me tocou como aluna, percebo um cansaço generalizado com o uso intenso das plataformas digitais, tanto dos(as) professores(as) como dos(as) alunos(as). O uso excessivo das telas parece apontar para um ambiente totalmente fora do controle do(a) professor(a), pois o(a) aluno(a) pode estar atento(a) ou não às aulas. Como é para Jonas ministrar aulas remotas?

Ele contou que os(as) professores(as) não têm controle do que está acontecendo do outro lado da tela, e de como o modo de ser professor foi alterado ao longo das últimas décadas. O conhecimento que antes era restrito ao(à) professor(a), em livros caros e de difícil acesso, passou a ser fácil com as novas tecnologias. E continuou:

*Todo aluno tem um quadro na mão dele. Já não tenho por que ensinar ao aluno uma coisa que ele pode clicar no Google e ele acha melhor do que eu. Ele pode achar a coisa mais fantástica que eu posso achar inclusive. Ali na internet está o conhecimento da humanidade. Quase tudo que você aprendeu de bom e de ruim está na internet. Estão na nossa mão. O que eu tenho que fazer hoje é proporcionar ao aluno o que pode ser feito aqui (mostrando celular na mão), invés de usar isso aqui só para fazer... para ver big brother brasil ou ver site pornográfico ou alguma coisa aqui. Eu posso tirar muitas coisas boas aqui, eu posso tirar uma vida cheia de coisas fantásticas e os alunos podem aprender. A minha função, eu hoje me vejo assim, é mostrar o fantástico que existe no mundo, o que é bom, e os abismos que existem no mundo. Quero mostrar pra eles as coisas fantásticas que estão ao seu redor.*

Jonas contou das repercussões tecnológicas na educação e de como o papel do(a) professor(a) mudou de detentor do conhecimento para mediador do processo de ensino-aprendizagem. O(a) professor(a) precisa quase seduzir o(a) aluno(a) para que goste da aula e veja além das informações contidas na internet. Ele continuou:

*Hoje com o ensino remoto você tem que tá mudando todas as suas estratégias, todas. Você não tem mais o contato visual claro com o aluno. No máximo, o rosto do aluno, mas o corpo dele não aparece mais para você. Isso na melhor das hipóteses, porque na maior parte das vezes eles estão com câmeras desligadas. E a maior parte deles argumenta que está desligado porque não tem uma boa internet. E eu concordo, pode ser sim.*

Um verdadeiro tsunami invadiu nossas casas com o vírus, ou seja, jogou-se o ensino remoto nos vários espaços privados, e de súbito professores(as) e alunos(as) deparavam com um modo outro de ensinar/aprender mediado por uma tela digital.

*Hoje no ensino remoto não sabemos o que tá acontecendo... eu entendo que o ensino remoto chegou para ficar! Não tem como não ter o ensino remoto. E tem coisas muitas boas no ensino remoto. Mas até hoje entendo que o ensino presencial sempre será fundamental e tenho muito medo que a falta desse presencial acabe destruindo relações mais fortes.*

Para Jonas, dizer que o ensino remoto é uma questão imposta pela pandemia da covid-19 aos(às) professores(as) e ainda não se sabe para onde aponta diz do seu receio no tocante à relação professor-aluno. Para onde aponta o ensino remoto pós-pandemia? Como é para Jonas o acontecimento da pandemia e a impermanência diante da transitoriedade da vida?

### ***A Impermanência***

*Assim como uma onda, as marés, o dia e noite, tudo é ciclo, tudo é impermanente.*

- Jonas, comunicação pessoal

Jonas se refere às ideações como um evento depressivo:

*No meu caso foi um evento depressivo, foi um evento que marcou no tempo como único evento que não voltou a acontecer e oscilou muito do momento que tive até me sentir tranquilo, pode ter durado um, dois ou três meses.*

Para ele, a depressão foi um acontecimento “divisor de águas”, como me disse ainda em 2018, por ocasião do nosso primeiro encontro. Recorro a Figueiredo (1994) sobre a noção de acontecimento.

Acontecimento destroça e funda mundos, estando suspenso entre mundos; ao destroçar um mundo ele é sempre uma prefiguração da morte; ao fundar mundo ele cria o solo para outros encontros - possibilitando novas fenomenalizações – e re-passibiliza - renovando e ampliando a abertura da presença, delimitando um novo campo para outras ultrapassagens acontecimentos. (pp. 152-153)

Ele recorreu à imagem de uma onda para narrar o modo como se sentia durante o evento que marcou sua existência.

*Eu dizia aqui em casa que era como uma ondulação, como uma onda, eu sou geólogo, então gosto desses símbolos. Você, às vezes você tá no topo, você desce, volta para o topo e desce, e percebi que cada vez mais depois da grande onda do surf que quebrou em mim, cada vez essas, as ondulações se alongavam no tempo, aumentava o período da onda e a altura diminuía também, como se tivesse passado por um grande processo de tempestade e começou a acalmar.*

A imagem da onda escolhida por Jonas diz do modo como se sentiu frente às ideias. O “evento” o desalojou diante das certezas e o fez começar a pensar de outro modo, afastando-se de explicações causais e aproximando-se de metáforas que indicam movimento.

Tal movimento pode indicar mudança de perspectiva. Ao lhe permitir colocar em questionamento seu ponto de partida - busca por explicações - e perceber que não é possível controlar a existência, fê-lo deparar com um jogo de luzes, como um farol em seu feixe de claro-escuro que ilumina e ao mesmo tempo obscurece um novo horizonte. Nesse toar parece ter mudado a sua perspectiva, levando-o a compreender que a vida é impermanente.



A ideia da onda me remete à letra da música “Como uma onda”, composta por Lulu Santos e Nelson Motta e lançada no LP *Ritmo quente* no ano de 1983, “a vida vem em ondas como um mar, num indo e vindo infinito. Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo, tudo muda o tempo todo no mundo”. Para Jonas o mundo começa a ser compreendido como impermanente, e assim como nossa existência é como uma onda, em que nada é fixo, vivemos momentos de tempestade e de calmaria. Como Jonas se apropriou desse evento? Ele continuou sua narrativa.

*Não foi imediato, mas a gente percebia. Então, depois de um mês percebia que estava melhor, aos poucos comecei a sair de casa, fazer minha ginástica, a caminhar, e assim, depois de um semestre eu voltei a dar aula. Tive muito medo no início, será que vou suportar, né? E aí depois veio a pandemia. Minha reação também foi boa.*

Ele nos contou que levou um tempo para encaminhar sua vida, e, mesmo tomado pela tonalidade afetiva do medo, conseguiu retomar suas aulas, inclusive em meio à pandemia da covid-19.

*Não vou dizer que tô perfeito, que agora tá tudo ok. Não é isso! É um processo, estou levando, trabalhando... todo dia eu aprendo um pouquinho, erro um pouquinho, todo dia vou um pouquinho para frente e um pouquinho para trás. Acho que no geral estou indo mais pra frente do que pra trás.*

Jonas parecia se apropriar do seu próprio movimento na vida. Ele iniciou um movimento de saída da busca incessante pelas explicações, ou seja, de um modo de ser mais cristalizado, para um movimento de colocar em jogo seus preconceitos da tradição de ser professor pesquisador. Podemos compreender que ele se movimenta como em um jogo no modo de ser professor, mesmo que avançando e recuando diante da tentativa de controlar a existência.

*Eu aprendi que nossa mente é muito maleável, muito móvel. Hoje que é o mais importante... eu tenho uma atitude muito mais positiva em relação a tudo isso. Atitude de tentar resolver, criar e ir para frente. E me sinto bem, entendendo que essas limitações são perigosas.*

Jonas apontou para uma mudança no seu ponto de vista inicial ao dizer que a mente é maleável. Ele se distanciou das explicações para refletir sobre os acontecimentos da existência.

Recorro ao diário de afetações e vejo que essa maneira controladora de Jonas buscar explicações para os acontecimentos diz também do meu modo de existir. Tal afetação ajuda a compreender meu ponto de partida e a forma como a experiência de Jonas pode ter atravessado minhas compreensões.

Cresci em um ambiente rígido em relação aos horários, ao que era “certo” e “errado”. Apesar do ambiente controlador, encontrava em meus pais algo que me encantava, o interesse pela espiritualidade, a música e os esportes. Recordo que na infância minha mãe me levava para aulas de yoga na casa da vizinha, e, já adulta, das inúmeras vezes que nadamos. Com o meu pai aprendi a admirar a lua até os últimos dias da sua existência. Já em meio ao processo de demência, ele me dizia: “Como é linda a lua!”.

O contato com a natureza permeava a nossa casa por todos os lados, nos jardins, na horta, no quintal com diferentes árvores. Aos poucos o universo da casa ganhou as brincadeiras da rua, da escola, da universidade e do trabalho.

Eu me encontrava entre a rigidez do pensamento controlador e o respiro da pausa, do demorar-me sobre as coisas, procurando compreender que a vida não podia ser controlada como os ponteiros do relógio. Aos poucos fui me dando conta de que nem tudo podia ser controlado. O doutorado foi um marco na minha existência

para compreender que o controle sobre a vida, as pessoas e os acontecimentos é uma grande ilusão.

Traços do desejo de controlar os acontecimentos observados em Jonas ainda se encontram em mim, mas de um outro modo, com mais abertura para o que vem ao meu encontro. Como lidamos com nossos acontecimentos ou com os desacontecimentos que nos afetam?

Para Brum (2014, [orelha do livro]),

A vida de cada um é também a tessitura desse mostruário pessoal no qual vamos nomeando os seres que assombram apenas a nós. . . . gosto de chamar meus monstros pelo nome. E sei que é mais fácil encará-los como monstros do que olhar em seus olhos tão desesperadamente humanos e enxergar neles o pavor da morte.

Jonas fez um jogo com as figuras mentais dos anjos bom e mal, do precipício, dos guerreiros e da onda como um modo de nomear o seu sofrimento como condição do humano? De dar voz à dor do existir? Aos poucos ele começou a assumir uma mudança de perspectiva em um movimento próprio.

As figuras mentais não são mais tão fixas e rígidas como o precipício, a porta e as filhas usadas como anteparo. A escolha da onda diz de uma figura fluida e, assim como o movimento que a onda representa, Jonas faz um movimento em direção a compreender que suas ideações não estão mais fora dele, mas são possibilidades ou não do poder-ser. Elas são parte do movimento da vida, assim como a onda que vai e vem ao nosso encontro.

Ao retomar a figura da onda ele encerrou contando:

*A figura da onda é muito importante para mim também. Por que é importante?*

*Porque ela me diz: Jonas, quando as coisas estão ruins depois vão ficar boas,*

*e quando as coisas estão boas vão ficar ruins depois. E vice-versa. Tenha humildade de entender também que as coisas boas ficam ruins depois, assim como uma onda, as marés, o dia e noite, tudo é ciclo, tudo é impermanente.*

O modo de pensar de Jonas diz da sua visão otimista sobre o mundo, das coisas e pessoas, será que as coisas podem necessariamente ficar melhor ou pior sozinhas?

A imagem mental da onda aponta para movimento e mudança que não podem ser controlados, dependem do vento e fogem da possibilidade de controle. Começar a compreender a vida de tal modo aponta para mudança de perspectiva, que, junto ao ponto de partida, pode orientar Jonas para outro horizonte compreensivo. Mais uma vez recorro à música de Lulu Santos e Nelson Motta (1983), “nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre passará”, para compreender que Jonas estava dizendo da impermanência da existência e da sua fluidez.

Jonas, ao se colocar em movimento por meio das suas imagens parece tentar compreender o modo como pode habitar no mundo. Seria um modo de perceber que habitamos no “entre”, como pontua Safra (2004)?

O homem se encontra na fragilidade do entre: entre o dito e o indizível, entre o desvelar e o ocultar, entre o singular e o múltiplo, entre o encontro e a solidão, entre o claro e o escuro, entre o finito e o infinito, entre o viver e o morrer. (p. 24)

Jonas continuou:

*Foi um processo, se eu pudesse sumarizar o que aconteceu foi um momento de enriquecimento, que me deu uma sobrevida muito boa, porque me ensinou muita coisa que eu deveria saber muito antes. Aprendi aos sessenta anos o*

*que devia ter aprendido um pouco antes. Mas aí perdi, mas as coisas são como são, fazer o quê? Eu não domino essa parte do controle não... existe um ser que o pessoal diz que é Deus, não sei. É um nome que você usa para alguma coisa mais poderoso que você... Os pesquisadores mais duros dizem é mesmo uma coisa natural, que é o universo. Não interessa. É alguma coisa que nos move, dá um sentido à vida, eu não tenho que entender muito agora, não vou entender mesmo, não é dado a função de entender profundamente a vida.*

Jonas vai colocando em questão o contexto que ficava explícito no início da sua narrativa. Ele partia da necessidade de buscar explicações e, com a vivência da crise, surgiram como perspectiva novas possibilidades, novos modos de ser na tensão entre o viver e morrer, entre a necessidade de controle e a disposição para acolher o mistério. Faz um movimento de aproximar-se e distanciar-se da mostraçõo do fenômeno como um marinheiro em alto-mar que busca pelo farol para iluminar sua direção, pois o avanço tecnológico dos GPS e de outras ferramentas pode não ser suficiente para indicar o caminho a seguir, no caso, a terra firme.

## **7.2 Em Conversa com Lucas**

*Tô me sentindo em uma estrada carregando uma caixa muito pesada e não consigo ver o final dessa estrada.*

- Lucas, comunicação pessoal

Já conhecia Lucas desde 2018, quando participou de um grupo para pessoas com depressão, oferecido pela Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor na UFRN. Na ocasião eu era uma das facilitadoras do grupo.

Naquela época, Lucas era professor de uma universidade federal do sul do país. Ele estava de licença em Natal para tratamento da própria saúde, e como recebeu um e-mail da UFRN divulgando o grupo de apoio, resolveu participar. Durante os encontros, Lucas nos contou da sua ideação sobre o pôr fim à vida, que compreendia ser motivada pelo ambiente de trabalho.

Desde aquele período não tive mais contato com Lucas. Contudo, a sua experiência me marcou pela intensidade como afetou sua vida. Resolvi convidar o professor para essa entrevista, uma vez que atualmente faz parte do quadro de docentes da UFRN. Ele prontamente se disponibilizou e afirmou que teria prazer em contribuir ao tomar conhecimento da temática em estudo.

Lucas é nordestino, tem 42 anos de idade, solteiro e sem filhos. Possui sete irmãos, todos casados. Reside com a sua mãe, e diz que se sente muito bem com o aconchego do lar. Considera-se uma pessoa alegre, gosta de fazer amizades, sair, conversar, mas contou que no período das ideações seu mundo ficou restrito ao trabalho e ao ambiente da casa. Ele é professor da UFRN há dois anos e já trabalhou como docente em outras instituições de ensino superior por cinco anos, totalizando sete anos na carreira acadêmica. Como docente, atua com ensino, pesquisa e extensão.

No período que residiu e trabalhou em um estado do sul do Brasil como docente, contou que foi tomado por uma tristeza enorme, e quando tinha feriados, férias e licenças médicas ele voltava para Natal, onde se sentia acolhido pela família. Evitava sair com os(as) amigos(as). Seu mundo tinha encolhido quanto aos interesses sociais que antes sentia prazer em partilhar com seus(uas) amigos(as).

A conversa com Lucas seguiu por várias questões: o preconceito em buscar ajuda profissional, quando os(as) amigos(as) atrapalham mais que ajudam, quando o

projeto de vida desmoronou, a cobrança por produtividade, quando o trabalho é adoece-dor e em jogo com a docência.

### ***O Preconceito em Buscar Ajuda Profissional***

*A gente nem quer pedir ajuda por se sentir fraco.*

- Lucas, comunicação pessoal

Lucas iniciou nossa conversa contando sobre o tabu em abordar a temática com os(as) amigos(as) e familiares. Assim como Jonas, ele pontuou o preconceito em relação às pessoas que têm ideias de dar cabo à própria vida.

*Quando a gente sente essa forma de pensamento ou quando a gente percebe que tá precisando de ajuda, na maioria das vezes, **a gente nem quer pedir ajuda por se sentir fraco** [grifo nosso]. Você tem vários pontinhos, variáveis que faz com que você não queira pedir ajuda. Primeiro pelo tabu, pelo preconceito mesmo sobre as doenças psicossomáticas.*

Para Lucas, buscar ajuda profissional era sinônimo de “fraqueza”, de desempenho insatisfatório em seu projeto de vida - a docência universitária. Ele contou que estava no último ano do doutorado na época do concurso para uma universidade pública federal no sul do país, e seus(uas) colegas diziam que ele não passaria, pois seus(uas) concorrentes eram bem mais preparados(as) que ele.

Ao revisitar o diário de afetações encontro questionamentos que me fiz durante as entrevistas: Para onde aponta a expressão “ser fraco”, usada por Jonas e Lucas?

Jonas e Lucas como nordestinos parecem presos ao imaginário do homem forte, por ser alguém que enfrenta as dificuldades da vida, afinal o nordestino já

nasceu em terras áridas, enfrenta sol e chuva em busca da colheita e da sobrevivência. O conceito de nordestino já traz impregnada a ideia de um homem forte, como pontua Albuquerque (2003):

Quando dizemos homem nordestino, não é apenas porque estamos reproduzindo a generalização do discurso humanista, em que a palavra homem serve para se referir a toda a espécie, o que já sintomático que este homem em geral também é pensado no masculino, mas é porque os discursos que analisamos não deixam dúvida de que o homem nordestino é um homem, ou seja, é macho, é pensado no masculino, não há lugar para o feminino nesta figura. (p. 153)

Nos cordéis temos um exemplo nítido da imagem do nordestino “macho”. Recordo-me de um trecho do cordel escrito para o meu pai no aniversário dos seus oitenta anos, *Um homem chamado Dé*, no qual o cordelista Antonio Francisco (2010) descreveu a trajetória do meu pai como nordestino: “Da seca, que fez o bravo sertanejo de renome comer pão de macambira para enganar sua fome”, ou de outro fragmento do mesmo cordel em que se referia à gripe asiática na década de 1950: “Viu a gripe asiática desfilando na sua frente gritando alto, gemendo, cortando e matando gente. Pelejou, tentou mas não cortou José no seu dente”, concluindo com o seguinte dizer: “Homem bravo do sertão”.

O homem nordestino é cantado em verso e prosa por ser “duro na queda”; “enfrentar sol e chuva”, ou seja, ele é forte por natureza.

A partir da compreensão do nordestino como homem forte, dimensão que faz parte do meu contexto cultural-histórico, pergunto-me se Lucas buscava fazer jus ao imaginário do homem nordestino, de que precisava ser forte ao encarar o projeto da docência em outra região do país, numa cultura totalmente diferente da sua. Ele não



considerou a possibilidade de a existência ser imprevisível, e de não termos controle sobre ela.

Ele fez um investimento emocional enorme para passar no concurso, pois já não se acreditava capaz de ser aprovado. Lucas disse: *“Em cinco meses eu tive que adaptar minha vida, pegar o avião e ir embora com tudo. Sabendo que ia para um projeto de vida... eu planejei dez anos para mim lá.”*

Ao ser nomeado em primeiro lugar, mudou-se de “mala e cuia” para uma cidade distante da sua, longe dos familiares e amigos(as), mas com a certeza de que iniciaria um projeto de vida com sucesso.

Ele contou que depois de um ano de trabalho as coisas começaram a ficar “difíceis”, não tinha computador, nem acesso a bolsas de pesquisas e sentia que não era bem-vindo pelos pares naquele ambiente. Até que recebeu um telefonema do seu chefe informando da denúncia anônima de que ele não ministrava aulas há três semanas.

Nesse momento ele admitiu que precisava de ajuda profissional diante da tristeza que o abateu por ser acusado de algo que não era verdade. *“Muitas das vezes quando você vai buscar ajuda você já está bem avançado. Avançado eu digo da tristeza mesmo, da tristeza profunda.”* Lucas complementou:

*E quando as pessoas falam isso é frescura, é não ter o que fazer. Muitas das vezes eu disse isso um dia. E eu passar por isso: Eu preciso de ajuda? Diversas vezes falei para os meus amigos que estava tudo bem e não estava. A minha aparência física mostrava. Eles conheciam um Lucas alegre, que topava tudo, vai pra frente, leva e tal. E de uma hora para outra se você dissesse: Ei, não vai dá certo. Eu dizia tudo bem. Eles perceberam que houve essa mudança.*

Parece que Lucas fazia um grande esforço para demonstrar aos(as) amigos(as) que estava bem, que não era “fraco”, mas ele também reconheceu que sozinho não conseguiria lidar com suas emoções, ou seja, com o momento de mudança, e o início do projeto de vida em outra cidade. Algo tinha escapado do seu controle; mesmo com doutorado e com a melhor performance no concurso, quando todos(as) desacreditavam dele, inclusive ele próprio, o investimento feito até ali não era satisfatório.

A vida de Lucas parecia muito organizada e “controlada” até o momento que antecedeu as ideações de pôr fim à vida. A ideia de que não era possível controlar suas emoções e os acontecimentos inesperados “tirou seu chão”, levou-o a se sentir fraco. A “fraqueza” sinalizava que ele não era tão “forte” como imaginava e nem tudo podia ser controlado.

Ao ser indagado sobre “Como era se sentir fraco?”, Lucas respondeu:

*Eu me sentia fraco porque não conseguia contar para os meus amigos. Não conseguia contar para todo mundo o que tava passando e eu precisava de ajuda. Eu percebi que todo mundo tem suas vidas, seus problemas, por que vai se preocupar com meus problemas? Eu me senti fraco nisso porque sempre gostei de ficar rodeado com meus amigos e nesse momento eu não posso. Não sentia confiança de falar. Sentir fraco é eu não conseguir ver nenhuma solução no futuro que eu não pudesse resolver.*

Assim como Jonas, Lucas tinha sua vida centrada no controle, no desejo de ser forte diante das dificuldades. No entanto, o modo de agir deles é diferente. Jonas recorreu aos(as) amigos(as) para sair da crise (ideações de pôr fim à vida) e aprender a lidar com a situação. Ele fez questão de compartilhar com seus pares e amigos(as) a situação que vivenciou, não tinha preconceito em abordar a temática. Já Lucas teve

dificuldade inicialmente de buscar ajuda profissional, por achar esse tema tabu entre os(as) amigos(as) e perceber que não tinha controle da situação, que se sentia fraco, sem perceber uma solução no futuro.

Lucas estava tomado pela vergonha de não estar bem, de não responder às suas expectativas e às dos(as) amigos(as)? Para ele, que estava no topo da carreira, parecia existir uma coação para responder ao paradigma da produtividade, da premissa “ser produtivo e feliz”? Para Han (2017a), o sujeito do desempenho está esgotado e luta consigo mesmo.

“Sentir-se fraco” remete também ao modo como Jonas se sentiu diante das ideias. A fraqueza sentida por ambos parece apontar para um estranhamento diante das adversidades. Lucas e Jonas como professores pesquisadores eram produtivos e proativos, e ao serem tomados pelas adversidades não conseguiram fazer parar as ideias, o que os deixava apavorados.

Sentir fraqueza é um modo de lidar com a angústia da dor de existir? As ideias surgem como uma saída para lidar com as adversidades do existir? Dar cabo à própria vida apontava para um modo de controlar o que não se pode controlar?

Ele contou o diálogo com o seu psicólogo sobre “sentir-se fraco”:

*Uma vez eu falando para o meu psicólogo **eu não tenho o controle da situação. Eu tenho raiva de mim porque isso saiu do meu controle. Não tô conseguindo controlar essa situação** [grifo nosso]. E ele me disse: Lucas, nem tudo precisamos ter controle. Mas isso aqui tá fora do meu controle e quando algo tá fora do meu controle eu me sinto fraco. Sabe quando você não consegue resolver. Quando você não tem como resolver. Na minha vida, Andréa, eu sempre consegui o que quis, eu batalhei, eu fui, eu consegui. Tem que fazer o quê? Ler dez livros para fazer uma prova, eu ia lá e lia os dez. São*

*situações que eu controlo. Aí você tem que ficar um ano sem sair no fim de semana com seus amigos para estudar todo fim de semana, eu controlo. Mas a situação em que desses pensamentos, dessa tristeza, de sair desse lugar que eu queria sair não estavam em meu controle.*

O modo de cuidar de si de Lucas diz de uma tradição ocidental, do mundo técnico em que vivemos, que exige respostas rápidas e eficazes para atender às demandas impostas. Esse parece ser o mundo que Lucas compreendia! Ele dava conta das solicitações e alcançava um bom desempenho, como é esperado no mundo contemporâneo. Mas a situação adversa que lhe foi imposta não era a esperada, pois seu projeto de vida era para dez anos, em um novo trabalho, em moradia no sul do país! Isso estava sendo impedido por pessoas que ele não sabia quem eram ou porque faziam aquilo, pois segundo Lucas a denúncia era anônima e mentirosa.

Como era para Lucas lidar com o inesperado, diante da situação ameaçadora por não conseguir controlar o que os seus pares diziam sobre ele? Como era difícil lidar com o inesperado, com o sonho que desabou ao chegar em uma universidade onde não se sentia acolhido e reconhecido pelos pares. Assim como Jonas, ele parecia muito focado nos seus objetivos e metas a serem cumpridas. Ele vestia a camisa do “sujeito do desempenho”, conseguia obter boa performance em seus projetos, como por exemplo, aprovação em primeiro lugar no concurso.

E agora, quando aparentemente tudo estava sob seu controle, sentia-se fraco e triste. Algo escapara do seu controle! Ele percebeu que o controle é uma ilusão, que a vida é imprevisível e transitória. Diante da falta de sentido para sua vida, já que seu projeto da docência não podia acontecer e por reconhecer que não tinha controle sobre tal possibilidade, Lucas depara com o vazio de sentido, solo propício para o despertar da angústia. A angústia é uma disposição afetiva que acompanha Lucas

em seu modo de ser diante das adversidades da existência. No entendimento de Borges-Duarte (2021a):

Se, angustiosamente, descobrimos a ignota ameaça do que não é à maneira do que está à mão ou do que podemos ter em mente; se tediosamente, sofremos a invasão da pura presença, que anula toda(s) a(s) diferença(s) – se e só se nos encontramos com o estranho, no meio do ente, à beira do qual ocupamos o nosso tempo nos afazeres ou no ócio, só então, na tácita facilidade do decurso cotidiano, nos despertamos para o que, para além do ente, nos deixa ser à maneira do “aí” que somos: o ser enquanto acontecimento e apropriação originária, misterioso e, portanto, talvez, perigoso, mas, em qualquer caso, não redutível ao facticamente, pesadamente, já acontecido e visível aí-adiante. (p. 136)

É no encontro afetivo com o mundo, no tom que somos afinados a cada dia, que o *Dasein* em suas possibilidades de ser se revela e se oculta. Como cita o poeta Vinicius de Moraes (1960): “A vida é a arte dos encontros, embora haja tantos desencontros.”

### ***Quando os(as) Amigos(as) Atrapalham mais que Ajudam***

*Você tá no topo da carreira, no topo da vida, você tem tudo que queria e tem muita gente que gostaria de estar onde você está.*

- Lucas, comunicação pessoal

Lucas conta que, apesar da sua dificuldade em compartilhar com os(as) amigos(as) o que se passava com ele, percebia que, ao fazer isso, alguns(umas)

deles(as) não compreendiam a situação.

*Imagine você desabafando com uma pessoa e ela fala para você: “**Você tá no topo da carreira, no topo da vida, você tem tudo que queria e tem muita gente que gostaria de estar onde você está**”. Então, e eu não posso sentir **isso porque estou aqui?** [grifo nosso]. Não posso passar por problemas não? É um contexto que você avalia aquela palavra que vem tão cheia, carregada de responsabilidade, que você tenta aliviar, mas que voltou mais pesada.*

Os(as) amigos(as) não conseguiam compreender que Lucas poderia não estar bem. Embora no topo da carreira, sentir tristeza faz parte da condição humana. Além da cobrança do próprio Lucas em não se permitir “fraco”, ainda lidava com a falta de apoio dos(as) amigos(as), pois atribuíam a ele um maior peso pelo fato de estar no topo da carreira, e, agindo assim, atrapalhavam mais que ajudavam.

A fala dos(as) amigos(as) de Lucas reproduz um discurso social do impessoal: Ele tinha um emprego público desejável, uma carreira brilhante pela frente, “*muita gente que gostaria de estar onde você está*”. Ele estava sendo visto como uma peça na engrenagem, que não podia parar, acabara seu doutorado e parecia ter muito “gás” ainda para queimar.

Para Heidegger (2012b), em sua conferência *A questão da técnica*, a ameaça que pesa sobre o homem não vem das máquinas e equipamentos técnicos, mas já atingiu a essência do homem. “Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem.” (p. 12).

Lucas iniciou uma reflexão sobre o cuidado da existência para além da técnica - um peso relevante em sua vida laboral. Ele começou a se questionar como sendo uma engrenagem a serviço da técnica, que atua na exploração extrema do humano.

Ele funcionava no modo impessoal até o momento que passa a questionar seus(uas) amigos(as) sobre outros modos de ser-com no mundo. Diz ele: *“E eu não posso sentir isso porque estou aqui? Não posso passar por problemas não?”*

No momento em que Lucas colocou em jogo os questionamentos dos(as) amigos(as), conseguiu quebrar o preconceito de buscar ajuda, dando início a um processo terapêutico e psiquiátrico.

No entanto, suas questões continuavam sendo um peso em sua vida. Ele contou dos olhares de crítica dos(as) colegas(as), como se não bastasse a sua própria régua de cobranças. Em que medida o modo de ser professor é um peso? Além do contexto histórico que vivenciamos de negação da ciência, da redução significativa de bolsas e projetos de pesquisas, o(a) professor(a) é cobrado(a) pelos(as) amigos(a) para estar bem, “afinal ele está no topo da carreira”, como se essa fosse condição que o(a) deixasse isento(a) do sofrimento humano, tendo em vista a exigência de alta performance no mundo universitário.

Para Lucas, a carreira acadêmica era seu projeto de vida para os próximos dez anos. Fez disso o centro da sua vida, sua trajetória sempre se pautou pelo sucesso na vida laboral. Trabalhou por dezesseis anos na indústria, além de lecionar no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), e era sempre reconhecido como excelente profissional. Tudo estava sob controle. Quando, de repente, seu projeto de vida foi ameaçado. Ele não podia controlar os acontecimentos, como a denúncia de que não estava ministrando aulas, a hostilidade dos pares e as cobranças recebidas.

A ideação do pôr fim à vida ressoa em Lucas como uma possibilidade de controlar uma situação adversa, que não dependia de seu controle. Não estava ao seu alcance controlar o modo como os(as) outros(as) lidavam com ele. Dar cabo à

vida seria um modo de fugir de não ter que assumir a decisão de que era difícil lidar com a rivalidade e a competição? Diante de tais dificuldades, um modo de resolver era não assumir a decisão de lutar pelo seu espaço, conquistado com esforço e empenho.

Ao consultar o diário de afetações, observo que Jonas também demonstrava essa vontade de controle diante das adversidades da vida. Será que a tradição de ser professor(a) pesquisador(a) de uma universidade pública diz de um suposto “senhor” que tudo controla? Seria essa uma possibilidade que perpassa pelos docentes?

### ***Quando o Projeto de Vida Desmoronou!***

*Estou sendo perseguido. Não sei se é pela questão da xenofobia. Não querem nordestino aqui dentro da região mais alemã.*

- Lucas, comunicação pessoal

Lucas contou que estava dando “*tudo certo*”, que estava “*tudo sob controle*” como docente em outro estado, já tinha comprado um carro e um apartamento. Fez questão de afirmar que sempre gostou de ser professor, e de como se sentia bem com a acolhida de seus(uas) alunos(as) às aulas. Mas de repente recebeu uma ligação do chefe:

*A primeira situação que eu fiquei mais constrangido foi quando um professor chefe do departamento ligou para mim perguntando: professor, onde você está? Eu disse: professor, estou na cidade. Ele disse: professor, eu tenho uma denúncia, tenho um e-mail aqui da vice-diretora do campus que ela tá pedindo*



*para eu tomar providências que o senhor está há três semanas ausente da sala de aula.*

Ele continuou sobre o diálogo que estabeleceu com o seu chefe:

*Eu disse: como assim, professor? Eu estou há três semanas sem dar aula? Eu estou com uma denúncia anônima de três alunos e três professores que você não aparece há três semanas. Ele falou você tem que tomar cuidado, tá, em estágio probatório a gente vai ter que descontar em folha e provavelmente abrir um processo administrativo contra você, porque isso não é permitido.*

Esse telefonema foi um acontecimento na vida de Lucas, “*Naquela hora que ele puxou meu tapete eu fiquei sem chão* [grifo nosso].” Seu mundo caiu após receber a ligação. Ele estaria sinalizando a falta de um abrigo? Eles eram convocados a um desalojamento por parte da academia, existia um desamparo em relação à docência? Heidegger (2012b) nos lembra que o homem é à medida que habita. Lucas não se sentia pertencendo àquela instituição, ao mundo acadêmico, seu projeto de vida perdera sentido.

Para ele, que estava na cidade ministrando suas aulas normalmente, aquela situação era inadmissível. Além disso, o fato de responder a um processo administrativo poderia prejudicar a avaliação do seu estágio probatório.

Lucas contou como se sentiu a partir desse fato:

*Eu fiquei uma noite inteira sem dormir e ficava, meu Deus, estágio probatório, se um processo administrativo instaura eu sou exonerado imediatamente. E aí comecei a perceber que dentro do curso onde eu estava as pessoas fingiam que estavam gostando da minha atuação. Aí eu comecei a perceber que tinha gente de outro curso que passava por mim que gostava... era uma universidade que estava começando... então as pessoas se encontravam e eu*

*faço amizade muito facilmente, Andréa, particularmente gosto muito de interagir. E os meninos falaram o que tá acontecendo, Lucas? Houve um e-mail aqui que soltou para todo departamento que você tava faltando. O quê? Rapaz, todo mundo recebeu esse e-mail. O que aconteceu, você tá sendo exposto a essa situação? Aí foi virando uma bola... aí parece que foi uma luz que veio em mim: As listas de presença.*

O projeto de vida de Lucas estava desmoronando como um castelo de areia na praia quando as ondas do mar o derrubam. Apesar de ter feito um projeto de vida, ele não se deu conta de que o mesmo não se pauta apenas pela linearidade do tempo cronológico, medido pelos ponteiros do relógio, mas também pelo ser-com que se dá nos encontros e desencontros que atravessam a existência.

Lucas havia se colocado a caminho de outra cultura, em uma região completamente diferente da sua, para um novo habitar, distante dos familiares e amigos(as), com o objetivo de realizar seu sonho.

E, ao perceber que esse projeto estava ameaçado, que ele não tinha controle sobre os acontecimentos, foi tomado por um desespero, faltava “chão” - como pertencimento, uma vez que o planejamento de seu projeto de vida agora parecia não fazer mais sentido. Ainda estava em estágio probatório, com risco de ser exonerado. Lembrou que tinha as listas de presenças e teria como provar que ministrou todas as aulas. Exigiu uma reunião com o chefe e o vice-chefe do departamento; precisava compreender o que estava acontecendo. Lucas continuou:

*E com essa relação eu cheguei para ele e disse: não sei o que tá acontecendo, eu fui exposto de tal forma aqui que eu estou com vergonha. Pelo que entendi, o e-mail foi uma denúncia de pessoas anônimas que não fazem parte da minha turma e de professores parecem que é do meu curso. Que é isso, gente?*

A vergonha sentida por Lucas aponta para a humilhação sofrida, para uma prática de poder do mundo acadêmico. Como afirma Tiburi (2021), os “humilhados sobrevivem envergonhados ou tímidos no magma do ressentimento e da ofensa que não podem ser elaborados.” (p. 170).

Lucas, mesmo envergonhado e humilhado, conseguiu questionar a denúncia e entregou as cópias das listas de presença assinadas pelos(as) alunos(as), e informou que levaria a situação para o diretor do campus, pois a acusação da qual ele era alvo tinha que ser provada: “*vocês vão ter que provar que eu estou errado. Eu não tenho que provar que eu estou certo não.*”

Continuou a narrar o diálogo com o chefe:

*Aí ele disse: homem, pelo amor de Deus. Não, professor! **Eu disse: estou sofrendo perseguição, assédio e ninguém tá fazendo nada por mim** [grifo nosso]. Já comuniquei a você o que tá acontecendo aqui. Eu não tô conseguindo acesso para laboratório, bolsa de pesquisa, porque tem um grupinho ali... enfim, era um contexto inteiro que já tava pesando, e aí nessa hora caiu.*

Como permanecer junto aos outros quando o que vigora é a perseguição e o desamparo? Como permanecer na paz de um abrigo inóspito? Para Heidegger (2012b), habitar é um traço fundamental do humano, compreendido como ser trazido à paz de um abrigo, tudo que Lucas não encontrava no seu novo ambiente de trabalho.

Embora Lucas tenha conseguido provar que ministrou as aulas, existia uma situação para além da denúncia anônima. Ele vivia sob constante pressão, em um cenário de obstrução ao seu trabalho como docente e de perseguição pelos seus pares, inviabilizando sua atuação no departamento. Esse acontecimento foi um

divisor de águas na carreira acadêmica de Lucas. Para ele seu projeto de vida desmoronou e se sentia humilhado.

Para Lucas, parecia existir um grupo que detinha o poder, oprimia e humilhava; o trabalho passou a ser um peso na sua existência.

Ele continuou:

*Quando eu fui para casa fui chorando, cheguei chorando e passei a noite sem dormir, e eu olhava para aquele apartamento. Pronto, vou ser exonerado, tô dívida enorme aqui na cidade. como é que vou fazer? Foi uma tempestade de pensamentos na minha cabeça.*

Como habitar espaços que não ofereciam paz e amparo para desenvolver suas atividades laborais? O apartamento comprado para uma vida planejada, antes sinal de paz e felicidade havia virado um problema, pois precisava vender.

Lucas encontrava-se desalojado e estranho ao seu projeto de vida. Amava ministrar aulas, gostava de recordar que os(as) alunos(as) diziam ser ele um “bom professor”. Mas agora se sentia diferente. Naquele momento começaram a surgir as primeiras ideias de pôr fim à vida, pois além de o projeto de docência estar em risco, tinha dívidas com a compra do apartamento na cidade onde foi morar. Essa situação prejudicou suas aulas, como ele contou:

*Meus alunos olhavam para mim depois do acontecido e diziam: professor, me desculpe, sua aula tá muito ruim. Aí eu perguntava: Por que você acha que tá ruim? Professor, que não é você que tá dando aula, parece outra pessoa. Eu já fui sua aluna e não é você. Eu disse: tô passando por um problema aí e tal. Os próprios alunos perceberam.*

Lucas estava afetado por aquele acontecimento, os(as) alunos(as) perceberam e procuraram dar apoio, contudo ele me contou que preferiu se manter

distante e evitar sair com alunos(as). Estava encapsulado, preso em si mesmo pelo cenário de perseguição, de extrema pressão. Isso o fazia ficar cada vez mais isolado das outras pessoas.

Assim, decidi procurar mais uma vez o diretor para falar sobre a denúncia:

*E aí ficou muito difícil para mim aquela situação, todo dia vendo aquilo ali. Aí eu fui para o diretor e ele disse que a vice-diretora tinha razão de acatar essa denúncia. Eu falei: olhe, tudo bem. Tirei cópia de todas as listas e mandei secretária dele conferir com original e carimbar e entregar para ele. Professor, infelizmente não sei o que fazer. **Estou mostrando para o senhor já é a segunda ou terceira vez que estou vindo aqui e estou dizendo que estou sendo perseguido. Não sei se é pela questão da xenofobia. Não querem nordestino aqui dentro da região mais alemã. Eles diziam que era região mais alemã do Brasil. Então eu senti isso muito forte, a xenofobia, lá mesmo.** [grifo nosso]*

A região descrita como mais alemã do Brasil espelha também os traços da colonialidade? Sabe-se que a colonização não existe mais no país, contudo, como pontuam Maciel et al. (2022), “a colonialidade perpetua uma lógica colonial de genocídio e aniquilamento subjetivo, que incide em nossa localização geográfica, em nossos acessos institucionais, em nossas concepções, nossos valores, em nossas subjetividades” (p. 56).

Lucas apontava para uma situação de xenofobia por ser nordestino em meio aos sulistas, que se achavam “poderosos” por serem os(as) professores(as) mais antigos(as) da instituição, e “julgavam” que mereciam fazer parte da comunidade mais alemã.

Para Trzan-Ávila (2022):

A colonialidade, em poucas palavras, para além do processo histórico de invasão e violência datadas historicamente, é a manutenção até os dias de hoje de um domínio por meio da colonialidade que está expresso nas estruturas de poder e opressão, que determinam quais conhecimentos e saberes são “válidos ou não”, estruturas essas por meio de cuja invenção se estabelece quem plenamente representa o ser humano; representante esse que, sem dúvida, sempre se confunde nesse caso com o homem europeu, branco, hétero e cis. (p. 88)

Lucas buscou a direção para expressar o seu sofrimento diante não apenas da denúncia anônima. O professor já havia procurado a coordenação do curso outras vezes para dizer que não estava encontrando as mínimas condições de trabalho, como um computador para suas atividades laborais, pois usava o seu, e quando questionava: “*É o segundo ano que solicito um computador*”, diziam: “se vire”.

Para ele a xenofobia estava em questão. Percebia claramente a discriminação por ser nordestino em uma região do sul, a vida na academia era difícil, até mesmo o acesso ao laboratório e às bolsas de pesquisas eram restritos a um grupo de professores(as). Tiburi (2021), em seus estudos sobre a psicogeopolítica da colonização, diz do modo de relação em que entra em jogo o lugar que habitamos e como somos vistos uns pelos outros. Como exemplo, a autora cita os preconceitos relacionados a regiões inteiras como do Ocidente sobre o Oriente, ou do Sul sobre o Nordeste brasileiro e seus habitantes.

O professor me contou que os pares mais antigos do seu departamento eram vistos pelos(as) colegas professores(as) como “senhores do feudo”. Eram os(as) três primeiros(as) professores(as) contratados(as) e se achavam diretores(as) do campus.

Para Lucas, o fato de ter se destacado no departamento, conseguindo doação de máquinas para montar um dos laboratórios teria incomodado muito os seus pares.

Maciel et al. (2022) comentam em seus estudos que o meio acadêmico brasileiro foi fundado única e exclusivamente por mãos brancas europeias, “sujeitos [que] inseridos na discussão do saber não só decidem que saberes são, de fato, racionais e, portanto, legítimos, como também excluem e pormenorizam saberes não oriundos desse mesmo campo científico” (p. 69).

Nesse mesmo sentido, Carvalho (2020), ao falar sobre a mentalidade colonizada da universidade brasileira, afirma que “A condição de criação mesma das nossas universidades foi colonizada. Nossa elite branca trouxe uma elite acadêmica europeia branca para fundar uma universidade estritamente nos moldes das universidades ocidentais modernas.” (p. 84).

Recorro ao meu diário - algumas perguntas me intrigam meses depois de ouvir novamente a entrevista: Lucas sentiu na pele toda a branquitude que fundou e tomou conta de nossa academia, impondo saberes europeizados, que exclui e não dá voz aos diferentes?

Apesar de Lucas não se declarar como um homem negro ou fazer qualquer referência à cor da sua pele, questionei-me: A cor da sua pele pode ter influenciado na situação que ele viveu?

A mentalidade colonizada da universidade brasileira, ou, segundo Carvalho (2020),

[O] mito racista e xenófobo, resultado dos imperialismos, colonialismos e da escravidão atlântica dos séculos anteriores, foi transplantado para o Brasil na criação das nossas primeiras universidades. . . . Nossa colonização mental foi ainda mais completa porque o espaço social no qual as universidades se

instalaram era inteiramente branco, o que facilitou a identificação dos nossos acadêmicos com seus pares (brancos) europeus. (p. 85)

Para Kilomba (2020), a universidade não é um espaço neutro nem apenas de conhecimento e sabedoria, ciência e erudição, mas se constitui também em um local de violência. Para que horizonte aponta a violência sofrida por Lucas na academia?

### ***A Cobrança por Produtividade***

*Você tem que produzir artigo e você não tá fazendo nada.*

- Lucas, comunicação pessoal

Para Lucas, os pares exerciam cobrança por produtividade em diferentes momentos. Esse parecia ser o modo dos(as) colegas de pressionar Lucas para desistir do seu projeto, afinal como um nordestino tinha conseguido aprovação em primeiro lugar? Isso possivelmente teria retirado a vaga de um sulista.

*Meus colegas me chamavam para almoçar no shopping e chegava lá e diziam fulano pediu para eu conversar com você **porque você tem que produzir artigo e você não tá fazendo nada** [grifo nosso]. Eu dizia gente estou no segundo ano de atividade. Acabei de ingressar aqui e estamos tentando reestruturar o curso, fazer plano pedagógico. A gente tá tentando buscar vaga de estágio, fazer parcerias com empresas, buscar material para dentro da universidade. Aí batia pesado em mim. Tudo gente do campus central, que tinha acesso a todos os laboratórios. Eu tinha chegado de Natal e não tinha acesso a nada.*



Lucas, além de ser visto como uma peça na engrenagem, que precisava produzir, sofria extrema pressão pelos pares por xenofobia.

Parecia não serem levadas em conta as demais atividades realizadas como docente. O clamor se fazia para cumprir a lógica da produtividade da qual as universidades são alvo, consistente em produzir mais e mais, num imperativo neoliberal em prol do capitalismo universitário, como cita Santos (Santos & Azevedo, 2019) em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU) On-Line: o neoliberalismo penetrou na universidade com maior ênfase nos anos mil novecentos e oitenta, ao expandir-se como capitalismo universitário, provocando uma inversão de valores, ao desviá-la da condição de bem comum para a de investimento lucrativo.

Como era viver em uma universidade sem apoio dos(as) colegas de profissão, distante da família e dos(as) amigos(as)? A cobrança se dava por todos os lados, como se fosse um boicote para desabilitá-lo do campus acadêmico? Como lidar com as atitudes xenofóbicas de seus pares que estavam fora do seu controle? Como produzir sem ter condições mínimas de trabalho? Em que medida o ambiente de trabalho influenciou em suas ideias de dar cabo à vida?

Para Lucas havia um peso enorme a ser carregado no ofício de ser professor(a). Ele contou que conseguiu uma doação de máquinas da Polícia Federal para o campus e como isso afetou sua vida acadêmica.

*Ficou tão à vista no laboratório que tinha sido eu que tinha conseguido, que essas máquinas estavam lá. Já tinha sido pauta de reuniões. Não tinha como eles negarem. Todo mundo tava cobrando, na época escassez de recursos e máquinas sendo doadas, não tinha como a universidade negar e teve uma hora que eles cobraram tanto que essas máquinas chegaram. Quando essas máquinas chegaram acabou meu sossego. Acabou de novo meu sossego. Por*

*que eles mandavam fazer projetos para concorrer ao edital do CNPQ. Gente, que é isso? Eu vou fazer... estou com dois projetos. Tem que cumprir carga horária, houve uma pressão muito forte.*

Mais uma vez recorro ao diário de afetações e percebo que o dilema vivido por Lucas de cobranças por produtividade também diz do momento que Jonas viveu, quando fez referência às ideações como sendo um período em que ambos estavam absortos em trabalhar e esquecidos das outras dimensões da existência.

Lucas contou que esse episódio agravou a cobrança por produtividade e cada vez mais era explícito que os(as) professores(as) o evitavam, até mesmo nos corredores, e começou a ouvir dos(as) seus(uas) alunos(as) relatos para ter cuidado com alguns(umas) professores(as), pois estavam falando “mal” dele. Para ele, a chegada das máquinas era demais para os “senhores do feudo” e, diante disso, sua saída estava decretada: *“Um nordestino conseguindo coisas que a gente não conseguiu. Não tem cabimento. A gente tem que tirar!”*

Ao ouvir Lucas sobre o excesso da pressão sofrida e o peso da humilhação, lembrei do suicídio do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no ano de 2017, que deu cabo à sua vida após dezoito dias da sua prisão. Ele foi acusado sem provas na investigação nomeada *Operação Ouvidos Moucos*, da Polícia Federal, num suposto desvio de verbas destinadas ao ensino a distância.

No livro *Recurso final: A investigação da Política Federal que levou ao suicídio de um reitor em Santa Catarina*, do jornalista Paulo Markun (2021), podemos compreender em que medida um contexto de extrema pressão e humilhação, como o ao qual foram expostos cinco professores e o reitor da UFSC, motivou o ato de pôr fim à vida.

A operação teve repercussão nacional nas principais mídias. Foi considerada de caráter espetaculoso, por envolver mais de cem policiais para prisão coercitiva e afastamento dos docentes da universidade, e ter influenciado para que o reitor pulasse do sétimo andar de um shopping em Florianópolis. O reitor deixou um bilhete no bolso com estes dizeres: “A minha morte foi decretada quando fui banido da universidade.”

A pressão exercida sem provas, assim como a prisão de maneira arbitrária e a vergonha pública em âmbito nacional por ser acusado como responsável pelo esquema criminoso, foi de um peso insuportável para o reitor.

No livro citado, o seu filho afirmou não ter dúvida sobre a motivação do ato:

O meu pai vivia pela vida pública dele. Ele negligenciava em diversos aspectos a vida pessoal. A vida do meu pai era a universidade. Então, eu acho que duas coisas ele não suportaria: se tirassem a universidade dele ou se alguma coisa acontecesse comigo. E uma das duas coisas aconteceu. (Markun, 2021, p. 252)

Recordo das experiências de amigos(as) e familiares que moraram na mesma região citada por Lucas, que figura como sendo um lugar de muito preconceito com os(as) nordestinos(as). Onde as relações de trabalho são colocadas pelos pares, como detentores do saber, frente aos(às) nordestinos(as), onde parece existir uma linha demarcada entre superiores e inferiores. Como é trabalhar em um ambiente tão hostil pelo fato de ser nordestino(a)? Como é habitar um lugar se não nos sentimos pertencentes, acolhidos?

Maciel et al. (2022) chamam-nos a atenção para a colonialidade presente em nossa visão de mundo e de nós mesmos(as), que nos impulsiona a compreender como inacessível o ambiente circundante. Além disso, conclamam-nos a que nos

visualizemos como parasitas em espaços em que só cabemos em posição de serventia.

A experiência de Lucas parece refletir duas dimensões: a primeira diz da sua singularidade, de como ele lidava com as situações adversas, sentia raiva e tristeza por não conseguir controlar os acontecimentos da sua vida. Nessa dimensão a ideiação do pôr fim à vida parecia ser a maneira encontrada para responder às adversidades, uma maneira de não ter que decidir, enfrentar a competição e a exclusão. Uma possibilidade compreensiva é decidir não assumir a vida que está vivendo, já que não corresponde ao projeto de vida que o levou a buscar a docência em outra região. A possibilidade de pôr fim à vida pode se apresentar como um modo de decidir não assumir a decisão pela vida que está vivendo.

A segunda dimensão diz do mundo circundante, que remete à colonialidade, que tinha como ponto de partida de alguns(umas) professores(as) o ser aquela a região mais alemã do Brasil, e da extrema pressão sofrida.

Para Santos (2022), a “Colonialidade é a ideia de que tudo o que difere da visão eurocêntrica do mundo é inferior, marginal, irrelevante ou perigoso.” (p. 18). Para o autor, o Colonialismo se perpetuou no século XXI de diferentes maneiras, “como no racismo, a xenofobia, a mão de obra escravizada” (p. 47).

### ***Quando o Trabalho é Adoece-dor?***

*Eu só vim trabalhar e acho que eles não gostaram do meu trabalho. Eu não queria desistir disso que eu conquistei até agora.*

- Lucas, comunicação pessoal

Lucas contou como estava triste com tudo que acontecia à sua volta, e que esse foi o período em que começaram as ideações de pôr fim à vida. Para ele, além da denúncia anônima, não era bem-vindo pelos pares, e seu projeto de vida tornou-se um pesadelo. Nos feriados e férias seu destino era deslocar-se para Natal (RN), pois sentia-se acolhido pelos familiares e amigos(as), algo que não encontrou no campus.

*Eu não descansava, meu cérebro ficava uma loucura, tive várias crises de ansiedade aqui em casa, de ficar chorando na varanda, de passar mal. Teve um momento que eu tava em Guarulhos, no meio do voo eu queria voltar para Natal e a aeromoça falou: você não pode, está em conexão. Eu não vou mais trabalhar naquela cidade. Ela dizia: moço, o senhor não pode voltar para Natal. Eu, chorando, dizia: deixe eu voltar para casa, eu compro outra passagem. Enfim, eu tomei uma água com açúcar e consegui embarcar.*

A tensão vivida por Lucas parece remeter a uma angústia que se revelava no modo como ele se encontrava, alternando sintomas como tristeza, ansiedade e medo. Para Heidegger (2012b), “A angústia não é somente angústia diante de..., mas, como encontrar-se, ela é ao mesmo tempo *angústia por...* Aquilo por que a angústia se angustia não é um *determinado* modo-de-ser ou uma determinada possibilidade do *Dasein*.” (p. 525).

Logo ele, que em sua vida anterior como professor e trabalhador da indústria conseguiu êxito e reconhecimento em seus projetos, estava agora sentindo-se perseguido e sofrendo pressão por mais produção. As ideações ganharam força à medida que trabalhava em meio a um ambiente hostil e pesado, como narrado por ele.

Lucas contou que quando ainda estava no voo, um senhor teria dito assim para ele:

*Você tá com cara de boi que vai para o matador [risos], eu olhei para ele e disse: bem isso [risos]. Ele disse: você não gosta de [nome da cidade]? Eu disse: não. Ele disse: é uma terra muito difícil. Ele era de São Paulo. Ele disse: realmente é uma terra muito difícil, você tem que ter coragem, principalmente se você é nordestino. Eu disse: sim, eu sou.*

A xenofobia dita por Lucas estava de fato sendo reconhecida pelo senhor sentado ao seu lado, que presenciava a sua crise de ansiedade? Em que medida ser nordestino afetou as relações de trabalho de Lucas? Seu projeto de vida tinha sido ameaçado por ser nordestino?

Lucas contou que um dia encontrou a assistente social da universidade e ela teria pedido para conversar a sós com ele. Foram até sua sala de atendimento, e, para sua surpresa, ela teria feito a seguinte indagação: “*Professor, o que tá acontecendo? O senhor não é assim. Você era uma pessoa alegre*”. Ele se sentiu acolhido, finalmente encontrara alguém da instituição disposto a ouvir sobre seu sofrimento.

Ele contou o que a assistente social lhe disse:

*Busque uma ajuda profissional, professor. Vou pesquisar aqui, já tem alguns professores que fazem terapia. Eu disse: como assim? Tem professores que já fazem terapia? Ela disse: tem onze professores aqui com problemas. **Eu não queria falar isso não, mas é normal o professor sentir isso** [grifo nosso]. Ela mostrou esses números para me encorajar. É normal o professor sentir isso.*

Como compreender a orientação de procurar terapia? Havia uma naturalização do sofrimento dos(as) docentes naquele espaço acadêmico? Lucas seria apenas mais um professor a necessitar de ajuda profissional? O sofrimento parece ser compreendido como algo que diz apenas da experiência singular do humano, como se a dimensão institucional também não tivesse qualquer influência no sofrimento dos(as) professores(as).

A terapia serviria como modo de tamponar o assédio e a xenofobia? Mas o que havia naquele ambiente de trabalho que estaria levando onze professores(as) a necessitar de terapia? O clima organizacional não era saudável. A instituição lidava com aquelas situações de assédio moral entre os pares como sendo exclusivas da dimensão individual.

Lucas seguiu a orientação e marcou uma consulta com o psicólogo sugerido, dizendo-me, em meio a risos, que ouviu que era o décimo primeiro professor que ele atendia no seguinte diálogo: *“Você é da UF? Eu disse: sou. Ele falou: mais um da UF.”*

Ele era mais um(a) professor(a) encaminhado(a) pela assistente social para acompanhamento com psicólogo(a), como se isso fosse algo normal e motivado por questões internas. O contexto organizacional em nenhum momento foi colocado em questão por esses(as) profissionais? E assim seguiu Lucas a partir daquele momento, acompanhado por psicólogo(a) e psiquiatra, tendo este último receitado medicação que o impediu de dirigir e de ministrar aulas.

Em seguida, começaram os afastamentos para licença da saúde, iniciados por trintas dias. Para Lucas, a cidade onde trabalhava representava tudo de ruim que acontecera em sua vida. E seus pensamentos eram: *“Como me livrar daquilo? Pedir*

*exoneração? Eu buscava caminhos e meios mais rápidos para não voltar àquele lugar.”*

Ele começou a dialogar com o seu sofrimento, “*eu consegui e agora [tenho que] jogar tudo pela janela e fazer a vontade deles?*”. Como poderia lidar com aquele acontecimento que mudou a sua vida? Ele explica: “*Eu ficava muito assim, sabe, eu queria sair daquela situação, mas não encontrava. Se eu saísse como achava que era o certo, mais rapidamente eu estaria fazendo o gosto dele. E eu não queria, de certa forma.*”

Lucas, ao colocar em jogo o seu modo de ser, parece ter descoberto que poderia buscar outros modos para resolver aquela situação que tanto o perturbava, sem renunciar ao sonho de ser professor universitário. Conseguiu vender o apartamento e se mudou para um apart-hotel, descrito como “*horrível, cheiro de mofo, móveis antigos*”.

As ideias do pôr fim à vida continuavam a cada retorno para a cidade onde exercia a sua profissão. Ele contou que um dia, em uma sessão, o psicólogo perguntou: “*Como está a situação? Figure isso para mim*”. Lucas respondeu:

*Rapaz, eu tô me sentindo em uma estrada carregando uma caixa muito pesada e não consigo ver o final dessa estrada [grifo nosso]. Ele falou: vamos abrir essa caixa? Eu falei: abro não, tô com medo de entrar mais peso, deixe ela como está aqui, no meio do caminho eu resolvo o que faço com ela.*

Como seria sua vida se continuasse ali sem apoio e reconhecimento dos pares? O peso da caixa na estrada seria o peso da sua existência diante daquela experiência?

Lucas não conseguia deparar com o conteúdo, possivelmente representava suas experiências não tematizadas. Para ele seria uma temeridade abrir a caixa.



Desse modo, preferia continuar caminhando sem refletir sobre o peso que carregava - enfrentar os desafios que se apresentavam na universidade. Resolver o que fazer “no meio do caminho” pode se mostrar como um se “desfazer da caixa”, no caso de Lucas, dar cabo da própria vida?

O peso da caixa na estrada parecia insuportável diante da rejeição sofrida no trabalho. O diálogo seguiu e Lucas reproduziu sua narrativa durante a mesma sessão:

*Não tem saída para mim, eu não aguento, eu sei que tudo isso aí foi coisa minha, eu consegui chegar aqui, mas se não der para recomeçar, paciência. Ele olhou para mim e disse: como assim, se não der? Eu vou desistir, paciência, não consigo ficar aqui, se não consigo voltar para a universidade, não vou ficar sujeito a uma situação dessa. Eu não vou.*

Ele havia expressado seu desejo de antecipar a morte, caso não conseguisse sair dali. Estava exausto, e parecia não ter mais forças para continuar. A ideiação estava presente e forte naquele momento, embora não fosse o que queria, mas o peso de lidar com tudo aquilo parecia intolerável.

Permanecer no lugar que todos almejavam, mas que trazia sofrimento, e ainda lutar contra os preconceitos ou decidir investir em outro modo de ser, qual caminho seguir? Angustiado, planejava dar cabo à vida por não decidir investir em outro modo de superar as adversidades que se impunham. A antecipação da morte seria uma decisão para não ter que decidir como viver diante de um mundo hostil?

Após a sessão com o psicólogo, disse que foi para o apart-hotel. “Comi uma torrada, e aí olhei para a cama toda desarrumada, bagunçada e eu não gosto, eu tenho TOC, minha cama tem que estar toda arrumada, os travesseiros arrumadinho.” Lucas contou que pegou uma cartela de medicamentos de que fazia uso, com oito a nove comprimidos, colocou-os em um copo americano com água e ficou ali olhando.

*Eu morava no 6º andar e ficava olhando da janela. Se eu pular daqui eu não quero cair em cima dos carros, porque não quero prejudicar ninguém que não tem nada a ver com a minha história. Acho realmente melhor tomar o coquetel e deitar. Vou deixar a porta entreaberta. Ninguém entra em hotel.*

Ele fez um planejamento, mas ao mesmo tempo mostrava uma preocupação em controlar o seu corpo mesmo depois de morto. Será que ele queria mesmo dar cabo à sua vida? Parecia existir uma dúvida entre decidir ou não por viver.

Lucas diante daquele copo refletia sobre como lidar com a situação. Ele contou que foi naquele dia que percebeu sua ideação avançada, principalmente quando estava na cidade para ministrar aulas.

*Quando eu voltava para a cidade onde trabalhava eu ficava olhando, me debruçava na janela da varanda, só olhando para baixo. Meu Deus, se eu pular? Mas eu tenho que pular com algum tipo de documento, não posso pular assim... até me acharem, me identificarem, tenho que ter documento comigo. Como será meu transporte para Natal? Eu me preocupava em fazer plano funerário. O plano funerário busca e eu não vou dar trabalho para ninguém.*

Lucas tinha um modo de viver com ênfase no controle, sua preocupação ia até mesmo a como se apresentar pós-morte. Caso decidisse dar cabo à sua vida, gostaria de deixar tudo planejado.

Quando o inesperado emerge, a transitoriedade torna-se possibilidade, decide-se não decidir. É difícil deparar com situação em que não se pode prever e definir saídas já conhecidas. A possibilidade de enfrentar e encontrar saídas criativas é mudar o movimento da vida quando se é orientado por um modo de ser com ênfase no controle e não se apresentam outras alternativas.

Em que medida isso diz do seu modo de ser? Ele continuava querendo obter êxito em seus projetos, mesmo que fosse sua última produção? Han (2017b), no livro *Sociedade do Cansaço*, incita-nos a pensar até onde pode levar a busca incessante pela lógica do desempenho ao afirmar que “O sujeito do desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (Burnout). Ele desenvolve nesse processo uma autoagressividade que não raro se agudiza e desemboca num suicídio.” (p. 101).

No dia seguinte ao do copo americano cheio de comprimidos na janela, ele voltou ao psicólogo, que o encaminhou de imediato ao psiquiatra, e este o afastou por noventa dias do trabalho. Precisou passar por uma perícia médica e ficou surpreso ao ouvir:

*Rapaz, o que fizeram com você, cara? Não sei. Eu só vim trabalhar e acho que eles não gostaram do meu trabalho. Eu não queria desistir disso que eu conquistei até agora. Ele falou: não desista não. [nome da cidade] que vai perder. Vá para casa! O perito da universidade dizendo isso para mim. Vá embora, deixe eles aqui com essa palhaçada deles. Eles tão querendo ferrar você. Vá embora.*

A situação de Lucas já era notada pelos(as) profissionais que o atendiam, o peso era extremo a cada vez que precisava ir para a universidade. Sua rotina era do apartamento para o trabalho, a cada dia mais isolado, com ideações de pôr fim à vida e planejamento de findar a existência. Só aliviava quando estava em casa, em Natal, junto aos familiares e amigos(as), mesmo assim, ficava ansioso e angustiado quando se aproximava a data de retorno.

Após a perícia, e já em Natal, buscou um psiquiatra para acompanhá-lo. Estava se sentindo desamparado. O profissional se colocou à disposição para ouvi-lo, sem

oferecer sentidos para sua vida. Simplesmente se fez presente, acolheu sua dor.

Lucas contou:

*Ele olhou para mim e pegou na minha mão e disse: eu tô com você. A gente vai sair dessa. Quando ele disse isso assim, eu me senti amparado. Eu precisava na minha vida toda que alguém pegasse na minha mão e dissesse: a gente vai sair dessa. Eu te prometo que a gente sai dessa. Ele falou: próximo mês eu quero ver você. Foi um ano e meio, Andréa. Uma vez por mês, todos os meses. Ele dizia: eu não vou deixar você. Era com psicólogo e com ele.*

Lucas parecia se sentir perdido na estrada carregando a caixa pesada até ali, e no meio do caminho encontra uma luz. Ao ser atendido pelo profissional, a sua ação clínica fez diferença no modo de acolher e escutar sua dor. O psiquiatra se fez presente, disponibilizou-se a estar com Lucas, sem oferecer sentidos prévios para a vida dele. Ele finalmente sentiu-se acolhido.

Como compreender o papel da ação clínica? Como oferecer cuidado ao(à) paciente sem oferecer sentidos já prontos para sua vida? Caminhar com o(a) paciente diz de um estar junto dele(a), seja qual for sua decisão?

Interessante que Lucas, em sua narrativa, fez uma ressalva sobre ser atendido por um psicólogo com abordagem da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), sugerido por alguém. Ele repeliu de pronto: “*Não, amigo, não rola TCC comigo [risos]. Tem que ser análise mesmo.*”

Perguntei: Você teve uma experiência anterior com TCC?

*Sim, não dava para mim. Eu já conhecia TCC, trabalha muito com atividades para que você faça. E eu não queria isso, trabalha muito comportamental. Não tinha problema de comportamento. Eu queria que dissesse: vai dar certo, vai resolver. Vai acontecer isso, enfim!*

Após três afastamentos de noventa dias e outros de sessenta dias, em conversa com o psiquiatra, foi sugerido que Lucas buscasse a justiça para ser removido por motivo de saúde. Assim fez. Procurou um advogado e iniciou um processo, doloroso, lembrava todo o sofrimento. Ele pareceu ter compreendido que seria um outro modo de lidar com a situação de assédio e humilhação sofrida no ofício da docência. Lucas colocou em jogo o seu modo de ser com os outros, dando início a uma mudança de movimento, tomando, por exemplo, a decisão de procurar a justiça como meio de lidar com a situação vivida no ofício de ser professor.

Ele contou que o pedido de tutela antecipada para trabalhar na UFRN enquanto o processo de remoção tramitava foi negado pelo juiz, e teve que voltar para a cidade onde trabalhava.

No retorno, assim que chegou, as ideias voltaram.

*Voltou, assim que peguei o carro. Nessa época meu carro ainda tava lá. E eu pensava: vou para BR, que tem uma estrada aqui muito perigosa, mata muita gente. Aí eu vou enfiar o pé e entrar debaixo de um caminhão. Aí foi muita, muita coisa, eu me isolava mesmo. Pensei no carro, de novo no coquetel, de pular.*

Lucas, ao retornar ao campus, percebia de modo mais explícito que as pessoas, principalmente alguns pares, já não falavam com ele. No campus todos sabiam do seu isolamento e de sua tristeza, em alguns lugares, como na biblioteca, perguntavam: “O que está acontecendo?” Ele passou a reviver todo o sofrimento. E não conseguiu permanecer lá até o final do semestre, como gostaria. Recorreu ao médico e falou dos seus pensamentos de pôr fim à vida.

Após idas e vindas para Natal, quando estava afastado por licença médica, em busca de uma pausa para alívio da humilhação e perseguição em seu ambiente de trabalho, parece que a angústia aumentava ao retornar para ministrar aulas.

Ele contou que as ideações eram constantes quando voltou a última vez ao trabalho. Procurou um médico, conseguiu renovar o atestado por mais noventa dias, com a recomendação de retornar imediatamente para junto dos familiares.

Lucas contou sobre a ida até a universidade para entregar o atestado médico: *Andréa, juro a Deus, eu cheguei na secretária do diretor e entreguei, ela disse: Lucas, atestado de novo? Eu não acredito nisso não, rapaz! Eu olhei para ela e disse: Olhe, eu tô tentando me recuperar, mas nesse lugar não dá. Eu vou resolver minha vida. Nessa hora ela viu o que tinha falado, ela colocou a mão no meu ombro e perguntou: posso lhe dar um abraço? Eu disse: pode. Ela disse: o que fizeram com você? Vá. Vá, cuide, vá resolver sua vida.*

Em que ambiente de trabalho Lucas estava inserido, a ponto de ser questionado sobre sua licença médica? Estavam eles acostumados com a naturalização dos(as) professores(as) em terapia, como dissera outrora a assistente social? E Lucas, ao acionar a justiça, buscar os seus direitos, estava indo além, infringindo uma regra não explícita dos “senhores do feudo” ao questionar o modo de ser dos seus pares?

Lucas contou sobre a perícia judicial:

*E quando eu voltei, passei por uma perícia judicial, a médica do tribunal, e aí contei a mesma história. A médica que deu o laudo dela também disse que eu estava com uma depressão profunda, que tinha que estar perto da família para melhorar, não tinha cura. Foi o laudo do meu médico mais o laudo da médica do tribunal.*

Após tantas perícias médicas e o trâmite do processo na justiça, Lucas conseguiu, em julho de 2020, parecer favorável à remoção imediata para a UFRN até o julgamento. O magistrado entendeu que *“eles continuaram a me perseguir, não falavam comigo, e declararam mesmo que eu não era mais bem-vindo”*.

A decisão ainda não é definitiva, já tramitou em 1ª Instância, onde Lucas conseguiu êxito, mas a universidade recorreu, e por essa razão o processo encontra-se na data desta entrevista em 2ª Instância. Segundo ele, a sentença judicial sobre o seu pedido de remoção por motivo de saúde para UFRN ratificou a conclusão do perito judicial, o qual compreendeu que Lucas precisava de acompanhamento médico frequente, assim como permanecer perto da família, uma vez que *“os estressores lá encontrados possuem relação direta com o adoecimento”*.

### ***Em Jogo com a Docência***

*Quebrar esse tabu do acompanhamento com psicólogo, com psiquiatra, não vai fazer de você menos pessoa ou deixar você mais vulnerável para a sociedade.*

- Lucas, comunicação pessoal

Lucas conseguiu colocar em jogo o preconceito e buscou ajuda profissional. Aos poucos, na sua narrativa ele vai contando como o seu campo de visão se ampliou, como surgiram outros modos de lidar com o peso da caixa que carregava na estrada, que não o de dar cabo à sua vida. Ao procurar pela justiça, revela um outro modo de lidar com o ambiente hostil e árido de trabalho - não o respeitavam como docente.

Parece existir uma mudança de perspectiva ao buscar a justiça e ingressar no grupo para pessoas em depressão, em 2018, na UFRN. Ele conta como foi sua motivação para buscar o grupo.

*Vou compartilhar com professores que devem ter problemas também. Na minha cabeça, até aquele momento, professor com problemas? Não, não tem, porque precisamos da questão psicológica para trabalhar e produzir artigos. Então quando você fala que tem um problema psicológico, quem é o professor que vai querer trabalhar com você? [risos]. Tinha muito isso.*

Para ele, a participação no grupo era a possibilidade de trocar experiências com outros(a) professores(as) que também estivessem em sofrimento. Ele continuou:

*A possibilidade de vir para a UFRN e meus amigos saberem de tudo que eu tava passando, eu já chegava com um distanciamento deles. E quando eu vi que o grupo era dentro da UFRN, eu disse: eu vou conhecer, compartilhar. O grupo foi a oportunidade de chegar ali para a gente conversar, teve ioga, desenhava, conhecer pessoas ali foi muito legal. Eu sempre fazia minhas terapias em grupo. E ali era uma terapia em grupo. E também ouvi. Tinha pessoas ali que também passavam por isso. Me ajudaram a normalizar esses pensamentos. Conhecer pessoas que o filho tinha tentado suicídio, que a pessoa tinha tentado também. Você ficava olhando, assim, realmente, tem jeito, as pessoas ali diziam: olhe, eu venci.*

A participação de Lucas no grupo o retirou da solidão em que estava há tantos meses. Possibilitou-lhe refletir, ao compartilhar sua experiência sem julgamentos, nem orientações pré-definidas. Estar com outros com questões que se identificavam naquele momento com as suas, parece que o ajudou a ver um novo horizonte, a lidar com suas ideias e compreender que sofrer diz do humano.



Perguntei: Como você se sente hoje? Ele respondeu: *“Hoje eu tô melhor, mas tem aquela apreensão que fica no final do coração, batendo. Existe a possibilidade de voltar? Existe. Não é bom pensar? Não sei. Não quero pensar.”*

Lucas parece ainda ter medo, angústia de que possa surgir algum acontecimento que lhe tire do novo caminho que se espelhou em sua existência. Ele contou que se sente bem em Natal, em casa junto aos familiares e na UFRN, onde se formou e fez o mestrado e o doutorado, e agora é docente. Cessaram as ideações do pôr fim à vida e encontrou na instituição atual o acolhimento que não teve na universidade do Sul. Ele encontrou em Natal, na UFRN, a paz do abrigo e o sentido de pertencimento.

***Hoje o sentido da vida é outro. Eu vejo que eu consigo planejar, traçar metas, planejar o meu futuro*** [grifo nosso]. *Eu vou concorrer a coordenador de curso nas próximas eleições porque os meus amigos chegaram perto e disseram: você vai ajudar muito. Você gosta muito de alunos. Eu percebo muito isso. Recebi uma ligação da chefe de departamento aqui e ela disse: Lucas, eu quero parabenizar você porque nos últimos dois semestres essa turma não tinha alunos, e quando passou a ser você era um; dois alunos, e agora tem dezenove.*

Lucas encontrou na instituição atual o reconhecimento dos seus pares e a possibilidade de vir a ser coordenador de curso. Sente-se em casa, por ser filho da terra e ter estudado na universidade onde agora é docente. *“Eu fico feliz, Andréa, porque aqui eu sou útil, eu tenho laboratório para trabalhar, eu tenho alunos bolsistas voluntários, meus projetos tão saindo, tão sendo submetidos.”*

Atualmente o horizonte de Lucas na docência é outro bem diferente daquele do início de seu ingresso na academia. Na UFRN consegue desenvolver suas

atividades com prazer e se sente valorizado pelos(as) pares e gestores(as). Em que medida o trabalho pode ser adoece-dor ou prazeroso?

*Eu me sentia assim, cada afastamento era como se fosse uma barreira, uma incógnita, era um tempo para eu me recuperar, mas eu não sabia se eu ia ficar. Era um turbilhão de emoções. Mas no final, a ajuda do psicólogo e do psiquiatra, os dois juntos eles trabalham com objetivo de você externar, é um problema, mas eu vou passar. . . . Tirar esse tabu, quebrar esse tabu do acompanhamento com psicólogo, com psiquiatra, não vai fazer você menos pessoa ou deixar você mais vulnerável para a sociedade. Graças a Deus eu quebrei e tive força de quebrar e buscar ajuda, me senti fraco, me senti, não posso, não posso, vou buscar quem pode me ajudar.*

As licenças concedidas a Lucas para tratamento da saúde parecem ter sido de extrema importância. Assim como para Jonas, que também se ausentou da sala de aula por alguns meses, porque permitiu a ambos uma pausa longe do trabalho para refletir e colocar em jogo o seu modo de ser.

Nesse sentido, em relação ao tempo, Han (2021a) nos provoca a distinguir entre o tempo que tomo para mim – tempo-do-Eu e um tempo que eu dou ao outro - Tempo do outro.

O tempo que se deixa acelerar é o tempo-do-Eu. Ele é o tempo que eu tomo para mim. Ele conduz à falta de tempo. Há, porém, um outro tempo, a saber, o tempo do outro, um tempo que eu dou ao outro. O tempo do outro como dádiva não se deixa acelerar. Ele também se furta ao trabalho e ao desempenho, que sempre exige o meu tempo. (p. 41)

Lucas usou o tempo do outro à medida que desacelerou, e o afastar-se das suas atividades laborais e da exigência do padrão de alta produtividade da política

neoliberal favoreceu-o com o vislumbrar de um outro horizonte. Como cita Han (2021a), o neoliberalismo desfaz o tempo do outro.

A conversa seguiu e perguntei: Como você se sente hoje? Ele contou:

*A universidade aqui me dá essa condição psíquica. Tô em casa, sou filho daqui. Eu bato no peito e digo: sou UFRN: graduação, mestrado, doutorado e agora docente. Eu sou filho e minha mãe é a UFRN!! Não tem coisa melhor. E todo dia eu agradeço a Deus por isso.*

No momento da entrevista, Lucas encontrava-se bem em relação ao seu projeto de vida – a docência. Sentia-se produtivo, reconhecido e valorizado no seu modo de ser professor. Na UFRN, tem a sua sala de trabalho, condições favoráveis para exercer o seu ofício. Os seus pares o convidaram para participar das eleições para chefe do departamento. Atualmente a experiência na docência universitária é oposta à que vivenciou na universidade do Sul.

Para Borges-Duarte (2021b):

Se ir da preocupação ao bom humor pode mostrar uma via, de alguma maneira terapêutica, viver ambos os ambientes e ambas as tonalidades afetivas traduz a coetaneidade do ser no mundo à beira dos entes que nos vêm ao encontro, dentro dele, e do estar aberto ao ser que nos chega por essa mesma via, mas de outra maneira. (p. 229)

Lucas, ao colocar em jogo a docência em sua trajetória acadêmica, permitiu-se dialogar com as atmosferas que o afetavam, e parece caminhar no sentido de aliviar os incômodos do conteúdo da caixa pesada no meio da estrada. O que o caminho lhe reserva, não tem como saber, mas leva consigo a experiência de como o trabalho pode ser adoece-dor ou prazeroso.

Em seu novo ambiente laboral, o trabalho deixou de ser adoece-dor e a angústia cedeu lugar ao bom humor e à alegria como disposições afetivas no momento que Lucas conseguiu exercer plenamente seu ofício na universidade que o acolheu desde sua graduação e à qual se sente pertencente, habitante do novo espaço acadêmico.

### 7.3 Em Conversa com Márcia

*Só você e aquilo... aquele pensamento vai crescendo até você tentar. Até você sentir que é o fim. Quando você pensa que é o fim você pratica. E nenhuma das vezes eu pensei que era porque não queria viver. Eu tava sentindo dor, e as dores pareciam que não tinham fim.*

- Márcia, comunicação pessoal

Conheci Márcia em 2015, naquela ocasião ela estava em atendimento pela perícia médica da Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor, na UFRN. A solicitação para ser periciada ocorreu em virtude de uma das suas tentativas de pôr fim à vida, a qual a levou a ser internada. Acompanhei a docente como parte da equipe multidisciplinar.

O acompanhamento com a professora ocorreu aproximadamente por três anos, de maneira não sistemática, pois havia um revezamento na equipe de profissionais. Meu último contato ocorreu em 2019.

Márcia tem 53 anos, é solteira, nordestina, mora sozinha, tem um filho e oito irmãos. Ela contou que desde o período das tentativas de pôr fim à vida foi tomada por uma tristeza enorme, angústia, apatia, não sentia prazer em fazer nada. Pareceu

ser muito reservada em seu modo de existir no mundo, na maneira de se relacionar com os(as) outros(as). Disse ter dúvidas se a sua família tomou conhecimento do que aconteceu na época das tentativas de pôr fim à vida.

Ela é professora da UFRN há 15 anos, com lotação em uma das unidades no interior do estado do Rio Grande do Norte. Desde 2015 ela teve vários afastamentos para tratamento da própria saúde. Encontra-se em processo de readaptação.

A nossa conversa caminhou sobre a dificuldade de falar sobre o pôr fim à vida, as diferentes motivações para as tentativas de pôr fim à vida, o modo de aplacar a dor, a busca por um ato bem-sucedido, quando o trabalho é adoece-dor e a dificuldade de se apropriar do sofrimento.

### ***A Dificuldade de Falar Sobre o Pôr Fim à Vida***

*Os professores estão falando sobre isso?*

- Márcia, comunicação pessoal

Ao entrar em contato por telefone com Márcia para convidá-la a participar do estudo, ela me perguntou: “*Os professores estão falando sobre isso?*” Será que esse questionamento inicial já apontava para sua dificuldade em falar sobre a temática? Uma semana depois realizamos a entrevista remotamente.

“*Esse não é um tema fácil de falar, não é Andréa?*”, foi assim o início do nosso diálogo. Ela tentou três vezes pôr fim à sua vida. A ideação do pôr fim à vida acontecia 24 horas por dia à época das tentativas. Márcia tem como ponto de partida o ato de pôr fim à vida associado a um adoecimento mental. Inicialmente foi diagnosticada

com depressão, e vários anos depois de muitos tratamentos, segundo ela, no ano anterior a essa entrevista, recebeu o diagnóstico de bipolaridade.

Ficou afastada do trabalho por alguns anos. A sua narrativa revela como ainda é difícil falar sobre a temática. Quase dez anos depois das primeiras tentativas a professora diz: “*Foram momentos muito dolorosos, muito dramáticos... não queria que minha família soubesse.*” Ela contou:

*Eu moro só. Não sei até onde eles sabem, mas certamente sabem que eu fui internada... eu prefiro se não sabem que não passem a saber. Não faz bem! A pessoa se sente impotente e não pode fazer nada. É só sofrimento. Muito sofrimento.*

A narrativa da professora lembrou as narrativas de Jonas e Lucas sobre o preconceito em abordar a temática. Jonas falou abertamente sobre o tema, porém nos contou que é nítido o preconceito entre os pares e até mesmo dos familiares. Por sua vez, Lucas nos contou como foi difícil reconhecer que precisava de ajuda profissional, pois era um tema tabu.

Márcia reconheceu suas tentativas como momentos difíceis, de muita dor<sup>2</sup>. Nas duas primeiras tentativas fez uma lavagem estomacal em casa. E na última precisou ser internada. Contou que morava sozinha nessa época. Ela pareceu muito reservada no modo de ser no mundo, não fez referência a rede de amigos nem a relacionamento com os familiares. A dor do existir sinaliza o vazio existencial.

Recorro ao diário e encontro anotações: “Márcia tem um semblante triste e parece pouco confortável ao contar sua experiência.” A conversa foi marcada por pausas, repletas de intervalos menores ou maiores de silêncios. Sua postura era mais

---

<sup>2</sup> Todas as vezes que a palavra “Dor” for referida ao longo da narrativa, deve ser compreendida como sofrimento existencial.

de aguardar as perguntas. Não era incomum ouvir ao final da sua fala: “*O que mais?*” Esse modo de Márcia diz do como é difícil falar sobre sua experiência, de como esse evento é marcante em sua existência? Desse modo seguiu a nossa conversa.

### ***As Diferentes Motivações para as Tentativas***

*Era muita coisa mesmo para suportar.*

- Márcia, comunicação pessoal

Márcia contou que passou por momentos de muito sofrimento. Ela veio transferida de uma universidade do norte do país para a UFRN. Por não ter título de doutora não foi aceita no campus central, e foi lotada em um campus em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte.

*Meu estresse aumentou com o local de trabalho novo, a viagem, foi um acúmulo de coisas. . . . Final de 2010 tive momento difícil com colega de trabalho. Me assediou moralmente... Fiz a denúncia na ouvidoria e virou processo. Foi assim que foi procedido o caso. Tive problema com o professor e aí foi um momento crucial, final de 2010/2011, momento de extrema dificuldade porque estava adoecida e não tinha detectado ainda, houve esse gatilho.*

Ela reconheceu entre as possíveis motivações para suas tentativas de findar a existência: o adoecimento do seu filho, os deslocamentos para o interior do estado para ministrar aulas e o assédio moral no trabalho. Este último compreendido por Márcia como um evento marcante na sua vida, o gatilho do seu adoecimento.

Assim como as ideações de Jonas e Lucas, as tentativas de pôr fim à vida de Márcia revelaram uma crise existencial, uma ruptura com o mundo que lhe era familiar, com as certezas; foi um momento de estranheza diante da imprevisibilidade da existência.

Em meio à tensão vivenciada Márcia buscou tratamento: *“Aí entrei com assistência médica, psiquiátrica, psicológica. Houve tratamento, mas a ideia de não existir já estava fazendo parte. Era muita coisa mesmo para suportar. Aí comecei a ser medicada, fazer tratamento.”*

De que peso ela estava falando? Márcia conta que tinha muita coisa para suportar e as ideações já faziam parte dela. O peso que estava carregando parecia insuportável. Como habitar espaços da academia onde era assediada por um dos pares, deslocar-se semanalmente para ministrar aulas em outra cidade quando seu filho adolescente estava em casa sozinho e precisando de cuidados?

A dor de Márcia foi diagnosticada como depressão, ela foi medicalizada e afastada do trabalho. Sua narrativa revelou o longo percurso de diagnósticos e medicações, os quais levaram a muito sofrimento. As tentativas tinham a finalidade de apaciar a dor. Para ela *“o prazer de viver não existia mais”*.

Ela contou que não sabia precisar quando ocorreram as tentativas com exatidão porque havia esquecido: *“Não sei precisar, Andréa, porque eu esqueci... graças a Deus eu esqueci... não sei precisar os anos das tentativas porque foram momentos muito difíceis. **Você não tá pisando no chão** [grifo nosso], você quer aliviar a dor.”*

O esquecimento das datas diz da medida do seu sofrimento? Esquecer era um modo de encobrir o seu sofrimento? O esquecimento pode indicar uma dificuldade de pôr a caminho a situação de sofrimento?



Como era para Márcia “*não pisar no chão*”? Não se sentia conseguindo habitar um espaço que não lhe era acolhedor? Vejo o semblante de Márcia absorto em uma dor, uma dor ainda presente. Ela parecia suspensa em seu estranhamento, uma vez que se sentia sem chão. Faltava terra firme aos seus pés e a paz do abrigo à sua existência? Estaria afinada pela tonalidade da angústia?

Recorro ao diário e percebo que Lucas também relatava “*não pisar no chão*” diante do assédio dos pares e da xenofobia em seu ambiente de trabalho. Como compreender o ofício da docência numa situação de desassossego? As tentativas de Márcia seriam um modo de reagir a viver em situação de hostilidade, a qual não conseguia definir nem superar?

Como a existência pode ser sentida como peso diante da tarefa singular de existir? Para Heidegger (2018b), “o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se relaciona com o seu ser” (p. 85).

O esquecimento de Márcia aponta para qual horizonte? Como compreender sua dor? Márcia recorre ao trecho de uma entrevista do padre Fábio para falar desse momento.

*Por coincidência ou não, assisti agora pouco antes de falar com você uma entrevista de Padre Fábio, que passou por um momento difícil. Ele diz que são muitos problemas e por mais que você tenha uma base de sustentação – Deus – nesse momento não tem validação, você tá doente, né!*

Qual o sentido atribuído por Márcia à entrevista do padre? Márcia buscou o viés religioso para respaldar o seu ponto de partida – o adoecimento – diante das tentativas? A religião pode dar suporte à dor na medida em que se entrega a Deus a solução da situação?

### **Modo de Aplacar a Dor**

*Você quer aplacar uma dor. Quer acabar com seus problemas. Não quer pôr fim à sua vida. Não é isso!*

- Márcia, comunicação pessoal

Para Márcia o pôr fim à vida é visto como um meio de aplacar a dor.

*Nenhuma das vezes eu pensei que era porque não queria viver. Eu tava sentindo dor, e as dores pareciam que não tinham fim. . . . É para aplacar a dor, não é outra coisa não, não é para ferir ninguém. Não é para atingir ninguém, só a si mesmo.*

Márcia expressa o seu desejo pela vida, mas não reconhece esse modo de viver como sendo o que gostaria. As dores eram insuportáveis a ponto de tentar findar a existência como uma maneira de aliviar o sofrimento. Ela se reportou ao desejo de aplacar a dor. De uma dor que não conseguia nomear. Seria a dor do existir? Um pedido de socorro? De que dor ela estaria falando? Ela contou que nenhuma das vezes teve a intenção de dar cabo à vida. Em que medida a sua existência estava tão pesada a ponto de não a conseguir suportar?

Ela continuou:

*Você sabe que já passou situações muito boas em sua vida e você tinha prazer em viver. E o prazer em viver acabou, foi eliminado a zero. Anos e anos vivendo com isso... Já passei por muitos diagnósticos, muitos diagnósticos de 2011 para cá, muitos tipos de medicações, passei por vários médicos.*

Márcia disse que antes existia um prazer em viver, o qual perdeu o seu sentido. Existir estava pesado demais! A indiferença e o esvaziamento de todos os sentidos

da existência revelariam o tom de angústia em um mundo que se tornou cinzento? Como ela está afinada no mundo em que está lançada? A perda do interesse pelo mundo e por si mesma diz do tédio profundo que a acompanhava?

Para Mattar (2020), o tédio profundo é uma afinação fundamental da depressão - “o que antes fazia sentido e interessava cai em total indiferenciação. O que antes atraía, alegrava, ocupava ou distraía perdeu o poder e a possibilidade de fazê-lo” (p. 111).

A depressão de Márcia diz de um adoecimento ou de um modo de mostraçã da sua dor? A depressão de Márcia diz de um modo de desvelar o seu sofrimento frente às condições laborais? Ela vivenciou um período de colapso existencial, não sentia prazer em nada, angústia e tristeza eram as afinações de um existir que um dia tinha sido alegre e prazeroso.

Ela continuou: *“A dor é um conjunto, derrotismo, inexistência para o mundo, são vários os pensamentos, sentimentos, emoções. Fui diagnosticada com depressão e outras coisas. Nunca é uma coisa sozinha.”*

Márcia parecia se dar conta de que suas dores apontavam para o modo como se afinava no mundo naquele momento e do peso de sua existência. Sua experiência era de desalojamento. A depressão seria uma doença ou um modo de resistir à falta de abrigo seguro?

O modo de a equipe compreender o sofrimento da professora tinha como premissa o pensamento técnico que domina na medicina direcionado para diagnosticar, medicar e controlar a dor, pois existimos em uma sociedade do desempenho, em que impera o “ser feliz” e “produtivo” a qualquer custo.

Embora seja reconhecida a relevância das intervenções físico-químicas, o *Dasein* não pode ser reduzido ao fisiológico. O fisiológico é necessário, mas não é suficiente, como pontua Heidegger (2021),

A ligação existencial não é constituída por moléculas, não é produzida por elas, mas não é sem aquilo que pode ser reinterpretado em meio a um acontecimento fisiológico-molecular. Se o fisiológico fosse o fundamento do humano, precisaria haver, por exemplo, “moléculas de despedida”. (pp. 639-640)

Fernando Pessoa, em sua obra *Livro do desassossego* (2014), inspira-me a compreender as afinações de Márcia:

Há momentos em que tudo cansa, até o que nos repousaria. O que nos cansa porque nos cansa; o que nos repousaria porque a ideia de o obter nos cansa. Há abatimentos da alma abaixo de toda angústia e de toda a dor; creio que os não conhecem senão os que se furtam às angústias e às dores humanas; e têm diplomacia consigo mesmos para se esquivar ao próprio tédio. (p. 117)

Márcia foi tomada por uma indiferença em relação ao mundo, nada fazia sentido e a impelia a seguir adiante. Na atmosfera silenciosa do seu sofrimento ela nos diz do seu desalojamento? Como compreender o seu total desinteresse pelas coisas e por si mesma? As afinações de Márcia dizem da angústia e do tédio profundo?

Para Casanova (2021), assim como na angústia “O tédio profundo também se caracteriza por uma nadificação de todos os sentidos pretensamente positivos que sustentam tacitamente as ações cotidianas e ao se abater sobre a existência torna o mundo insignificante.” (p. 65).

Nos versos de Pessoa (2014) sobre os desassossegos, compreendo o desalojamento narrado por Márcia e sua indiferença pela vida.

É tão magno o tédio, tão soberano o horror de estar vivo, que não concebo que coisa haja que pudesse servir de lenitivo, de antídoto, de bálsamo ou esquecimento para ele. Dormir horroriza-me como tudo. Morrer horroriza-me como tudo. Ir e parar são a mesma coisa impossível. Esperar e descrever equivalem-se em frio e cinza. Sou uma prateleira de frascos vazios. (p. 177)

Para Mattar (2020), “na depressão o tédio profundo desperta, dá conta do papel único definido pela técnica, de sua insignificância, mas a experiência é vivida como dor, como doença, como a explicitação do sofrer, do estar sob ferros da injunção técnica” (p. 119).

Como era carregar o peso de não ter o título de doutora como professora de uma universidade pública federal que tem como um dos seus principais eixos a pesquisa? O pôr fim à vida seria um modo de lidar com a dor da angústia? Seria a saída diante do vazio e da indiferença?

A experiência de quase morte de Márcia é um marco em sua vida, parece ser um peso tão grande sobre a existência que ainda não consegue colocar em jogo o seu sofrimento. Essa dor ainda é um acontecimento muito presente, que parece ocupar uma experiência limite em sua existência, como diz Borges-Duarte (2019):

Na experiência da dor, na sua máxima autenticidade, dá-se, pois, um *acontecimento*, pelo qual quer a condição humana, em cada caso própria de quem sofre, quer o seu limite obscuro se manifestam com a máxima intensidade. . . . À força de padecer educa-se a sensibilidade e abre-se ao cuidado de si e do próximo. Mas a proximidade do limite, o tenaz desafio vivido pela existência em risco, adivinhado e vivido na própria carne e no

desolamento da alma, denuncia a finitude do ser que somos e o seu estar exposto a não ser. (p. 128)

Perguntei: Como você se encontra? Ela respondeu:

*Bem, eu sou bipolar [risos] e no momento estou relativamente bem com a medicação, mas tem o aspecto físico que não faz eu me sentir bem.*

***Psiquiatricamente eu estou estável*** [grifo nosso]. *Então, não tenho mais o planejamento, a ideação de ficar o tempo todo só pensando nisso. Quem pratica é porque são sensações e ninguém tá livre disso não [risos]. Pode não ter histórico na família, não ter nada, mas ninguém não tá livre disso não.*

Márcia parecia compreender que a medicalização levava à remissão dos seus sintomas, principalmente da ideação de pôr fim à vida, mas não modificava o modo como se sentia diante do mundo. Além disso, ela entendia que a medicalização da sua dor era um modo de controle da lógica médica.

No entanto, assim como Jonas, ela narrou que ainda existe a possibilidade de novas tentativas. Alertou ainda para a vulnerabilidade da condição humana ao dizer que ninguém está livre dessa possibilidade.

Para Márcia as tentativas não eram para chamar atenção do outro. Como compreender esse seu argumento?

*As pessoas pensam que é para chamar atenção. Não é para chamar atenção.*

*O pensamento de antigamente, não sei se é de hoje é que é para chamar a atenção, é claro que de alguma forma você diz eiii... não estou bem, faz alguma coisa, mas não é para chamar atenção, é para ver se a dor acaba.*

Márcia, em sua narrativa “Eiii... não estou bem, faz alguma coisa”, parece buscar no outro ajuda para atenuar a sua dor. Fico pensando: a quem deveria se dirigir esse comunicado?

Ela reportou como é viver em uma sociedade que exerce coação por desempenho e conduz a própria pessoa a uma exigência deliberada sobre si mesma que isola e não percebe o outro.

Assim, ela continuou:

*Vivemos numa sociedade doentia, que exige muito de você, e você acaba se exigindo muito e você acha que não está correspondendo às expectativas, vem a frustração. Todos os casos praticamente têm a ver com isso. Quando uma pessoa se mata, principalmente um homem, com um tiro. E se alguém perguntasse a ele o que estava sentindo naquele momento será que teria evitado? Onde eu quero chegar é até onde as pessoas se importam umas com as outras? Sei que não temos bola de cristal. Mas ligar, passar uma mensagem, isso é extremamente importante, não é verdade?*

Márcia enxerga uma sociedade doentia, de pessoas que não são solidárias umas com as outras, ao contrário, exigem em demasia, e ela se sente afetada pela autoexigência e frustração de não corresponder às expectativas. Ao chamar a atenção para um homem que usa arma de fogo talvez queira reafirmar o que encontramos nas estatísticas, que os homens se matam cada vez mais, e entre os meios usados a arma de fogo se destaca. Talvez isso possa ser pensado pelo peso que os homens carregam historicamente de serem tidos como fortes. Quando não suportam esse peso entram em crise e buscam meios mais eficazes para concretizar o ato de pôr fim à vida.

Ela nos diz do seu modo de ser com os outros no caminhar da existência? Um modo de como encontrar-se? Como nos diz Carlos Drummond de Andrade (1942) em seu poema,

E agora, José?

A festa acabou,  
A luz apagou,  
O povo sumiu,  
A noite esfriou,  
E agora, José?

O quanto tem de José em Márcia? Como ela lidou com a situação de solidão e desalojamento? Como é ser professora em meio ao paradigma da produtividade de uma sociedade que valoriza o alto desempenho? Como era para Márcia ser julgada por não ter o título de doutora?

Han (2017b) pontua que “a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma” (p. 29).

Márcia falou dos modos de ser na sociedade contemporânea, na qual se vê coagida a responder às expectativas das outras pessoas. Vivemos em uma sociedade que prima pelo excesso de positividade, como diz Han (2017c), e essa “sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes forma” (p. 18).

Ela chama nossa atenção para a indiferença das pessoas umas com as outras, mas parece também apontar para o modo como ela é afinada no mundo, pois deixou claro que não gostaria que seus familiares soubessem das tentativas. Márcia fala da sua dor e parece compreender que o modo de lidar com ela é decidir não viver – modo que parece se apresentar como possibilidade. Ela continuou:

*Esse momento a gente não pensa em ninguém quando vai praticar. Só tá você e você mesmo, não tem outra pessoa presente, por mais que pense em Deus, o que costumamos fazer como cristão. Não tem ninguém... é um momento seu.*



*Só você e aquilo... aquele pensamento vai crescendo até você tentar. Até você sentir que é o fim. Quando você pensa que é o fim você pratica. E nenhuma das vezes eu pensei que era porque não queria viver. Eu tava sentindo dor, e as dores pareciam que não tinha fim.*

Márcia sentia-se sozinha, indiferente ao mundo, um esvaziamento de sentido no mundo que habitava. Para Torres (1999),

O que ameaça não é algo determinado ou um poder ser concreto e determinado. O “mundo” apresenta um esvaziamento radical de sentido, nada pode oferecer. Por isso, a angústia faz com que, na decadência ou na impropriedade, não seja mais possível para a pre-sença entender-se a partir do “mundo” e no modo do impessoal, da publicidade. Ela remete o homem à sua singularidade, ao seu próprio poder-ser-no-mundo. (p. 151)

Ela nos diz de um modo singular de existir. Aquele momento era tão íntimo que nele não cabia mais ninguém, nem mesmo a sua crença religiosa. Ao tentar dar cabo da sua vida ela compreendeu que a dor continuava a existir?

### ***A Busca por um ato Bem-Sucedido***

*Tem essa história de ser novo ou antigo na coisa. Você vai ficando mais esperto de como fazer melhor.*

- Márcia, comunicação pessoal

A professora afirmou que as suas tentativas foram sendo aprimoradas:

*A primeira vez a gente é novato no negócio. Tem essa história de ser novo ou antigo na coisa. Você vai ficando mais esperto de como fazer melhor. Fez a*

*primeira vez não deu certo, a segunda vez não deu certo... vai ficando melhor... na terceira vez elementos mais pesados. Aí tem o planejamento, né Andréa! quando vai aprimorando... creio que se tivesse feito a quarta vez teria feito mais aprimorado. Você fica planejando o dia todo, 24 horas que digo que não dormia bem, só pensando naquilo.*

Como compreender a insistência em dar cabo à própria vida? Márcia tentou três vezes e nos diz da sua busca de aprimoramento entre uma e outra tentativa. Ela estava determinada a agir como expressão do cansaço pela dor? Da indiferença pela vida? Segundo Han (2021c), em seu livro *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*,

O depressivo não tem forças para o suicídio soberano, uma morte livre. Seu suicídio não é uma expressão de afirmação da vida. Ao contrário, é coagido a fazer isso, pois a vida se tornou vazia, sem sentido e insuportável, porque está cansado e exausto, porque não consegue mais produzir, não consegue mais se produzir, comete suicídio por negação da vida. (p. 87)

Ao ouvir a narrativa de Márcia lembrei dos blogs e sites que ensinam formas eficazes de se matar. Como assim? Até na hora de dar cabo da vida temos que buscar uma alta performance? Como é encontrar-se no mundo afinado por diferentes disposições, tais como angústia e tédio e ainda ter que se preocupar com o desempenho diante da possibilidade de antecipação da morte?

### ***Quando o Trabalho é Adoece-dor***

*Eu não conseguia dar respostas ao trabalho.*

- Márcia, comunicação pessoal

Márcia nos contou sobre a experiência de trabalhar com um dos pares, o preconceito e a humilhação sofrida.

*Você não tem um ambiente saudável. No momento que tem alguém que chega para você, um par seu, que não é mais nem menos que eu, pode ter uma titulação maior, mais não é mais nem menos que eu... me tratou como um animal irracional. Não faz bem a ninguém. As coisas já vinham acontecendo. Eu não achava ético, mas não dizia nada. O comportamento dele não é nada ético. Uma persona non grata. Fez muito com outras pessoas, mas as pessoas não tomavam iniciativa, eu me senti muito prejudicada com ele. Ainda acho que a sanção que ele levou foi pouco para o que é capaz de fazer. Não fez muitas vezes comigo não. Só bastou fazer uma vez, mas já vinha trabalhando por trás, o enfrentamento só uma vez e foi crucial, mas determinante para eu tomar as medidas e também visse que tava doente.*

A humilhação sofrida por Márcia ao ser tratada “*como um animal irracional*” aponta para um menosprezo, preconceito e uma diminuição pelo fato de ser mulher e não ter a titulação de doutora? Em que medida o trabalho pode ter motivado as tentativas? Acabar com a dor é um modo de não poder escutar o que poderia ser desvelado?

Segundo Tiburi (2021), “Pela humilhação se convence o indivíduo de sua nulidade na prática. Ela está na construção da raça, da classe, do gênero, de toda a desigualdade que há no mundo e que move o sistema ideológico-econômico capitalista.” (p. 27).

Seu ambiente de trabalho era árido e um dos pares a humilhou em virtude de ter uma titulação superior à dela. O modo como Márcia foi tratada pelos pares foi uma experiência marcante em sua vida, um acontecimento doloroso, inesperado e

impactante. Para Borges-Duarte (2019), “a dor é um acontecimento singular, lacerante, marcante, potencialmente traumático e desestruturante da nossa quotidianidade” (p. 126).

Em que medida essa experiência afetou sua existência? Ao compreender que o trabalho pode ser fonte de prazer ou sofrimento, Dejours e Bègue (2010) nos afirmam:

No momento em que um trabalhador se beneficia de reconhecimento, ele pode tirar proveito do registro da construção de sua saúde mental. No entanto, quando este reconhecimento lhe é recusado ou mesmo confiscado, surge o risco de desestabilização da identidade e do prazer experimentado na relação de si a si mesmo. (p. 41)

Esse jogo de humilhação pode ter motivado uma de suas tentativas de pôr fim à vida? Qual o jogo de poder a que Márcia foi submetida? Além de não ser lotada no campus central, como era seu desejo, no campus que lhe destinaram foi menosprezada.

Márcia seguiu com a sua narrativa sobre as dificuldades enfrentadas no trabalho: *“Eu não conseguia dar respostas ao trabalho porque eu estava me tratando e não conseguia dar respostas ao trabalho que achava que tinha que ser dada, entendeu? E quanto mais eu exigia mais eu afundava.”*

Assim como nas narrativas de Jonas e Lucas, o trabalho aparece como um cenário de exaustão, ainda que motivado por razões diferentes. Márcia não conseguia corresponder às demandas laborais, e isso cada vez mais a deixava refém de uma situação, sem saber como agir. E quanto mais exigia de si mesma *“afundava-se”*.

A situação do trabalho de Márcia, assim como para Lucas, deixou-a desalojada de um mundo que deveria ser familiar e prazeroso. Como ser professora em um

ambiente em que não há reconhecimento nem respeito? Como estar junto aos pares e alunos(as) nessa situação de humilhação e abandono?

Ela complementou: *“Olhe, eu passei a não lembrar nada do trabalho. Não consigo lembrar nada do trabalho que eu tinha antes, do que eu fazia antes.”*

Não lembrar de nada parece revelar não ser possível apropriar-se de sua dor. A conversa com Márcia foi permeada por um tom triste, por um sofrimento explícito.

Recorro ao diário. O tom de tristeza da conversa de Márcia me tocou. Dei-me conta de que a sua dor ainda é tão presente. Para onde aponta o horizonte de Márcia, totalmente absorvida pelo seu sofrimento?

Como nos diz Heidegger em sua conferência sobre o conceito de tempo proferida em 25 de julho de 1924, “O ser-aí não é o tempo, ele é mesmo o tempo”. O autor continua:

O agora está a minha disposição? O agora sou eu? São os outros, cada um? O tempo, então seria eu mesmo, e cada qual seria o tempo. E nós, no nosso estar uns com os outros, seríamos o tempo... nenhum de nós e cada um. (Heidegger, 2008, p. 31)

A dor de Márcia meses depois da nossa conversa se mistura à minha dor de enlutada pela partida dos meus pais durante a pandemia da covid-19. Talvez aqui não seja o lugar mais apropriado para falar dos meus afetos, por se tratar de uma tese de doutorado, mas como continuar falando da dor de Márcia sem compreender a minha dor?

Peço licença ao leitor para dizer que o tempo se faz em mim a cada dia de um novo modo com a dor do luto. A minha dor diz da saudade do abraço, do colo amoroso e do abrigo do lar. Afetos que o tempo cronológico não podem trazer de volta. O tempo que vivo agora é do luto, o qual me faz olhar para um horizonte ainda

desconhecido, mas que desvela e se oculta a cada dia com possibilidades de outros modos de ser.

Volto-me à dor de Márcia, reaproximo-me da sua narrativa e questiono: Será que a dor do existir levou Márcia ao apagão da sua memória? O apagão da memória diz da sua dificuldade extrema de dialogar com a sua dor, a dor como experiência limite?

Para Tiburi (2021), “Apagando nossa memória, apagamos a nós mesmos. A negação de si produz um sentimento de inexistência.” (p. 73). Márcia não tinha a hospitalidade esperada por um(a) trabalhador(a) para desenvolver seu ofício. Ao contrário, o que predominava era a hostilidade de um dos pares e a rejeição do campus central por não ter a titulação esperada. Como ser professora nessas circunstâncias?

Perguntei: Quando você fala que não consegue lembrar nada do trabalho, o que quer dizer com isso?

*Tudo, tudo, Andréa! O conteúdo todo... vez ou outra fico pensando no conteúdo que eu lecionava. Logo eu perdi o conteúdo todo no HD de aulas prontas. Todo o conteúdo de sala de aula, de trabalho, tudo que fazia foi perdido, tanto o do HD externo como o da minha memória. [risos]*

Como compreender o esquecimento, os lapsos de memória de Márcia, para além de possíveis efeitos colaterais das medicações? O apagão da sua memória pode ser pensado como um modo de morrer? A angústia teria sufocado os pensamentos e a voz de Márcia, pois encontrava-se sem a paz do abrigo, sem o sentido de pertencimento?

A experiência limite compreendida por Márcia pode tê-la afetado na medida em que a impossibilitou de colocar em movimento tudo que vivenciou? Ainda estava

presa ao ponto de partida – o adoecimento mental? Em que medida o trabalho pode ser adoece-dor para os(as) professores(as) universitários(as)? Márcia parece ter sido tomada por um silenciamento por anos, ao sinalizar como ainda é difícil dialogar com a sua dor.

### ***A Dificuldade de se Apropriar do Sofrimento***

*No momento eu não consigo expressar aquele sentimento que eu tava naquele momento.*

- Márcia, comunicação pessoal

Ela nos contou como se via no momento atual.

*A equipe multidisciplinar vê avanços. Em termos de trabalho eu não vejo avanços. Mas por outro lado eu tô bem relativamente [risos], mas condicionada a um tratamento. Digamos que tá evoluindo o tratamento agora. Eu estou fazendo conquistas pessoais. Até conversei com Luiza [assistente social] e ela ficou muito satisfeita por eu ter conseguido coisas que eu não conseguia realizar.*

Márcia fez uma distinção entre o modo como a equipe de saúde percebe seu adoecimento e como ela mesma o compreende. Para a equipe de saúde que a acompanha ela está bem, pois parece passar por um controle técnico, de medicar e “controlar” suas ideações e tentativas. Mas ela não reconhece nenhum avanço no trabalho.

Perguntei: Quais coisas você tem conseguido realizar? Ela contou:

*Atividade física, coisas que me fazem bem... cuidar do meu corpo, cuidar da aparência, quando a gente tá mal, nada importa. Nada importa. Nem uma aparência importa, sabe? [risos]. Tá se importando com o mundo, tá nem se importando com você. Tá chorando por dentro o tempo todo [risos]. E quando os profissionais que me acompanham me veem assim acham que dei passos consideráveis. O exercício físico foi porque não conseguia nem imaginar.*

Márcia parece compreender que o cuidado da existência não diz apenas de um bem-estar físico, mas do modo de ser no mundo. Conseguir fazer o exercício físico sinaliza que é possível pensar em cuidar do corpo, em sair do estado de paralisia em que a dor a deixou por anos a fio.

Atualmente ela iniciou uma mudança de movimento ao se permitir, ainda de modo tímido, pensar e atribuir outros possíveis sentidos às ações cotidianas, embora o esquecimento dos conteúdos do trabalho e a humilhação sofrida ao ser rejeitada por não ter o título de doutora pareçam indicar que ela está paralisada no passado. Como compreender o horizonte de Márcia? Para onde ele aponta?

Ela disse que a sua readaptação foi interrompida em março de 2020, com a pandemia da covid-19: *“Em março mandaram a gente para casa. Meu trabalho não era para isso. No [local de lotação] o trabalho que tava tentando desenvolver não era com internet... [risos]. Tô igual soldado que fica em casa esperando a ordem chegar [risos].”*

Márcia encontrava-se sozinha em seu mundo no caos instalado pela pandemia, sem suas ferramentas de trabalho e à espera da ordem de retorno ao trabalho.

Recorro mais uma vez ao poema de Drummond (1942):

Sozinho no escuro



qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

Assim como um soldado que ainda não sabe o que o espera, Márcia encontrava-se perdida no meio do caminho, sem saber o que fazer, isolada pela pandemia, impossibilitada de realizar o seu trabalho remotamente.

Ela marcha como José em direção a um futuro ainda desconhecido. Como é ser docente para Márcia nessa situação de readaptação no trabalho durante a pandemia da covid-19?

Perguntei se gostaria de me contar mais alguma coisa sobre sua experiência.

Ela disse: *“Se você tiver mais alguma coisa daqueles momentos para puxar tudo bem, se não, não tenho! É como se tivesse guardado no baú da memória e não consigo acessar.”*

Como compreender o baú inacessível descrito por Márcia? A dificuldade em acessar pode indicar medo e angústia por não saber o que tem no baú?

Ela continuou:

*Não! Acho que para você retirar trechos dessa fala é pouco. É pouco porque no momento eu não consigo expressar aquele sentimento que eu tava naquele momento. O que posso dizer que foram momentos difíceis, momentos para*

*apacar a dor, mas não para chamar atenção de outras pessoas, mas para  
apacar a dor, você e você mesmo... coisa muito individual, muito pessoal.*

Márcia reafirmou ao longo da nossa conversa como a sua experiência foi dolorosa e que não desejava pôr fim à vida, mas apacar a dor. Essa é uma dor que não pode ser medida nem classificada em manuais de diagnósticos. A dor do existir que se faz presente no momento atual paralisou-a em seu ponto de partida – o adoecimento? Ela não consegue acessar a memória por não suportar o peso da humilhação vivenciada no trabalho? O que ela está nos comunicando? A angústia ainda permanece nesse momento calando sua voz? Qual é o tom da sua existência atualmente?

Márcia continuou contando da dificuldade de dialogar com a sua dor.

*Eu sei que é muito difícil dizer... que já praticou e tá dando conselhos a outros...  
também aí que razão você tem para dar conselhos? [risos]. Eu digo razão da  
pessoa que tem experiência. Que sabe que não é uma coisa boa, que vai afetar  
a família inteira, não só núcleo familiar, mas várias outras pessoas. Essa  
decisão da vida e da morte não nos pertence. Pertence a Deus, ele que decide  
momento de partir ou ficar... ficar ou partir. É isso!*

Ela mais uma vez ratifica como é doloroso falar sobre as suas tentativas de pôr fim à vida. A atmosfera de tristeza perpassou do início ao fim da nossa conversa. A cada frase proferida por Márcia, a sua voz e o seu corpo refletiam um esforço descomunal para falar de algo que ainda doía muito.

Márcia concluiu sua narrativa por intermédio do viés religioso, atribuindo a (in)decisão de dar cabo da sua vida a Deus. Como compreender essa comunicação? Como ela está cuidando da sua existência? Para onde aponta o seu horizonte? Márcia, e agora? Que caminho seguir?

No intuito de encaminhar as possibilidades compreensivas sobre o nosso diálogo volto a recorrer ao poema de Drummond (1942):

Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta;

Quer morrer no mar,

Mas o mar secou,

Quer ir para Minas,

Minas não há mais,

José, e agora?

Onde está a chave da porta de Márcia? Como ela atribui sentidos à sua existência? Quais os sentidos atribuídos ao viver e ao morrer? Como o modo de ser professora universitária é afetado diante das cobranças institucionais? Como é ser professora em tempos sombrios? Para onde aponta o horizonte de Márcia?

#### **7.4 Em Conversa com Júlia**

*Além de pôr fim ao meu sofrimento, na minha cabeça eu estaria dando um aviso institucional... olha a gente não tá bem e a gente não tá conseguindo mostrar que não tá bem!*

- Júlia, comunicação pessoal

Meu primeiro contato com Júlia foi durante a pandemia da covid-19, em setembro de 2020, ao atendê-la no plantão psicológico da DAS/UFRN. Em virtude da pandemia, os atendimentos foram remotos por videochamadas em nossos telefones pessoais, em horários previamente agendados.

Naquele momento ela já era acompanhada por um profissional de Psicologia externo à instituição. Júlia me disse que havia procurado o serviço porque compreendia a necessidade de comunicar à universidade que algumas de suas demandas de trabalho estavam levando a um sofrimento, inclusive com ideações de pôr fim à vida.

Júlia tem 32 anos, é nordestina, tem um irmão, é casada e não tem filhos. Autodeclarou-se de cor branca, mulher cisgênero. Reside com o seu companheiro. Deixou a casa dos seus pais em outro estado do Nordeste para assumir o cargo de professora. Ela é lotada em uma das unidades da UFRN no interior do estado há mais de quatro anos, e atua com ensino, pesquisa e extensão, totalizando dez anos de experiência como professora em instituições de ensino superior.

Um ano depois estávamos eu e Júlia conversando sobre as seguintes temáticas: quando o trabalho perdeu o sentido! a máquina não parou!, o modo de ser professora, e as ideações de pôr fim à vida e a possibilidade de pensar o futuro.

### ***Quando o Trabalho Perdeu o Sentido!***

*Institucionalmente não era uma pessoa respeitada, que a minha expertise não era valorizada, e aí no meio de tudo isso eu pensei em pôr fim à minha vida*

- Júlia, comunicação pessoal

Júlia iniciou a nossa conversa contando sobre sua motivação em buscar a escuta psicológica em 2020:

***Eu havia perdido sentido, não via mais sentido na minha inserção dentro da universidade, e esse foi um resultado de um projeto de vida meu.***

***Então, comecei a pensar que talvez tivesse projetado errado a minha vida*** [grifo nosso]. *E que eu estava chegando em um ponto que percebia que tudo aquilo tinha sido um erro, e não dava mais tempo para voltar atrás. E que eu não saberia qual o outro caminho seria o certo. Porque na minha cabeça foi um erro, uma escolha minha, as minhas demandas que eu aprendi a construir para carreira não eram respeitadas dentro da minha unidade.*

Para Júlia havia um esvaziamento de sentido relacionado ao trabalho, a ponto de colocar em questão a escolha da profissão como um erro. Parecia sentir estranheza em ter abraçado a sua profissão.

Ela acreditava ter errado na forma como projetara sua vida acadêmica, e isso era perturbador na sua existência. Contou que tinha concluído seu doutorado em 2018, e vinte dias depois assumiu o cargo de professora universitária na UFRN. O caminho que trilhou até ali não parecia mais fazer sentido, uma vez que se encontrava perdida. Além disso, culpava-se por não conseguir mais encontrar sentido no seu projeto de vida. Como compreender a perda de sentido em relação ao seu projeto acadêmico - ser professora universitária?

Perguntei a ela em que sentido suas demandas de carreira não eram respeitadas. Ela contou:

*Eu não me via com horário protegido para fazer o meu planejamento em dar uma boa aula, **eu passei a me sentir culpada** [grifo nosso] sempre que tirava um tempo para ler artigo, uma nova evidência dentro da minha área. Até mesmo o processo de construção, de criação do meu grupo de pesquisa, eu sou líder de um grupo de pesquisa, foi um processo que eu reconheço que me parece que não era uma prioridade institucional em algum momento, e eu não percebia um apoio institucional dentro dessa carreira enquanto pesquisadora.*

O excesso de atividades e funções assumidas parecia pesado demais para Júlia. Sentia-se culpada até mesmo em realizar outras tarefas que lhe davam prazer, mas não estavam no rol das demandas solicitadas, a exemplo de estudar algo novo na sua área de interesse, como se isso não fosse também uma atividade do ofício do(a) professor(a).

De que modo o excesso de trabalho afetou o seu projeto de como ser professora? A falta de respeito e apoio institucional revelaria uma negligência no cuidado com os(as) professores(as)? A cobrança cada vez maior por produtividade do(a) professor(a) universitário(a) diz da sociedade do desempenho?

Ela contou como sua vida tinha sido afetada na docência:

*Comecei a perceber que naquele lugar a minha potencialidade era reconhecida como alguém que pudesse executar um número grande de tarefas, por ser uma pessoa empenhada, resolutiva, de uma certa forma sensata na hora de tomar algumas decisões. Aí me vi com esse acúmulo de funções dentro da minha unidade e sem o devido apoio para esses outros espaços que eu julgava que me colocaria mais para frente na minha carreira acadêmica.*

As demandas institucionais que convocavam Júlia não lhe permitiam priorizar as atividades/projetos que considerava importantes para sua carreira profissional. O esvaziamento de sentidos, a culpa e a falta de amparo para colocar em movimento seus interesses acadêmicos tinham despertado em Júlia a angústia do existir? Um questionamento sobre o seu projetar-se na vida acadêmica?

Para Casanova (2018), a angústia traz um esvaziamento de todos os fazeres cotidianos, porquanto “No instante que a angústia se abate sobre nós, todos os focos sedimentados se suspendem.” (p. 289).

Ela se deu conta de que, em seu trabalho, estava muito mais centrada em executar tarefas administrativas do que propriamente em realizar outras atividades de pesquisa. Somado a esse contexto, estava em curso a pandemia da covid-19, que havia acentuado suas demandas de trabalho.

Ela contou:

*Quando a pandemia pela covid-19 foi declarada, eu poderia ter contribuído mais, mas eu percebia que institucionalmente não estávamos organizados para isso, enquanto universidade de apoio local. **A gente se via o tempo inteiro apagando incêndios, o tempo inteiro, incêndios de pequenos focos que nem servia para a pandemia, mas focos de processos de trabalho, coisas menores** [grifo nosso], picuinhas do município. O prefeito ficava pedindo para gente fazer as coisas. A universidade de certa forma tinha que responder, a gente nem sempre tava de acordo, mas aí tem uma coisa de compromisso, responsabilidade social, e social accountability... era uma coisa de vestir a camisa institucional como missão e eu achei em determinado momento que eu não estava sendo respeitada por alguém que estava vestindo a camisa. Então quando falo em respeito foi isso, e aí foi quando eu comecei a ver que não fazia sentido as coisas que eu tinha estudado, previsto para minha carreira.*

Parecia que havia uma insatisfação no que diz respeito ao cumprimento das suas atividades como docente e às demandas institucionais, as quais eram discrepantes na compreensão de Júlia. Ela contou como a dinâmica de trabalho tinha sido afetada pela pandemia e como aumentou sua carga de trabalho.

Júlia não se sentia respeitada em seu modo de ser professora, não apenas pela instituição, como também pelo gestor do município, e falou de como isso levou

à falta de sentido da docência. Como o excesso de trabalho afetou o modo de ser professora? Em que medida a pandemia modificou o seu modo de ser docente?

Com a pandemia e as mudanças imediatas, tais como as aulas remotas, o uso intensivo das plataformas, o isolamento do convívio laboral e dos familiares teria levado Júlia a um cansaço de si mesma, ao fardo de ser si mesma?

Segundo Han (2021b), a pandemia do coronavírus acentuou os desafios da sociedade paliativa diante da positividade e da sobrevivência que a caracterizam.

A sociedade dominada pela histeria da sobrevivência é uma sociedade de mortos-vivos. Estamos vivos demais para morrer e mortos demais para viver.

No cuidado exclusivo com a sobrevivência nos igualamos ao vírus, esse ser morto-vivo que apenas se multiplica, ou seja, sobrevive sem viver. (p. 38)

Recordo de Júlia ainda em 2020 falando como se sentia esgotada e culpada por aproveitar o fim de semana e não conseguir dar conta das demandas. Em que medida a sobrecarga de trabalho era cobrança da instituição ou da própria Júlia? A instituição desconhecia como os processos de trabalho provocavam sofrimento? Será que estamos todos nós (professores[as], gestores[as] e equipe de saúde) surdos diante do sofrimento dos(as) docentes? Como a instituição cuida dos(as) professores(as)? E como os(as) docentes cuidam de si mesmos(as)?

Morato (2018), ao trazer à tona reflexões sobre sofrimento, saúde e organizações sociais, diz que existe uma situação de desamparo e sofrimento humano nas organizações.

Instituições de saúde e educação constituem-se, na maioria, em lugares não implicados com uma atenção para resgate de sentido. Nelas, os sujeitos sociais são despejados, destituídos de razão e/ou bem-estar ou de possibilidades de aprendizagem; assim, constituem-se lugares onde sagra um



sofrimento confinado e reverberado, revelando um sujeito, e as instituições que deles cuidam, como dependentes de um tecido social e cultural, cujos sistemas de representação e simbolização determinam modos de ser adequados e ajustados. Enquadrados na *des-razão* e no *des-conhecimento*, os sujeitos sociais são condenados tanto ao exílio social (pela *des-consideração* institucional), como também ao exílio de si mesmos (pelo *des-alojamento* existencial). (p. 171)

O trabalho assumiu a centralidade da vida de Júlia e ao mesmo tempo constituiu lugar de sofrimento. Para ela, tematizar suas questões ainda é algo difícil. O sofrimento de Júlia consegue ser ouvido pela instituição? Ela silencia seu sofrimento com o excesso de trabalho?

Recorro a Han (2022a) quando ele fala que no futuro haverá possivelmente a profissão de escutador(a). Para o autor, atualmente ouvimos muito, mas desaprendemos cada vez mais a escutar o sofrimento.

O sofrimento é privatizado e individualizado. Assim, ele se torna um objeto de terapia, que tenta curar o eu, a sua psyché. Todos se envergonham, culpam a si mesmos por sua fraqueza e insuficiência. Não se produz nenhuma ligação entre meu sofrimento e seu sofrimento. Ignora-se, assim, a socialidade do sofrimento. (p. 131)

O sofrimento de Júlia era ignorado em seu ambiente de trabalho pela universidade, possivelmente por ser parte da barulhenta sociedade do cansaço, a qual é surda e voltada para a alta performance dos(as) seus(uas) servidores(as).

Júlia fazia uma análise crítica dos processos de trabalho, mas mesmo assim continuava se culpando como algoz de si mesma. De acordo com Barreto (2019), “Vivemos em um tempo dominado pelo agora, submetido ao tempo cronológico regido

pelo relógio onde não há lugar nem espaço para o dom de ‘ter tempo’ para escutar.” (p. 122).

A professora, mesmo assumindo o lugar da culpa por não conseguir atender às demandas institucionais, realizou um movimento de buscar a universidade com o propósito de comunicar o seu sofrimento. Júlia teria compreendido que o seu sofrimento não devia ser apenas privatizado e individualizado? Como era o modo de existir de Júlia? Ela teria compreendido que o ente humano não é dotado de propriedades nem reduzido a um produto que precisa corresponder ao paradigma da produtividade?

Júlia contou que era de outro estado e tinha se afastado da família para assumir o trabalho no interior do Rio Grande do Norte, onde fica localizado o campus universitário. Além disso, durante a pandemia outras questões pessoais aconteceram, como o falecimento da avó por covid-19. Ela afirmou: “*Durante o período que eu procurei a DAS, essas questões pessoais serviram como adicionais às questões laborais.*”

Ela continuou:

***Ao não ver sentido nas coisas*** [grifo nosso], *ao perceber que eu tinha feito escolhas erradas, que institucionalmente não era uma pessoa respeitada, que a minha expertise não era valorizada e aí no meio de tudo isso eu pensei em pôr fim à minha vida. Nunca cheguei a fazer planos concretos, eu diria assim não atribuí uma temporalidade, vou fazer isso amanhã, depois de amanhã, daqui a um mês, vou planejar. Mas eu como profissional de saúde pensei que caso fosse fazer isso eu gostaria de não sentir dor e que fosse rápido. Então, eu pensei de repente conseguir... muito nos meus devaneios, nunca coloquei em prática nem nunca projetei isso. Mas acho que teria fácil acesso, por*

*exemplo, cloreto de potássio, seringa, agulha e teria a expertise de posicionar uma veia e me matar. Então, essa foi a alternativa [que] se eu fosse me matar eu usaria. Nunca mais que isso, nunca fui atrás de conseguir. Será que seria fácil conseguir?*

Ao se sentir desrespeitada e desvalorizada na sua escolha profissional ela passou a pensar em findar sua existência. Para onde aponta o horizonte de Júlia? Como o pôr fim à vida pode ser compreendido nesse contexto laboral? As ideações de Júlia denunciam um ambiente de trabalho indiferente ao sofrimento dos(as) docentes? Como era para ela lidar com o fardo de sua finitude e a transitoriedade da vida?

Júlia não planejava o pôr fim à vida, mas de algum modo pensava que caso decidisse pelo ato, esse deveria ser rápido e sem dor. Além disso, cogitava meios eficazes para ter sucesso no ato. Como compreender seus “devaneios”, como ela os nomeou? Seria um modo de tamponar seu sofrimento com prontidão e alta performance?

Recordo de Márcia quando contou sobre a busca pela alta performance nas suas tentativas, e da ênfase em afirmar que cada vez mais se ganha experiência ao tentar o ato. Como compreender as narrativas das professoras? Dar cabo da vida deve ser rápido e sem dor? Qual a comunicação que essas narrativas apresentam? O pôr fim à vida seria uma saída diante do sofrimento? Seria uma exaustão diante da dor do viver? Uma (in)decisão entre o viver e o morrer? Seria a dificuldade de continuar a viver e ter que rever seus projetos para considerar as possibilidades que o mundo oferece? Talvez rever as tradições que orientaram escolhas e colocá-las em xeque como modo de abertura a outras possibilidades?

Batista (2019), em seu livro *Quando trabalhar com gente adoece*, fruto da sua tese de doutorado com professores da rede pública municipal de João Pessoa (PB), concluiu que os(as) docentes que participaram da pesquisa apresentaram uma autopercepção marcada pela baixa autoestima, falta de reconhecimento, sofrimento, sobrecarga de trabalho e uma identificação profissional afetada no cotidiano pela execução de tarefas que fugiam da sua alçada e o desamparo imposto pelos(as) gestores(as).

Em que medida podemos compreender as condições de trabalho de Júlia como precarizadas? Como a categoria dos(as) docentes está sendo cuidada na universidade?

Para Han (2017b), o excesso de trabalho e desempenho acentua a autoexploração. “O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência.” (p. 30).

Recorro ao diário e me dou conta de que as condições de trabalho de Jonas, Lucas, Márcia e Júlia parecem dizer de um cansaço coletivo, um sofrimento e peso diante do ofício de ser professor(a). Existe um fio condutor que orienta o trabalho docente, ao mesmo tempo que, por perseguir a produtividade, não considera o modo singular de cada um? Desse modo, pode transformar o trabalho em um peso a ser carregado, ao mesmo tempo que, ao esperar respostas produtivas, não acolhe os sofrimentos decorrentes das exigências institucionais?

Júlia contou que a ideação de pôr fim à vida também seria um aviso institucional:

*Mas eu achava adicionalmente, **além de pôr fim ao meu sofrimento, na minha cabeça eu estaria dando um aviso institucional. . . . em um dado momento eu achei que cairia bem um aviso. Olha a gente não tá bem e a gente não tá conseguindo mostrar que não tá bem** [grifo nosso]. E eu lembro que em uma das conversas que eu tive com você, Andréa, eu até falei: olha, eu não gostaria de ser a primeira porque eu já ouvi outros relatos de docentes que ocuparam mesmos lugares que eu que não ficaram bem e colegas que saíram, foram exonerados, inclusive tinham mesmos projetos de carreiras como eu e pediram exoneração, mesmo que fossem ficar desempregados, cheios de dívidas, mas que não aguentavam mais ficar aqui. Então, foi isso!*

Para Júlia, o pôr fim à vida seria o preço que pagaria para acabar com o seu sofrimento, além de ser um ato político pela possibilidade de denunciar uma situação vivenciada por ela e seus pares. Em que medida o aviso institucional serviria de alerta sobre o sofrimento dos(as) docentes?

Findar a existência seria um modo de revidar a agressão que sentia pela falta de apoio e reconhecimento profissional? Para Han (2022a), a tentativa de suicídio pode ser uma ação paradoxal, “na qual autoagressão e agressão ao outro, autoprodução e autodestruição coincidiriam” (p. 47).

Em que medida o modo exigido pelas instituições de ensino superior como modelo ideal de assumir a docência e suas atividades não abre espaço para acolher o sofrimento decorrente de solicitações excessivas, em prol de uma produtividade tida como parâmetro pelos órgãos avaliadores e financiadores? Diante de tais pressões, o pôr fim à própria vida pode ser uma resposta pessoal e também uma denúncia política?

## ***A Máquina não Parou!***

*Houve uma primeira pessoa, como institucionalmente lidamos com isso? A máquina não parou!*

- Júlia, comunicação pessoal

Júlia contou da sua tristeza diante do ato de pôr fim à vida de um dos pares da sua unidade de trabalho:

*E hoje, um ano depois da minha procura, eu trago o triste relato que houve um suicídio no nosso corpo docente. Não sei quais as questões que levaram, não sei se envolveram questões profissionais, mas a gente tem o nosso marco - uma profissional que era da minha relação, que cometeu suicídio o mês passado. A gente emitiu uma nota, foi uma dureza. Mas essa situação também, de uma forma bastante egoística, serviu também para eu pensar assim: Como são as reações institucionais, já que eu não gostaria de ser a primeira? Houve uma primeira pessoa, como institucionalmente lidamos com isso? A máquina não parou!*

A morte de um dos pares levou Júlia à condição de enlutada por ser uma pessoa do seu convívio laboral. E ainda a compreender que a intenção do aviso institucional não fazia mais sentido, uma vez que o fato aconteceu com um dos pares e nada mudou em relação aos processos de trabalho, como contou, “*a máquina não parou!*”

A proximidade com a morte da colega tocou Júlia quanto a rever seus projetos de vida profissional? Como caminhar na vida de modo a ir revendo as escolhas feitas e as possibilidades de realizações com mudança de perspectivas e horizontes que

não implicassem em necessidade de autoagressões? Como escolher outro caminho possível e não se punir/agredir por projetos que não puderam ser encaminhados?

Ela continuou:

*Eu senti isso... eu vi que a máquina não parou. Nós continuamos recebendo as mesmas exigências. Em dado momento, a nota de pesar pareceu muito mais uma obrigação, uma coisa vai pegar mal se não emitir nada. Uma coisa bastante fria que eu percebi. Lamentamos a morte de colega que compunha o corpo docente. Era uma pessoa que colaborou conosco, tem um histórico dentro da nossa instituição como servidora (docente) e discente. Não nos serviu para colocar a mão na cabeça para diminuir ou modificar os processos de trabalho.*

Júlia, ao deparar com a morte da colega, sentiu-se triste e pareceu iniciar um movimento de colocar em jogo sua decisão de pôr fim à vida. Ao perceber que a morte da colega não era suficiente para mudar os processos de trabalho, repensou a sua decisão de findar a sua existência com o intuito de ser um aviso institucional. Ela mudou seu modo de lidar com o trabalho, mas não com o sofrimento. Diante das adversidades, Júlia parece não saber como lidar com os acontecimentos, e algumas vezes as ideações se apresentam como modo de autoagressão. Será que não conseguiu rever as autoexigências, como excesso de positividade, que ainda estavam entre suas compreensões prévias e apontavam para um modo de existir que atendesse às exigências institucionais?

Ela continuou:

*Eu avisei no sentido de que eu institucionalmente já tinha conversado que o lugar onde eu trabalho é um lugar adoce-dor. Eu avisei que isso poderia acontecer com algum de nós. Na verdade, a diferença do que eu senti em*

*relação à morte da professora e em relação a um recado que eu daria são as questões de inserção dentro da universidade.*

Júlia, assim como Lucas e Márcia, comunicou que o ambiente de trabalho, por motivos diversos, era adoecedor e estava levando os(as) docentes a um sofrimento intenso, a ponto de terem ideações, planejamentos e tentativas de pôr fim à vida.

Ela também contou que o ato de pôr fim à vida tinha se tornado muito presente no cotidiano dos(as) docentes, uma vez que ouviam notícias de estudantes que deram cabo da vida, professores(as) falando que estavam adoecidos(as), assim como pessoas da sua proximidade. Esse contexto a teria levado a iniciar um tratamento psiquiátrico e psicológico, sendo que o último foi suspenso devido a questões financeiras.

Ao pedir que contasse mais sobre a sua frase “*eu avisei, estamos todos adoecidos*”, ela disse:

*Eu tenho uma relação próxima com meus colegas de trabalho. Eu convivo com pessoas que vivem os mesmos problemas que eu na universidade. Vários colegas que têm trajetória parecida com a minha, já adoeceram no cumprimento de suas funções na universidade. Sei de outras pessoas, que não são tão próximas, que apresentam sinais que estão cansadas. Queixas como: “Ai porque tudo é a gente” ou “A gente vai endoidar” são comuns. O tempo todo isso repercute no nosso ambiente de trabalho. Mesmo no ambiente remoto, porque a gente se comunica, conversa, planeja..., “As loucuras da nossa unidade acadêmica”, virou até um jargão, porque é de conhecimento de todos como são as coisas de lá, então, mesmo de férias, por exemplo, temos que fazer tal coisa.*



A narrativa de Júlia é um modo de denunciar uma situação que não é apenas dela, mas dos seus pares, de um cansaço que parece ser coletivo e já naturalizado? Como compreender essa situação institucional? Como os(as) professores(as) estão se cuidando? E como a instituição cuida dos(as) seus(uas) profissionais? As políticas de gestão de pessoas e de saúde mental estão contemplando os(as) professores(as)? A universidade tem conhecimento dessa situação? Para onde aponta o horizonte desses(as) professores(as), uma vez que a universidade reproduz o modelo neoliberal de produção e a permanência depende da pontuação atingida pelos(as) professores(as) nos programas de pós-graduação a que estão vinculados(as)?

Júlia, como recente pesquisadora no mundo da ciência, vivia no mundo dos iguais, onde estava em perigo sua alteridade? A técnica norteava sua visão de mundo e de projeto acadêmico? De produzir ao máximo para conseguir melhor performance no contexto da ciência?

As demandas excessivas de trabalho entre os(as) docentes universitários(as) apontam para uma realidade pós-pandemia ou já vêm acontecendo ao longo das últimas décadas? O excesso de trabalho é constante em toda a trajetória profissional do(a) docente?

Macedo (2019) realizou um estudo sobre trabalho, vida fora do trabalho e adiamento da aposentadoria com docentes universitários(as), e observou entre os(as) colaboradores(as) da pesquisa o desejo de continuar trabalhando, desde que não se deixassem consumir pelo trabalho e fossem respeitados(as)/reconhecidos(as) pela trajetória profissional. Na percepção da autora, a maneira de os(as) docentes considerarem a continuidade de trabalho e não se deixarem consumir pelo trabalho aponta para:

A consciência de que o trabalho consome, provoca desgastes e contradiz o próprio projeto de si são os constrangimentos que tornam o trabalho docente desconfortável. Deve-se contê-lo em suas demandas excessivas, em seu volume, sua velocidade, nas atividades sem sentido, nas atividades mais cansativas, na jornada prolongada, no fim de semana. Fica-se com o prazer do trabalho, aquilo com que se tem afinidade, que lhes permite a superação, a renovação, que lhes permite esquecer tudo o mais. (p. 189)

O estudo faz pensar que o trabalho dos(as) docentes pode ser prazeroso, uma vez que existe um desejo de continuar na profissão. No entanto, aponta também como o excesso de trabalho continua até mesmo na iminência da aposentadoria, e como o momento da pausa dos finais de semana e/ou férias podem ser tomados pelo trabalho.

Para Han (2022b):

Vivemos, hoje, uma era pós-marxista. No regime neoliberal a exploração não ocorre mais como alienação e auto-desrealização, mas com liberdade, como autorrealização e auto-otimização. Aqui não há mais o outro como explorador, que me obriga ao trabalho e me aliena de mim mesmo. Antes, eu exploro voluntariamente a mim mesmo, crente de que, assim, me realizo. Essa é a lógica perversa do neoliberalismo. (p. 69)

Júlia percebe que é tomada por um excesso de trabalho, enquanto ao mesmo tempo se deixa absorver pelo mesmo até nas pausas garantidas por lei, como nas férias e finais de semana. O modo de ser professor(a) na atualidade diz da absorção na Era da técnica, na qual temos a ilusão de que somos senhores(as) de nós mesmos?

## **O Modo de ser Professora**

*Com muita sensação de culpa, porque parece que o meu trabalho é um saco sem fundo.*

- Júlia, comunicação pessoal

Júlia contou como o trabalho a sobrecarregava, e como era comum trabalhar durante as suas férias. No dia da nossa conversa era o seu primeiro dia de férias.

No momento em que ouvi isso fiquei me sentindo péssima, pensei com meus botões: “Como assim? Ela está de férias e estamos aqui?” Desculpei-me e perguntei se gostaria de mudar a data da entrevista, ela de pronto me tranquilizou dizendo não, podemos continuar.

E disse:

*Então a gente trabalha em férias, então a gente via docentes trabalhando em férias, eu também trabalhando nas férias. Mas se não fizer isso, a gente não consegue dar conta. Receber e-mails nas férias é algo extremamente comum. Então, **quando falo que todos estamos adoecendo tanto é uma percepção pessoal minha, por verificar mudança no comportamento das pessoas, dos meus parceiros de trabalho, como também pelo comportamento institucional, global** [grifo nosso]. A gente recebe e-mail, tem exigências, demandas, as nossas férias só são homologadas dentro do período que é do desejo da gestão da Unidade. Nem vou dizer do desejo, mas do ponto de vista institucional é inviável mesmo a gente ter as nossas férias.*

Júlia, ao longo da sua narrativa, refere-se à sua experiência singular, e também de um coletivo, os seus pares. A sociedade do desempenho e a lógica do

neoliberalismo parecem avassalar a vida dos(as) docentes como um verdadeiro tsunami que não pode ser controlado?

Segundo Júlia, o trabalho durante as férias não parece ser visto como um modo de exaustão, mas como um respiro para atualizar as demandas? Como compreender o(a) professor(a) que trabalha nas férias?

Em Gadamer (2011), “O ser humano constrói sua vida na preocupação: está sempre a se preocupar com muitas coisas, preocupado em arranjar coisas, vive preocupado para domiciliar-se no mundo que forja para si.” (p. 161).

Júlia parecia presa ao mundo da técnica moderna, de maneira que não conseguia colocar em jogo o modo como era subjugada pela própria técnica.

O modo de existir de Júlia era perpassado pelo paradigma da produtividade e, como recém-contratada em uma universidade federal, exigia-se ao máximo para atender às solicitações institucionais. Em que medida a exigência em demasia levava Júlia ao distanciamento de tematizar suas próprias questões?

Ao ler o diário, encontro notas de uma conversa com um amigo professor universitário que me fizeram pensar na maneira de Júlia lidar com as férias. Ele me diz: *“Não vejo mal nenhum em trabalhar nas férias, dependendo do trabalho, como por exemplo, revisar um artigo pode ser feito de qualquer local. Isso é prazeroso! o que não faço nas férias é dar aulas.”*

Isso me faz pensar que o tipo de atividade que o(a) professor(a) exerce nas férias muda a compreensão sobre o que é ou não trabalho, ou seja, se for uma atividade prazerosa ameniza a ideia sobre a concepção e peso do ofício. Como Júlia compreende o modo de ser professora pesquisadora? Para onde aponta o horizonte de Júlia?

Ela contou que além das férias, outros direitos também não eram respeitados, como exemplo, tinha assumido funções de coordenação que não foram remuneradas.

Ao questionar sobre esse fato ela disse:

*Nunca tive nenhuma gratificação e nem proteção de carga horária, mesmo exercendo função de coordenação de curso. Não se tem respeito à proteção de carga horária para a função dessa coordenação, mesmo existindo Resolução da UFRN que prevê a redução de um crédito semestral na carga horária do docente coordenador, mas isso na minha realidade isso não funciona, não trabalhamos por meio de créditos. Um crédito para mim são quinze horas. Mas 15 horas eu passo só dentro de uma sala de aula praticamente em um dia. Não funciona e gratificação a gente não tem, pelo menos na função que eu ocupei.*

Júlia aponta direitos garantidos por lei que não estariam sendo respeitados. O trabalho exaustivo da professora diz de um modo de cuidar da instituição que leva ao adoecimento dos(as) seus(uas) colaboradores(as)?

Perguntei a Júlia como ela lida com essas demandas institucionais. Ela de pronto respondeu:

*Com muita sensação de culpa. **Muita sensação de culpa, porque parece que o meu local de trabalho é um saco sem fundo** [grifo nosso]. Então a gente vai acumulando demandas e vai colocando lá dentro e um dia... ah tem aquele projeto... eu me sinto culpada por isso, por não dar seguimento às coisas que iniciei. Eu gosto de começo, meio e fim e tem muitas coisas que não estão finalizadas da minha parte. E outra coisa, que só é possível essa participação toda se delegar muitas coisas. Eu, como coordenadora de um projeto de extensão, às vezes eu deixo tudo na mão dos estudantes, e me sinto culpada*

*por isso, porque tô com papel de orientar e às vezes não oriento, eu dou dicas. Você devia fazer isso... às vezes o estudante segue as minhas dicas. Mas eu não considero que seja um trabalho de orientação séria, que eu gostaria de executar. Alguns eu até consegui. Mas boa parte ou projeto foi caminhando sozinho ou eu tive abrir mão ou estão lá dentro do saco sem fundo, precisando ser vistos seus produtos. Então é assim que me sinto, com culpa, me gera culpa.*

Ao longo da nossa conversa ela contou como o excesso de trabalho tem sido desgastante e a tem levado a um sentimento de culpa por não conseguir atender a todas as demandas. Como compreender o trabalho como um saco sem fundo? Estaria Júlia abrindo mão de suas férias para dar conta das demandas institucionais que são infundáveis?

Percebo que angústia e culpa são modos de afinação de Júlia no decorrer das narrativas. A culpa que Júlia sente parece impedi-la de compreender seus direitos como trabalhadora, por exemplo, de gozar suas férias sem remorso. Como entender a culpa de Júlia ao se sentir devedora perante a universidade?

Para Boss (1981), a culpa e a angústia são fenômenos predominantes na existência humana. “Cada angústia humana tem um ‘de que’, do qual tem medo, e um ‘pelo que’, pelo qual teme. Cada culpa tem um ‘o que’ que ela ‘deve’, e um ‘credor’ ao qual ela está devendo.”(p. 26, grifos nossos).

A sacola de Júlia tem o peso das solicitações institucionais, e os seus interesses como professora pesquisadora foram colocados em segundo plano, uma vez que a prioridade é atender às demandas da universidade e servir ao paradigma da produtividade. O fato de encontrar-se em estágio probatório (tempo definido pela

legislação do serviço público para garantir estabilidade no trabalho) torna sua sacola mais pesada e a deixa sem possibilidade de escolher seus interesses?

Júlia seguiu contando que ia trabalhar nas suas férias:

*Inclusive essas minhas férias eu tô tentando fazer com que esses projetos que estão lá 2019, 2020 eles agora eu consiga olhar para eles com mais tranquilidade, mais calma e dar algum seguimento e eu possa fazer contato com alguns estudantes e eu **iniciar um trabalho agora no próximo semestre letivo com menos culpa, carregando menos peso, a minha sacola estando mais leve** [grifo nosso].*

Ela decide usar suas férias de maneira consciente para atualizar o trabalho e tornar mais leve sua sacola. Como compreender o peso que Júlia se propõe a carregar? Júlia acreditava que era possível dominar o paradigma da produtividade ao trabalhar nas férias?

Eu insisti na pergunta: Você tá dizendo que vai usar suas férias para trabalhar? Como você se sente? Você disse que tem consciência de que isso não faz bem, mas vai fazer isso?

*Então foi uma escolha consciente, não me faz bem, realmente, mas acho que vou ter um processo de trabalho melhor no próximo semestre letivo. E aí acho que no meio do semestre letivo vou ter um recesso, que é o de Natal e Ano Novo, vou dar uma respirada no meio. Foi uma programação pessoal para conseguir sobreviver.*

A narrativa de Júlia me fez lembrar de Jonas ao ouvir dele que exagerou no trabalho. Parece existir um cansaço generalizado dos(as) professores(as) universitários(as), como se o tempo da pausa – as férias – não pudesse ser usado para outros fins que não fosse o trabalho.

A ocupação exagerada no trabalho aponta para um modo como os(as) docentes buscam dominar o mundo da técnica com suas exigências de produção, controle e resultado?

Em que medida o trabalho atravessa a existência dos(as) professores(as) universitários(as) na lógica dominante do neoliberalismo acadêmico? Para onde aponta o horizonte de Júlia? Ela estava permeada pelo pensamento técnico, silencioso e naturalizado? Em que medida o seu projeto da docência foi atualizado?

A conversa seguiu e Júlia me contou que atualmente tem repensado o projeto acadêmico, de modo a buscar o equilíbrio entre as demandas institucionais e suas expectativas profissionais.

*Hoje eu venho tentando equilibrar as demandas institucionais e as minhas expectativas profissionais, e tentando localizar melhor que uma coisa não é sinônimo da outra. Eu não sou só uma docente da UFRN. Eu sou uma pesquisadora brasileira e me formei para isso e tenho depois de um tempo retomado o meu contato com outros institutos de pesquisa Brasil afora. Então, eu tenho semanalmente me reunido com meu grupo de pesquisa do doutorado, tentando dar seguimento aos projetos que eram do meu doutorado e ficaram parados depois que entrei na UFRN porque não encontrei espaços para trabalhá-los. Então, foi através dessa percepção. É um equilíbrio que ainda vou ter que conquistar, não tá findado, vou ficar o tempo todo me equilibrando nisso. Olhar para mim como pesquisadora brasileira, encontrando desafios profissionais enquanto pesquisadora brasileira já é uma coisa, uma questão. Mas um erro que fiz quando entrei e acho que foi um dos responsáveis por eu ter adoecido também foi eu seguir essa trajetória para contribuir com isso aqui e aí eu abri mão do meu histórico, do que eu tinha*



*aprendido, estudado, parece que me serviu só para passar no concurso. E agora não, eu estou passando a me ver como alguém que está para contribuir institucionalmente, mas que eu preciso fazer minhas leituras, produzir meus materiais, conversar com pessoas, participar de bancas de outras instituições de ensino e pesquisa para conseguir dialogar com as pessoas e sair desse espaço do município, e voltar a me reconhecer como alguém que ocupa esse lugar também, mas tem uma responsabilidade para além das demandas locais.*

Júlia aos poucos foi revendo o modo de ser professora e fez um movimento em direção à mudança de perspectiva quanto ao projeto acadêmico, o qual inicialmente, por estar muito mais voltado para atender às exigências institucionais, apresentava-se sem sentido para ela por não considerarem seu projeto de docência.

Ela colocou em jogo o projeto que orientou sua perspectiva e seu horizonte nas atividades docentes. Conseguiu retomar suas perspectivas e passou a assumir seu projeto como docente pesquisadora. Buscou outros grupos de pesquisa em diferentes universidades e já não se sentia culpada como antes em realizar atividades como ler um artigo. A busca pelo equilíbrio entre as demandas institucionais e os seus projetos como pesquisadora possibilitou-lhe rever sua relação com o trabalho, embora assumir o sofrimento como algo que diz da condição do humano ainda seja difícil.

### ***As Ideações do Pôr fim à Vida e a Possibilidade de Pensar o Futuro***

***Eu sinto bastante dificuldade de pensar no futuro*** [grifo nosso]. *Em um futuro legal, em um futuro onde eu estivesse feliz.*

- Júlia, comunicação pessoal

Perguntei a Júlia como estão as ideações. Ela disse:

*Olha, eu vou ser muito sincera, **depende do dia. Depende das minhas outras relações porque essa minha relação com o trabalho tá meio estática, eu me sinto meio dona dela. Onde eu vou me esforçar mais, onde eu não vou... Ela não me faz tanta raiva mais. Parece que eu estou no controle disso. Já outras coisas não, como demandas familiares e pessoais** [grifo nosso]. Então eu fiz uma escolha de sair de casa para ter um contato mais distante da minha família, e ao mesmo tempo próxima, sem abandonar o berço. Mas eu tenho que mediar esse lugar de filha, de profissional, de esposa. Tenho questões com a maternidade. Será que vou conseguir ser mãe um dia? Não vou? Ai meu Deus, esse conflito todo. Então essas coisas, às vezes é bom a pessoa não tá nem aqui, se matar. Às vezes eu choro, leio, respiro, procuro fazer uma atividade, me obrigo a fazer isso porque não é uma prática que eu goste, sinta prazer. Procuro me alimentar melhor, eu vou começando a ver que outros fatores podem influenciar na melhoria do meu bem-estar e aí eu recorro a eles quando estou me sentindo com a cabeça muito fervilhada. Mas assim, às vezes acontece, na semana passada eu pensei sim, voltei a pensar no cloreto de potássio, mas logo passa, não é uma coisa que levo a sério. Não fico moendo, nem incentivando essas coisas.*

Júlia contou que as ideações não são mais recorrentes, mas ocasionalmente aparecem, dependendo de como se sente. Ela diz ainda que já não sente mais tanta raiva do trabalho, como inicialmente. Acredita ter controle sobre a raiva, diferentemente da esfera familiar e pessoal. Júlia tem a ilusão de ser possível controlar os acontecimentos, as demandas das pessoas e da vida.

Além de mediar o lugar de filha, profissional e esposa, a maternidade é um questionamento de Júlia, um dilema que a leva a pensar no pôr fim à vida. Talvez por estar na faixa etária dos trinta aos trinta e cinco anos, com vida profissional estável e com qualificação acadêmica, esteja se cobrando ser mãe. Na cultura machista a mulher está predestinada a ter filhos. Será que ela estava se sentindo pressionada a corresponder ao estereótipo do feminino ligado à maternidade?

Para Manus (2022):

NEM TODA MULHER É DELICADA. Sonhadora. Ama flores. Chocolates. Batons. Sonha com um príncipe encantado. Ou com a maternidade. . . . Colocar todas as mulheres dentro de um molde tão restritivo é algo verdadeiramente sufocante. É um estereótipo reforçado por bonecas estilo Barbie, estipulando qual é o ideal e, conseqüentemente, nos dizendo que tudo o que foge a essas regras é uma espécie de falha. (p. 87)

Diante de conflitos como os citados na esfera familiar e pessoal, tem dificuldade de lidar com os mesmos. Procura evitar as adversidades afastando-se, como ao decidir sair de casa para se distanciar dos familiares.

Assumir o sofrimento para Júlia ainda parece ser difícil, e o seu modo de lidar com os conflitos encontra nas ideações do pôr fim à vida uma possibilidade de poder-ser? Para Barreto (2019), a angústia é companheira constante e “pode agir como parteira no movimento a caminho do seu ser mais próprio como poder-ser” (p. 117).

No intuito de aplacar o sofrimento, Júlia busca por práticas de bem-estar, a exemplo de exercícios físicos e boa alimentação. Essa busca seria um modo de tamponar o sofrimento? Suspender a terapia pode indicar um modo de evitar entrar em contato com seus dramas existenciais?

A busca de Júlia em relação às práticas de bem-estar parece não dar conta do sofrimento, uma vez que as ideias continuavam e ela as ignorava - “*não é uma coisa que levo a sério*”. Assumir o sofrimento é uma tarefa a ser adiada a cada momento quando se sente ameaçada?

Júlia, apesar de ter iniciado um movimento para cuidar da saúde, ainda parece presa à lógica do mundo da técnica, dos manuais de prevenção sobre os cuidados para o bem-estar. Seria esse o seu modo de controlar o sofrimento pelo viés da técnica?

A dor de Júlia tem sido inibida pela sociedade paliativa, a qual precisa ser evitada a todo custo ou até mesmo excluída, uma vez que não cabe na sociedade do desempenho.

Perguntei: Como você se sente quando tem as ideias? Ela contou:

***Eu sinto com bastante dificuldade de pensar no futuro*** [grifo nosso]. *Em um futuro legal, em um futuro onde eu estivesse feliz. E aí eu acho que o que eu vou viver pela frente não é muito diferente do que estou vivendo agora. E aí eu fico sem esperança, é assim que me sinto durante o momento que isso passa na minha cabeça* [grifo nosso]. *Fico sem esperança, desesperança de que essas escolhas que eu fiz até hoje que elas mudassem, porque eu vou conviver com as mesmas pessoas. Ai a mudança depende de mim. E a mudança é muito difícil, não consigo. Nem que eu mude, não vou fazer com que as pessoas mudem. Então eu me sinto sem esperança.*

Júlia encontra-se sem perspectiva de futuro. A dificuldade de enxergar o futuro e a desesperança apontam para a dificuldade de fazer mudanças no modo de lidar com as suas escolhas e as dificuldades que encontra para lidar com elas. Como compreender o seu receio de mudança frente a si mesma e às suas escolhas?

Ao pensar na dimensão do tempo (passado, presente e futuro), ela se vê sem esperança e sem saber para onde se encaminhar. Ao compreender que o tempo não é cronológico, mas da existência, Heidegger (2008) pontua: “O ser-aí não é no tempo, ele é mesmo o tempo. O ser-porvir . . . sendo o ‘como’ próprio do ser-temporal, é a maneira de ser do ser-aí, na qual e a partir da qual ele se dá o seu tempo.” (p. 51). Nesse sentido, como Júlia consegue ampliar seu horizonte, acolhendo suas escolhas para que aconteçam em um tempo que não seja cronológico?

Para Barreto (2019),

Pensar a existência humana é deparar-se com a inexorabilidade do destino – condição de destinar-se –, que se encontra presente desde o momento em que chegamos ao mundo e iniciamos a grande travessia. Como viajante do tempo, o homem está sempre passando, atravessando estradas e escolhendo caminhos que possam levar a algum lugar. Nesse caminhar, importa estar atento ao que está fazendo com a própria vida, as perdas e os sonhos não sonhados, bem como aos suicídios perpetrados de modo lento. (p. 116)

Como Júlia tem realizado sua travessia no mundo? Por onde andou e quais caminhos decidiu seguir diante da sua finitude e da transitoriedade da existência? Para onde aponta a desesperança de Júlia? As ideações de pôr fim à vida são um modo de não assumir o sofrimento?

Rocha (2007), ao falar sobre a esperança como um caminhar, cita a sua compreensão inspirado no filósofo Heráclito:

A esperança é uma “disposição interior”, ou de uma “força psíquica”, que sustenta o desejo de caminhar. Neste sentido, a esperança só se concebe enquanto sustenta o desejo de ir na direção de um objeto que não se tem e que se o tivéssemos, extinguiria o próprio élan da esperança. (p. 259)

A desesperança sentida por Júlia pode indicar a condição de não se apropriar das suas decisões e escolhas? O pôr fim à vida seria um modo de controlar como se sente diante do peso da sua sacola? Como compreender a falta de expectativa no futuro, o cansaço e a desesperança de Júlia?

Ao comentar a morte da colega que deu cabo da própria vida, Júlia contou do impacto sobre os seus pares. Ela disse ter ficado em um lugar de observadora do modo como as pessoas agiam e da própria instituição: *“Me afetou intimamente assim, mas nem sempre manifestei, e o meu comportamento foi de observar institucionalmente os impactos que isso trouxe para nossa unidade, para as pessoas. Eu percebo que as pessoas, meus colegas se afetaram muito.”*

Para onde aponta o lugar de observadora de Júlia? Ser observadora foi o modo que ela encontrou para se aproximar da morte do outro como sendo sua própria morte? Ao questionar a desesperança da colega estaria também falando do seu modo de ser atualmente?

A falta de esperança de Júlia implica na dificuldade de tematizar suas questões existenciais e de assumir sua condição de destinar-se? Tal situação é retomada por Júlia diante da decisão da colega que deu cabo da sua própria vida. Diante disso ela contou: *“Eu pensei, nossa, quão sem esperança uma pessoa tá no sentido de pôr fim à própria vida e ver que não fez sentido a existência dela de resistência.”*

Para Barreto (2019),

Passado e futuro estão presentes e inter-relacionados no presente. O vigor do ter sido (passado) e o que está por vir (futuro) estão presentes no instante da decisão (presente), no qual o *Dasein* pode assumir-se como um projeto lançado ou perder-se no anonimato da decadência. (p. 123)

Júlia encontra-se ligada ao seu ponto de partida no que diz respeito a pensar em findar a existência diante da falta de controle sobre os acontecimentos que lhe são adversos. Embora tenha feito um movimento de buscar apoio especializado (psicólogos e psiquiatras), não colocou em movimento ainda o seu modo de existir nas relações estabelecidas com os outros, e apresenta ideações de pôr fim à vida.

Ela contou que as ideações dependem do modo como ela se sente.

*Depende do dia e como eu estou, das minhas relações que não necessariamente se referem às minhas relações com a universidade. E eu me preocupo porque não estou em seguimento com a psicóloga. Mas eu acho que estou conseguindo mediar bem sem esse apoio. Não estou negligenciando, me parece que a terapia me abriu alguns caminhos que estou experimentando explorar sozinha por enquanto. E aí a terapia, a psicoterapia para mim tem sido importante recurso e que tá lá à minha disposição e nem sempre eu mobilizo. Então, eu confio que existe alguém que pode me ouvir quando eu precisar. Isso é uma coisa importante, inclusive institucionalmente.*

Ela contou sobre o modo de ser com e dos afetos, os quais podem ter motivado suas ideações, compreendendo que os mesmos não estão apenas no âmbito do trabalho.

A narrativa de Júlia, assim como as de Jonas e Márcia, revelaram que as ideações não eram referentes apenas ao excesso de trabalho. Os(as) professores(as) compreenderam que as ideações podem ter motivações outras além das condições de trabalho, no entanto, essa é a dimensão mais central e de maior peso em suas vidas.

Segundo Dejours e Bègue (2010), o impacto inevitável do suicídio no ambiente de trabalho muitas vezes leva a um pacto de silêncio entre os(as) colegas

sobreviventes. A morte da colega de Júlia teria afetado seus pares a ponto de se criar um pacto de silêncio? Como cada professor(a) enlutado(a) lida com a sua finitude frente à morte de um dos pares? O pôr fim à vida para Júlia se apresenta como um meio de controlar o que não pode ser controlado? Para onde aponta o enlutamento de Júlia?

Para Dutra (2018), o pôr fim à vida é compreendido como uma manifestação de desassossego do século XXI. A autora questiona: “Existiria maior desassossego que esse mal-estar, que ao se assenhorar da existência, a torna vazia de sentidos?” (pp. 103-104).

A narrativa de Júlia me leva a pensar nas ideações de pôr fim à vida como uma possibilidade diante da angústia do existir e do poder-ser frente às demandas da Era da técnica. Leva-me ainda a crer que, assim como ocorreu com Jonas e Lucas, a falta de “controle” diante das adversidades fez Júlia pensar em tirar a própria vida. Ao mesmo tempo, sou afetada pelo luto dos(as) sobreviventes, ou seja, de Júlia e dos seus pares. Eles(as) assumiram um pacto de silêncio, sendo reféns do próprio sofrimento. Como compreender o processo de luto dos(as) sobreviventes para além do paradigma da produtividade, predominante na sociedade do desempenho?



## 8 Considerações Possíveis

Pensar no caminho percorrido até aqui me remete aos dias de sol e chuva, à presença dos moinhos de energia eólica, ao pôr do sol em meio aos carros e vegetação da BR 101, nas idas e vindas de Natal a Recife para cursar o doutorado. O caminho que levava às aulas, orientações e demais atividades foi intenso, uma desconstrução na maneira de pensar e um modo outro de compreender os acontecimentos. O doutorado não é apenas um título acadêmico, mas também um modo de poder-ser no mundo com mais abertura para o que vem ao meu encontro.

Ao longo do doutorado fui atravessada pela pandemia da covid-19, pela partida repentina dos meus pais e pelos lutos tão recentes. Tudo isso provocou maremotos, muitas vezes fui afetada por momentos de tristeza, angústia e medo. Em outros, sentia uma calma, a esperança de que a tempestade dos dias sombrios passaria. Assim, chego até aqui! Romper com a rigidez do pensar e a ilusão do controle da existência foram desafios com que deparei, precisei lidar com as adversidades do existir como os lutos e as perdas significativas.

O ponto de partida assumido neste trabalho foi o de compreender a experiência dos(as) professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas de findar a existência em sua singularidade, distante de qualquer tentativa de explicar o fenômeno, uma vez que ele é multifacetado e permeado por fatores culturais e históricos de cada época.

O pôr fim à vida tem sido uma possibilidade do *Dasein* desde o mundo antigo até o contemporâneo. Uma temática ainda repleta de preconceitos, associada a diferentes motivações.

As ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida nos(as) docentes podem indicar um modo de lidar com os infortúnios da vida, diante de uma crise por se sentirem frustrados em suas tentativas de controlar a existência e os acontecimentos que não podem ser controlados. Existir parece que se tornou pesado demais em algumas situações do cotidiano. O modo de ser dos(as) docentes, tradicionalmente marcado pelo pensamento cartesiano e pelo paradigma da produtividade aponta para uma dificuldade de assumir o sofrimento como dimensão da condição humana.

Nas narrativas, os(as) professores(as) apresentaram como ponto de partida a busca por explicações que justificassem o sofrimento e, de certa maneira, apontassem para um possível controle dos acontecimentos. Diante da condição de não controle da situação e do sofrimento que atravessavam os(as) professores(as), suas ideações e tentativas de findar a existência podem ser compreendidas como uma fuga, como um não enfrentamento do sofrimento e até mesmo como um negar-se a decidir enfrentar as dificuldades que se apresentavam em suas vidas.

Jonas e Lucas referiram-se a “*sentir-se fraco*”, vulnerável, um estranhamento diante das adversidades que não conseguiam prever/controlar, que os deixava angustiados e com medo, e o modo como lidavam com os afetos era pelas ideações de pôr fim à vida. É possível indicar que as expectativas delineadas para nortear o modo de exercer a docência e/ou lidar com questões pessoais, como a paternidade, reproduzem uma tradição do homem “macho, viril e forte”, do produzir cada vez mais e, ao serem tomados por acontecimentos que não seguem a lógica da previsão e do controle estranham, ficam fragilizados.

Partindo de tal pressuposto, é possível indicar que os(as) docentes, ao se submeterem ao projeto indicado como excelência na docência, ficam vulneráveis à dimensão da política neoliberal como lógica dominante do capitalismo. Nessa direção,

podem agir e reagir às pressões de produção acadêmica, exigida pelos órgãos de fomento, com comportamentos vinculados a uma atitude de autoexploração. Tal possibilidade compreensiva se mostra nos comportamentos de Lucas e Júlia, que apontam a cobrança por produtividade como um dos motivos possíveis das ideações do pôr fim à vida.

O paradigma da produtividade, as imposições institucionais, as condições precarizadas de trabalho e a falta de controle sobre a existência e os acontecimentos se apresentaram para os(as) participantes da pesquisa como fontes de adoecimento e perda de sentido do projeto da docência. O adoecimento dos(as) docentes foi diagnosticado como depressão, segundo os critérios da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), que o lista como transtorno de humor ou afetivo. O CID-10 busca uma padronização universal das doenças, baseado na relação entre etiologia, sintomas e processos bioquímicos, o que torna a classificação médica aceitável para o paradigma técnico-científico que predomina no projeto de ensino universitário.

Importa ressaltar que tal configuração técnica, que norteia o diagnóstico da depressão com base na orientação nosológica, “bloqueia” o olhar para a dimensão epocal que nos transpassa em nosso tempo em toda parte. Ou seja, não considera a depressão como modo de mostração, afinado pela angústia e/ou pelo tédio, disposições afetivas fundamentais, obscurecendo o mundo que se descerra pelo viés do diagnóstico e da medicação. Como resposta usual à depressão, é possível indicar a proliferação de atividades e ocupações como exigências do modo de organização do mundo contemporâneo, dominado por pressões que exigem produtividade e excelência, direções dominantes na Era da técnica. Em tal contexto, o sofrimento depressivo considerado como doença incapacitante realça o ideal de produtividade e positividade e se direciona para o retorno ou reabilitação como forma de cura. Assim,

temos um contexto epocal regido pela configuração técnica como composição produtiva e o obscurecimento do sofrimento existencial diagnosticado como doença, conseqüentemente, medicado com vista ao retorno da produtividade. Sofrimento existencial, no presente contexto, é compreendido como manifestação da afetividade que traduz nosso vínculo com o mundo em que somos e estamos, irrompendo no curso da nossa existência, podendo também ser configurado como experiência cultural, própria da situação contemporânea regida pela Era da técnica.

Como será visto a seguir, certos acontecimentos, experienciados e narrados pelos(as) professores(as), apontam para condições de trabalho precarizadas. Entre eles há um realce para experiências como assédio moral, xenofobia e excesso de trabalho. Tais situações podem ser consideradas como “gatilhos” possíveis para as ideias e tentativas de pôr fim à vida. Situações que se mostram como fenômenos dominantes no momento atual, com realce para a dimensão temporal: o tempo da experiência é esmagado pelo tempo objetificado, imposto pela organização social e, no caso de nossos(as) colaboradores(as), pela organização da docência orientada pelos projetos institucionais universitários.

Tal inversão temporal se mostra nas narrativas dos(as) professores(as), com realce para a dimensão política do mundo do trabalho. Os(as) docentes estão imersos(as) numa sociedade do desempenho, com imposições incessantes de demandas e condições de trabalho inadequadas, agravadas pelo contexto macropolítico que hoje impera no Brasil: ataque às universidades públicas, consolidação da lógica do sistema neoliberal que avança sobre as universidades públicas, e a falácia de que geram prejuízo aos cofres públicos. Os(as) professores(as) há muito tempo encontram-se ameaçados em seu ofício, pelo descaso com a educação em nosso país.

Os(as) colaboradores(as) da pesquisa sinalizaram um cansaço coletivo, no qual as ideias de findar a existência podem sugerir um modo de lidar com o sofrimento. Em que medida as narrativas são uma denúncia política sobre as instituições de ensino superior no Brasil?

Cuidar da existência em um mundo sombrio e desalojador é um desafio para os(as) professores(as) deste estudo. A busca pelas práticas de bem-estar parece refletir um ensaio do cuidado, embora cuidar da existência vá para além do corpo físico. Na sociedade do desempenho, somos convocados(as) a trabalhar incessantemente, e o tempo destinado ao descanso muitas vezes é revertido para atualizar as demandas laborais. Os (as) professores(as) do estudo se encontram absorvidos(as) no mundo do impessoal, do pensamento técnico em detrimento do meditativo, onde o homem é visto como fundo de reserva, que tudo prevê e controla. Em tal contexto, o tempo próprio da existência foi desapropriado pelas instituições de ensino, desapropriação que inclui também a liberdade de gerenciar as atividades que exigem tomadas de decisão e criação, confundidas com produção técnica.

Nesse toar, o sofrimento, experienciado por professores(as) que apresentaram ideias e/ou tentativas de findar a existência, vem acompanhado por iniciativas e buscas de aplacá-lo. Iniciativas que, ao serem acolhidas por uma atitude que prioriza o diagnóstico e a medicação, “abafam” a voz da angústia e do tédio, não compreendidos como afetos fundamentais próprios da existência e sim como adoecimento que precisa ser medicado com o intuito de uma cura, com vistas ao retorno às atividades docentes.

Importa realçar ainda o contexto atravessado pelos(as) docentes, qual seja, o caos provocado pela pandemia da covid-19, um ex-presidente da República negacionista em relação à ciência e às pesquisas e uma sociedade com raízes

racistas, homofóbicas, sexistas, desigual e machista, o que tornou o habitar inóspito, afinados pela angústia e o tédio e dominado pelo pensamento técnico que norteia tanto os procedimentos médicos como os projetos institucionais das unidades de ensino universitárias e dos órgãos de fomento.

Diante de tal destinamento técnico e do horizonte histórico, o habitar dos(as) professores(as) sinalizou um desalojamento da paz do abrigo, em que a decisão do modo de lidar com a sua existência pode se mostrar como negação da própria vida - no pôr fim à vida. Há uma negação de si mesmo, essa vida que é a minha não pode ser a minha!

No entanto, como posso viver minha vida diante da ameaça constante da ausência de controle e da imprevisibilidade da vida? Vamos escutar a fala de nossos(as) colaboradores(as): Jonas e Lucas, por caminhos distintos, mudaram sua perspectiva ao longo das licenças de saúde e conseguiram encontrar outro modo de lidar com as adversidades, embora a possibilidade de findar a existência ainda esteja presente. Apesar de ainda não conseguirem se apropriar do sofrimento existencial, afinado pela angústia, já conseguem ver outras possibilidades de poder-ser, de encaminhar a existência, desvelando encaminhamentos de cuidado.

Márcia pareceu compreender que a medicalização levava à remissão dos seus sintomas, mas não modificava o modo como se sentia no mundo, bem como o modo de viver em uma sociedade que exerce coação por desempenho e conduz o *Dasein* a uma exigência deliberada sobre si mesmo. Ela parece presa ao modo como lida com a sua existência e findar a própria vida se apresentou como uma possibilidade. Falar sobre a temática traz muito sofrimento para Márcia, e revela o tabu ainda presente na contemporaneidade.

Sua narrativa mostra a dificuldade em se apropriar do sofrimento, bem como de colocar em jogo suas decisões para encaminhar sua vida. Findar a existência para ela e para Júlia ainda se apresenta como uma possibilidade.

Júlia, diante do fato de uma colega de trabalho ter dado cabo à própria vida e de tal acontecimento não ter provocado mudanças nas exigências laborais, percebeu que findar a existência em razão do trabalho não iria mudar tais processos, nem serviria como aviso institucional, e talvez o seu ato não provocasse o efeito político que desejava. No entanto, ela não mudou sua perspectiva em relação às ideias de pôr fim à vida diante de adversidades.

Nas narrativas dos(as) professores(as) o trabalho assume uma dimensão central em suas vidas, no entanto, questões pessoais, como a paternidade e a maternidade também foram apontadas diante da decisão de antecipar a morte.

O peso do trabalho e o modo como os(as) docentes lidam com a pressão e o estresse pode contribuir para a dificuldade de pôr em xeque o destinação técnico e, ao deparar-se com a dificuldade de prepararem-se existencialmente para outros horizontes, decidem pela negação de sua própria vida.

A decisão de findar a existência, transpassada por diversas dimensões, pode apresentar-se como um modo possível de encaminhar a existência, de não conseguir ter que decidir a cada momento pelo modo como encaminho as decisões diante do que acontece, como por exemplo: os deslocamentos obrigatórios, as atitudes autoritárias, o desconhecimento das diferenças regionais, os projetos traçados colocados em xeque, os descasos da universidade com os(as) professores(as).

Descaso que se mostrou na narrativa de Julia. Seu luto pela colega que deu fim à própria vida parece ter tomado conta dela e dos seus pares. Um pacto de silêncio quando a temática vem à tona parece ser o tom entre os(as) docentes, colegas de

trabalho e familiares. Até mesmo diante da morte voluntária de um dos pares, os(as) sobreviventes preferem o silêncio, como se assim pudessem calar a angústia da dor de existir. Em que medida as universidades podem cuidar dos(as) seus(uas) professores(as) com o intuito de escutar suas demandas e oferecer melhores condições de trabalho?

A cultura governamental e institucional da busca desfreada por produzir incessantemente pode levar até à exaustão os professores universitários, assim como suas demandas pessoais. Faz-se necessário que o *staff* e a gestão de pessoas das universidades federais repensem as estratégias de cuidados efetivos para os(as) seus(uas) docentes.

A responsabilidade social pela qualidade de vida passa por melhores condições de trabalho, menos pressão institucional. Um dos caminhos possíveis poderá ser elaborar junto aos(às) seus(uas) servidores(as) uma política em saúde mental que possa favorecer meios para compreender o(a) docente em períodos de crise existencial e servir de rede de apoio ao exercício do seu ofício.

A vida do(a) professor(a) universitário(a) precisa ser mais que o *curriculum lattes* e a academia apenas uma parte da sua vida. Nesta direção, a UFRN aponta para uma preocupação/cuidado com a saúde mental dos seus servidores. Em 2019, instituiu a Comissão em Saúde Mental, pela *Portaria Eletrônica nº 092/2019-R, de 10 de abril de 2019*, com o objetivo de apresentar diretrizes para proposta de implantação da Política de Saúde Mental para os servidores e discentes da Instituição.

Nas dobras do existir, o pôr fim à vida se apresenta como uma possibilidade para os(as) docentes, como um desassossego do *Dasein* que se encontra no “entre” do mistério vida e morte, tendo que decidir a todo instante como existir diante do que acontece nas diversas dimensões da vida.



Na crise do pôr fim à vida, os(as) professores(as) lidaram com a dificuldade de decidir ter que assumir sua vida do modo como ela se apresentava. Decidir não decidir pode ser vivido como uma experiência de falta de controle sobre os acontecimentos da vida, sejam os da dimensão singular, como a maternidade e a paternidade, sejam os da dimensão social do trabalho, como a xenofobia e os assédios. Em tal situação, o pôr fim a vida pode se apresentar como possibilidade de não assumir o modo como a vida está sendo vivida, o que implicaria em ter que escolher saídas diante dos acontecimentos que são inevitáveis. Não controlamos os acontecimentos (não ter um “filho homem”, não ser aceito pela comunidade da IES), mas podemos escolher como lidar com tais acontecimentos.

Que esta tese possa ser fonte de pesquisa e subsídios para os(as) pesquisadores(as) do campo da Fenomenologia Heideggeriana, os(as) profissionais de saúde e de gestão de pessoas, no sentido de auxiliar na compreensão do fenômeno das ideações e ou tentativas do pôr fim à vida de professores(as) das universidades públicas brasileiras.

## Referências

- Albuquerque, Durval Muniz, Júnior. (2003). *Nordestino: Uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940)*. Edições Catavento.
- Alonso, Bruno. (2019). Cinismo e parresia: Um paralelo entre Foucault e Montaigne. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, 7(1), 115-130. <https://doi.org/10.26512/rfmc.v7i1.23071>
- Alvarez, Alfred. (1999). *O deus selvagem: Um estudo do suicídio* (Sonia Moreira, Trad.). Companhia das Letras.
- Alves, Priscila Castro. (2017). *Qualidade de vida e esgotamento profissional do professor universitário* [Tese de doutorado, Centro de Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional UFU. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19699/1/QualidadeVidaEsgotamento.pdf>
- Andrade, Carlos Drummond de. (1928, julho). No meio do caminho. *Revista de Antropofagia*, 1(3), p. 1. <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/02/andrade-oswald-de-revista-de-antropofagia.pdf>
- Andrade, Carlos Drummond de. (1942). E agora, José? *Poesias*. Livraria José Olympio Editora.
- Andrade, Ângela Cardoso, & Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares. (2020). A situação hermenêutica e a clínica psicológica: Caminhos possíveis. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(4), 1191-1211. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56657>

- Associação Brasileira de Psiquiatria. (2014). *Suicídio: Informando para prevenir*. CFM/ABP. [https://www.sbahq.org/resources/pdf/defesaprofissional/artigos/cartilha\\_suicidio.pdf](https://www.sbahq.org/resources/pdf/defesaprofissional/artigos/cartilha_suicidio.pdf)
- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. (2022, 5 de outubro). *Governo federal faz novo corte na educação e inviabiliza funcionamento das universidades*. <https://www.andifes.org.br/?p=94444>
- Azevedo, Ianny Felinto Medeiros de. (2020). *A tentativa de suicídio e o Seridó potiguar: Um estudo à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana* [Tese de doutorado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31483?mode=full>
- Barbagli, Marzio. (2019). *O suicídio no Ocidente e no Oriente* (Federico Carotti, Trad.). Vozes.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares. (2018). Angústia e desamparo: O sofrimento humano na era da técnica moderna. In Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (Coord.), Danielle de Fátima Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite, & Ellen Fernanda Gomes da Silva (Orgs.), *Clínica Psicológica e Sofrimento Humano: Uma perspectiva fenomenológica existencial* (pp. 19-33). CRV.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares. (2019). O tempo da existência humana e a esperança: Ressonâncias sobre a clínica contemporânea. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo & Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (Orgs.), *Daseinsanálise hoje* (pp. 113-130). Ifen.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares. (2022). Sofrimento e clínica psicológica como situação hermenêutica. In Elza Dutra (Org.), *Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade* (pp. 201-212). Ifen.

- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares, & Morato, Henriette Tognetti Penha. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In Henriette Tognetti Penha Morato, Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, & André Prado Nunes (Coords.), *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: Uma introdução* (pp. 41-51). Guanabara Koogan.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares, Prado, Rafael Auler de Almeida, & Leite, Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira. (2019). Hermenêutica filosófica em Gadamer e pesquisa fenomenológica. In Bárbara Eleonora Bezerra Cabral, Luciana Szymaski, Maria Inês Badaró Moreira, & Maria Luisa Sandoval Schmidt (Orgs.), *Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: Experimentações em psicologia* (pp. 49-66). CRV.
- Batista, Jaqueline Brito Vidal. (2019). *Quando trabalhar com gente adocece: Síndrome de Burnout em professores do ensino fundamental*. CCTA/UFPB.
- Benjamin, Walter. (1986). O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In Walter Benjamin (Org.), *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura* (Sérgio Paulo Rouanet, Trad.; 2a ed., pp. 197-221). Brasiliense.
- Bola, J. J. (2020). *Seja Homem: A masculinidade desmascarada* (Rafael Spuldar, Trad.; 2a ed.). Dublinense.
- Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. (2017, 4 de maio). *Revista Fórum*. <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html>
- Borges-Duarte, Irene. (2019). À força de padecer: considerações sobre a dor como experiência ontológica. *Revista Natureza Humana*, 21(2), 112-129.

- Borges-Duarte, Irene. (2020). Dúvida e provação como experiência de crise (Hegel para psicólogos). In Elza Dutra (Org.), *Sofrimento e Historicidade: O desamparo ético-político na contemporaneidade* (pp. 79-102). Ifen.
- Borges-Duarte, Irene. (2021a). *Cuidado e afetividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica*. Ed. PUC-Rio.
- Borges-Duarte, Irene. (2021b). A sabedoria do bom humor. In Irene Borges-Duarte (Org.), *Cuidado e afetividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica* (pp. 229-250). Ed. PUC-Rio.
- Boss, Medard. (1981). *Angústia, culpa e libertação: Ensaios de psicanálise existencial* (Barbara Spanoudis, Trad.; 3a ed.). Duas Cidades.
- Botega, Neury José. (2015). *Crise suicida: Avaliação e manejo*. Artmed.
- Brum, Eliane. (2014). *Meus desacontecimentos: A história da minha vida com as palavras*. Leya.
- Camus, Alfred. (2019). *O mito de Sísifo*. (Ari Roitman & Paulina Watch, Trads.; 17a ed.). Record. (Original publicado em 1942).
- Carvalho, José Jorge de. (2020). Encontro de saberes e descolonização: Para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, & Ramón Grosfoguel (Orgs.), *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (2a ed., 3a reimp., pp. 79-106, Coleção Cultura Negra e Identidade). Autêntica.
- Casanova, Marco Antonio dos Santos. (2017). *Mundo e Historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo* (Vol. 1: Existência e mundaneidade). Via Verita.
- Casanova, Marco Antônio dos Santos. (2018). Da angústia ao cuidado: Da suspensão dos sentidos cotidianos à essência do existir como cuidado. In Elza

- Dutra (Org.), *O desassossego humano na contemporaneidade* (pp. 281-306).  
Via Verita.
- Casanova, Marco Antonio dos Santos. (2021). *Tédio e tempo: Sobre uma tonalidade afetiva fundamental fática do nosso filosofar atual*. Via Verita.
- Cerbone, David R. (2014). *Fenomenologia* (Caeser Souza, Trad.; 3a ed.; Série Pensamento Moderno). Vozes.
- Coelho, Elenise Abreu, Silva, Ana Claudia Pinto da, Pellegrini, Tais Barcellos de, & Patias, Naiana Dapieve. (2021). Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. *PSI UNISC*, 5(2), 20-32. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i2.16458>
- Costa, Rudy Alves, Soares, Hugo Leonardo Rodrigues, & Teixeira, José Antônio Caldas. (2007). Benefícios da atividade física e do exercício físico na depressão. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19(1), 273-274. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000100022>
- Creswell, John Ward. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens* (Sandra Mallmann da Rosa, Trad.; 3a ed., rev.). Penso.
- Critelli, Dulce. Método: Revelação e ocultamento. In Bárbara Eleonora Bezerra Cabral, Luciana Szymaski, Maria Inês Badaró Moreira, & Maria Luisa Sandoval Schmidt (Orgs.), *Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: Experimentações em psicologia* (pp. 23-29). CRV.
- Cunha, Antonio Geraldo da. (2007). *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (3a ed.). Lexikon Editora Digital.
- Damásio, Bruno Figueiredo, Melo, Rômulo Lustosa Pimenteira de, & Silva, Joilson Pereira da. (2013, janeiro-abril). Sentido de vida, bem-estar psicológico e

qualidade de vida em professores escolares. *Paidéia*, 23(54), 73-82.

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272354201309>

*Decreto nº 10.225.* (2020, 5 de fevereiro). Institui o Comitê Gestor da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, regulamenta a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio e estabelece normas relativas à notificação compulsória de violência autoprovocada. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10225.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10225.htm)

*Decreto nº 10.961.* (2022, 11 de fevereiro). Dispõe sobre a programação orçamentária e financeira, estabelece o cronograma de execução mensal de desembolso do Poder Executivo federal para o exercício de 2022 e dá outras providências. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/decreto/D10961.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/decreto/D10961.htm)

*Decreto nº 11.216.* (2022, 30 de setembro). Altera o Decreto nº 10.961, de 11 de fevereiro de 2022, que dispõe sobre a programação orçamentária e financeira e estabelece o cronograma de execução mensal de desembolso do Poder Executivo federal para o exercício de 2022. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/decreto/D11216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/decreto/D11216.htm)

Dejours, Christophe, & Bègue, Florence (2010). *Suicídio e trabalho: O que fazer?* (Frank Soudant, Trad.). Paralelo 15.

Domínguez, Íñigo. (2020, 15 de março). Diário de como um vírus parou um país. *El País*. <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-15/diario-de-como-um-virus-parou-um-pais.html>

Duarte, André. (2010). *Vidas em risco: Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Forense Universitária.

- Duarte, André. (2020). *A pandemia e o pandemônio: Ensaio sobre a crise da democracia brasileira*. Via Verita.
- Durkheim, Émile. (2002). *O suicídio*. Martin Claret. (Original publicado em 1897).
- Dutra, Elza. (2002, julho). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371-378. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>
- Dutra, Elza. (2011). Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: Algumas considerações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 152-157. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-6867201100200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-6867201100200006&lng=pt&tlng=pt)
- Dutra, Elza. (2018). Suicídio e desassossego: Pensamentos sobre a morte voluntária em tempos de técnicas. In Elza Dutra (Org.), *O desassossego humano na contemporaneidade* (pp. 103-128). Via Verita.
- Faria, Nathalia K. A. Alencastro Guimarães. (2016). *Depressão em professores da rede estadual de ensino de Londrina/PR: Caracterização e fatores associados* [Dissertação de mestrado, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Londrina]. Biblioteca Digital da UEL. [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL\\_969a2eea545dbef13783d5abff2f670](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_969a2eea545dbef13783d5abff2f670)
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2018a, setembro-dezembro). Metà-Hodós: Da Fenomenologia Hermenêutica à Psicologia. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3), 329-339. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.7>
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2018b). Uma análise crítica dos estudos fenomenológicos sobre o suicídio. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 67-104). Ifen.



- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa* (3a ed.). Nova Fronteira.
- Figueiredo, Luís Cláudio. (1994). *Escutar, recordar, dizer: Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. Escuta.
- Flick, Uwe. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes* (Magda Lopes, Trad., Dirceu da Silva, Rev.). Penso.
- Foucault, Michel. (2018). *A Hermenêutica do Sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982)* (Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, Trads.; 3a ed.). Martins Fontes.
- Francisco, Antonio. (2010). *Um homem chamado Dé* [Literatura de Cordel]. Queima-Bucha.
- Gadamer, Hans-Georg. (1999). *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (Flávio Paulo Meurer, Trad.; 3a ed.). Vozes.
- Gadamer, Hans-Georg. (2000). Texto e Interpretação. In Irene Borges-Duarte, Fernanda Henriques, & Isabel Matos Dias (Orgs.), *Texto, Leitura e Escrita: Antologia* (pp. 63-94). Porto Editora.
- Gadamer, Hans-Georg. (2011). *O caráter oculto da saúde* (Antonio Luiz Costa, Trad.; 2a ed.). Vozes.
- Gadamer, Hans-Georg. (2012). In Jean Grondin (Org.), *O pensamento de Gadamer* (Enio Paulo Giachini, Trad., Coleção Philosophica, Rachel Gazolla, Coord., pp. 261-310). Paulus.
- Gavin, Rejane Salomão, Reisdorfer, Emilene, Gherardi-Donato, Edilaine Cristina da Silva, Reis, Leonardo Naves dos, & Zanetti, Ana Carolina Guidorizzi. (2015). Associação entre depressão, estresse, ansiedade e uso de álcool entre servidores públicos. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*

(*Edição em Português*), 11(1), 2-9. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v11i1p2-9>

Giacoaia, Oswaldo, Junior. (2013). *Heidegger urgente: Introdução a um novo pensar*.

Três Estrelas.

Goethe, Johann Wolfgang von. (2006). *Os sofrimentos do jovem Werther*. Hedra.

Han, Byung-Chul. (2017a). *A agonia de Eros* (Enio Paulo Giachini, Trad.). Vozes.

Han, Byung-Chul. (2017b). *Sociedade do cansaço* (Enio Paulo Giachini, Trad.).

Vozes.

Han, Byung-Chul. (2017c). *Sociedade da transparência* (Enio Paulo Giachini, Trad.).

Vozes.

Han, Byung-Chul. (2020, 22 de março). *O coronavírus de hoje e o mundo de*

*amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han*. [El País]. Recuperado de

<https://brasil.elpais.com/ideias/2020/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

Han, Byung-Chul. (2021a). *Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo*

(Lucas Machado, Trad.). Vozes.

Han, Byung-Chul. (2021b). *Sociedade paliativa: A dor hoje* (Lucas Machado, Trad.).

Vozes.

Han, Byung-Chul. (2021c). *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do*

*presente*. Vozes.

Han, Byung-Chul. (2022a). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e*

*comunicação hoje* (Lucas Machado, Trad.). Vozes.

Han, Byung-Chul. (2022b). *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (Gabriel

S. Philipson, Trad.). Vozes.

- Heidegger, Martin (1998). *Caminhos de floresta* (Irene Borges-Duarte, Coord. e Trad., Filipa Pedroso Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço Bernhard Sylla, Vítor Moura, & João Constâncio, Trads., Helga Hooek Quadrado & Irene Borges-Duarte, Revs. da tradução). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Heidegger, Martin. (2002). *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicación de la situación hermenéutica* (Jesús Adrián Escudero, Trad.). Editorial Trotta.
- Heidegger, Martin (2008). *O conceito de tempo: Edição bilingue* (Irene Borges-Duarte, Trad.; 2a ed.). Fim de Século.
- Heidegger, Martin. (2012a). *Ser e Tempo* (Fausto Castilho, Org. e Trad.). Editora da Unicamp.
- Heidegger, Martin. (2012b). A questão da técnica. In Heidegger, Martin, *Ensaios e Conferências* (Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, & Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trad.; 8a ed.). Vozes.
- Heidegger, Martin. (2015a). *Ser e Tempo* (Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trad.). Vozes.
- Heidegger, Martin. (2015b). *Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, finitude e solidão* (Marco Antônio Casanova, Trad.; 2a ed.). Forense Universitária.
- Heidegger, Martin. (2017). *Seminários de Zollikon: Protocolos, diálogos, cartas* (Arnhold Gabriella & Maria de Fátima de Almeida Prado, Trads., Medard Boss, Ed.; 3a ed. rev.). Escuta.
- Heidegger, Martin. (2018a). A questão da técnica. In Martin Heidegger, *Ensaios e Conferências* (Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, & Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trad.; 8a ed., pp. 11-38). Vozes.

Heidegger, Martin. (2018b). *Ser e Tempo* (Márcia Sá Cavalcanti, Trad.; 10a ed.). Vozes.

Heidegger, Martin. (2021). *Seminários de Zollikon* (Peter Trawny, Org., Marco Antonio Casanova, Trad., Deborah Guimarães, Rev.). Via Verita.

Holly, Mary Louise, & Altrichter, Herbert. (2015). Diários de pesquisa. In Bridget Somekh & Cathy Lewin (Orgs.), *Teoria e métodos de pesquisa social* (pp. 79-89). Vozes.

Kilomba, Grada. (2020). *Memórias da plantação: Episódios do racismo cotidiano* (Jess Oliveira, Trad.; 4a reimp.). Cobogó.

King, Anna Lucia Spear, Nardi, Antonio Egidio, & Cruz, Marcelo Santos. (2006). Risco de suicídio em paciente alcoolista com depressão. *J. Bras. Psiquiatria*, 55(1), 70-73. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852006000100010>

*Lei nº 13.819*. (2019, 26 de abril). Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2019/lei/l13819.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/l13819.htm)

Leite, Janete Luzia. (2017, maio-agosto). Publicar ou perecer: A esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katálysis*, 20(2), 207-215. <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>

Lessa, Maria Bernadete Medeiros Fernandes. (2018). Um estudo sobre a moralização do suicídio. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 105-144). Ifen.

Lima, Franciane Amorim de Oliveira. (2017). *Afastamento do trabalho a partir do sistema de informação em saúde no contexto de uma instituição federal de*

*ensino superior* [Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24765>

Macedo, Luciani Soares Silva. (2019). *Trabalho, vida fora do trabalho e adiamento da aposentadoria para docentes universitários* [Tese de doutorado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27916>

Maciel, Ana Carolina, Vasconcelos, Andressa, Pfeil, Bruno Latini, Gonzalez, Ramiro, & Miranda, Tarcísio. (2022). Não somos humanos nem queremos ser: Considerações para a construção de um processo de descolonização da Psicologia. In Alexandre Trzan & Cristine Mattar (Orgs.), *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: Interseções* (pp. 55-82). Via Verita.

Maia, Heribaldo. (2022). *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: O mal-estar nas universidades*. Ruptura.

Manus, Ruth. (2022). *Guia Prático antimachismo: Para pessoas de todos os gêneros*. Sextante.

Markun, Paulo. (2021). *Recurso final: A investigação da Política Federal que levou ao suicídio de um reitor em Santa Catarina*. Objetiva.

Massa, Lilian Dias Bernardo, Silva, Talita Silvério de Souza, Sá, Isabela Sebastian Vieira Barbosa, Barreto, Bárbara Costa de Sá, Almeida, Pedro Henrique Tavares Queiroz de, & Pontes, Tatiana Barcelos. (2016). Síndrome de Burnout em professores universitários. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de*

*São Paulo*, 27(2), 180-189. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i2p180-189>

Mattar, Cristine Monteiro. (2020). *Depressão: Doença ou fenômeno epocal?* Via Verita.

Ministério da Saúde. (2021, setembro). Mortalidade por suicídio e notificações por lesões autoprovocadas no Brasil. *Boletim Epidemiológico*, 52(33). [https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_33\\_final.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf/view)

Minois, Georges. (2018). *História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária* (Fernando Santos, Trad.). Fundação Editora da Unesp.

Moraes, Vinicius de. (1960). *Antologia Poética*. Editora do Autor.

Morato, Henriette Tognetti Penha. (2018). Reflexões acerca da saúde: Implicações para o desassossego humano contemporâneo. In Elza Dutra (Org.), *O desassossego humano na contemporaneidade* (pp. 167-197). Via Verita.

Neves, Claudia Elizabeth Abbês Baêta, & Heckert, Ana Lúcia Coelho. (2016).

Interferir entre desejo e capital: Processos de trabalho em análise. In Fernanda Spanier Amador, Maria Elizabeth Barros de Barros, & Tania Mara Galli Fonseca (Orgs.), *Clínicas do trabalho e paradigma estético* (pp. 145-158). Editora da UFRGS.

Nolasco, Sócrates. (1993). *O mito da masculinidade*. Rocco.

Oliveira, Elizabete Regina Araújo de, Garcia, Átala Lotti, Gomes, Maria José, Bittar, Telmo Oliveira, & Pereira, Antonio Carlos. (2012, março). Gênero e qualidade de vida percebida: Estudo com professores da área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 741-747. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300021>

- Oliveira, Raissa de. (Host). (2020, 15 de outubro). *Efeitos da Pandemia: Impactos do ensino remoto na comunidade acadêmica* (nº 2) [Episódio de um podcast]. In Sintonia Universitária. Dase UFRN. <https://anchor.fm/sintonia-universitaria/episodes/Efeitos-da-Pandemia-Impactos-do-Ensino-Remoto-na-Comunidade-Acadmica-el2u7t>
- Organização Pan-Americana da Saúde, & Organização Mundial da Saúde. (2020). *Histórico da pandemia de covid-19*. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
- Palhares, Isabela. (2020, 14 de fevereiro). Nova entidade reúne reitores nomeados por Bolsonaro sem liderar lista tríplice. *Folha de S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/02/nova-entidade-reune-reitores-nomeados-por-bolsonaro-sem-vencerem-eleicao.shtml>
- Peraita, Carmen Segura. (2002). *Hermenéutica de la vida humana: En torno al informe Natorp de Martin Heidegger*. Trotta.
- Pessoa, Fernando (2012). *Livro do desassossego*. Assírio & Alvim.
- Pessoa, Fernando. (2014). *Livro do desassossego* (7a ed.). Assírio & Alvim.
- Platão. (2011). *Diálogos VII (suspeitos e apócrifos)*. (Edson Bini, Trad.). Edipro.
- Platão. (2017). *Apologia de Sócrates: O banquete*. Martin Claret.
- Portaria nº 343. (2020, 17 de março). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Ministério da Educação, Gabinete do Ministro. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm)
- Portaria eletrônica nº 092. (2019, 10 de abril). [Institui] a Comissão em Saúde Mental da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), . . . com o objetivo de

apresentar diretrizes para proposta de implantação da Política de Saúde Mental para os servidores e os discentes da Instituição. <https://sipac.ufrn.br/public/visualizaBoletins.do>

*Resolução nº 062.* (2020, 5 de novembro). Dispõe sobre a regulamentação das atividades de ensino dos cursos de graduação dos Períodos Letivos 2020.2, 2021.1 e 2021.2. Ministério da Educação, UFRN.

*Resolução nº 105.* (2020, 15 de dezembro). Dispõe sobre a regulamentação das atividades de ensino da educação básica e da educação profissional técnica de nível médio dos Períodos Letivos 2020.2, 2021.1 e 2021.2. Ministério da Educação, UFRN.

Rocha, Zeferino. (2001). *A morte de Sócrates: Monólogo filosófico*. Escuta.

Rocha, Zeferino. (2007, April-June). Esperança não é esperar, é caminhar.

Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 10(2), 255-273. <https://doi.org/10.1590/1415-47142007002005>

Safra, Gilberto. (2004). *A pó-ética na clínica contemporânea*. Ideias & Letras.

Sampaio, Rosana Ferreira, & Mancini, Marisa Cotta. (2007). Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11(1), 83-89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>

Sant'Anna, Guilherme da Silva. (2018). Dor, sofrimento e pôr fim à vida: Uma análise crítica. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 171-194). Ifen.

Santana, Lucas. (2020, 6 de agosto). Professores na pandemia: "De repente, nossas vidas mudaram da água para o vinho". *Nova Escola*. <https://novaescola.>



[org.br/conteudo/19604/professores-na-pandemia-de-repente-nossas-vidas-mudaram-da-agua-para-o-vinho](http://org.br/conteudo/19604/professores-na-pandemia-de-repente-nossas-vidas-mudaram-da-agua-para-o-vinho)

Santos, Boaventura de Sousa. (2020a). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo Editora.

Santos, Boaventura de Sousa. (2020b, 2 de julho). Boaventura: A universidade pós-pandêmica. *Outras Palavras*. <https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/boaventura-a-universidade-pos-pandemica/>

Santos, Boaventura de Sousa. (2022). *Descolonizar: Abrindo a história do presente* (Luis Reyes Gil, Trad.). Autêntica.

Santos, João Victor, & Azevedo, Wagner Fernandes de. (2019, 19 de agosto).

Future-se e o capitalismo universitário. "Trata-se de transformar a universidade, de um bem comum, em investimento lucrativo". Entrevista especial com Boaventura de Sousa Santos. *IHU On-Line*. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/591753-future-se-e-o-capitalismo-universitario-trata-se-de-transformar-a-universidade-de-um-bem-comum-em-investimento-lucrativo-entrevista-especial-com-boaventura-de-sousa-santos>

Santos, Lulu, & Motta, Nelson. (1983). Como uma onda (zen-surfismo) [Música]. No LP *O ritmo do momento*: EMI.

Schmidt, Beatriz, Palazzi, Ambra, & Piccinini, Cesar Augusto. (2020, outubro-dezembro). Entrevista online: Potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de covid-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 8(4), 960-966. <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4877>

Schwandt, Thomas. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: Interpretação, hermenêutica e construcionismo social. In Norman

- Denzin & Yvonna Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (Sandra Regina Netz, Trad.; 2a ed., pp. 193-217). Artmed.
- Sêneca. (2014). *Aprendendo a viver. Cartas a Lucílio*. (Lúcia Sá Rebello & Ellen Itanajara Neves Vranas, Trad.). L&PM.
- Seu Jorge. (2011). Amiga da minha mulher [Música – Faixa 6]. No CD *Músicas para Churrasco I*: Universal.
- Shakespeare, William. (1976). *A tragédia de Hamlet*. (P. E. da Silva Ramos, Trad.). São Paulo: Coleção Teatro Vivo. (Original encenado em 1603).
- Silva, Izala Sarah Freitas da. (2017). *Saúde do trabalhador: Um estudo acerca da determinação social da saúde que perpassa os afastamentos em uma universidade pública federal* [Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24269>
- Silva, Maria Vanessa Moraes da. (2022). *Além do arco-íris: Tentativa de suicídio entre a população LGBTI+, uma compreensão fenomenológico-hermenêutica* [Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte], Natal, 2022. Orientador: Profa. Dra. Ana Karina Silva Azevedo. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49472>
- Silva, T. R., & Carvalho, E. A. (2016). Depressão em professores universitários: uma revisão da literatura brasileira. *Revista Uningá*, 28(1), 113-117. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4rb20180092>

- Silva, Williane. (2020, 17 de agosto). UFRN disponibiliza resultado da pesquisa sobre o PLSE. UFRN [Imprensa]. <https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/39036/ufrn-disponibiliza-resultado-da-pesquisa-sobre-o-plse>
- Silveira, Daniel. (2020, 7 de fevereiro). Paulo Guedes compara funcionário público a 'parasita' ao defender reforma administrativa. G1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/07/paulo-guedes-compara-funcionario-publico-a-parasita-ao-defender-reforma-administrativa.ghtml>
- Soares, Ingrid. (2020, 14 de outubro). “Problema da pandemia foi superdimensionado”, diz Bolsonaro. *Correio Braziliense*. <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2020/10/4882108-problema-da-pandemia-foi-superdimensionado-diz-bolsonaro.html>
- Szymanski, Luciana, & Fachim, Felipe. (2019). Contribuições do pensamento fenomenológico existencial e hermenêutico no processo de construção e análise da pesquisa qualitativa, interventiva e dialógica. In Bárbara Eleonora Bezerra Cabral, Luciana Szymanski, Maria Inês Badaró Moreira, & Maria Luisa Sandoval Schmidt (Orgs.), *Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: Experimentações em psicologia* (pp. 67-83). CRV.
- Tiburi, Márcia. (2021). *Complexo de vira-lata: Análise da humilhação brasileira*. Civilização Brasileira.
- Torres, Jesus Vázquez. (1999). Angústia e desamparo numa perspectiva heideggeriana. *Revista Perspectiva Filosófica*, 6(11), 145-157.
- Tribuna do Norte. (2021, 6 de setembro). Com alta em número de suicídios no RN, especialista alerta sobre necessidade de prevenção. [http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/com-alta-em-naomero-de-suica-dios-no-rn-especialista-alerta-sobre-necessidade-de-prevena-a-o/519922#:~:text=Com%20alta%20em%](http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/com-alta-em-naomero-de-suica-dios-no-rn-especialista-alerta-sobre-necessidade-de-prevena-a-o/519922#:~:text=Com%20alta%20em%20)

20n%C3%BAmero%20de,2021%20%2D%20Not%C3%ADcia%20%2D%20Tribuna%20do%20Norte&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20pessoas%20que,compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20ano%20anterior

Trzan-Ávila, Alexandre (2022). Pele Colonial, máscaras fenomenológicas: Quando a colonialidade nos impede de ver os fenômenos. In Alexandre Trzan & Cristine Mattar (Orgs.), *Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: Interseções* (pp. 83-115). Via Verita.

Vattimo, Gianni. (1996). *Introdução a Heidegger* (João Gama, Trad.). Piaget.

World Health Organization. (2019). *Suicide in the world: Global Health Estimates*.


<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?ua=1>

World Health Organization. (2021). *Suicide worldwide in 2019: Global health estimates*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>

## Apêndice A – Termo de Consentimento para Entrevista *Online*

TCLE – Entrevista na modalidade *online*

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

	<p style="text-align: center;"><b>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO</b></p> <p style="text-align: center;"><b>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA</b></p> <p style="text-align: center;"><b>DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</b></p> <p style="text-align: center;"><b>PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO</b></p>
---	---

**Título: A experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida.**

Pesquisadora: Andréa Carla Ferreira de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: “**A experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida**”. Neste estudo pretendemos compreender o fenômeno de pôr fim à vida na experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas malogradas ao longo da existência.

A sua participação não é obrigatória e o Sr.(a) pode desistir de participar e retirar o seu consentimento em qualquer tempo da pesquisa sem prejuízo com o(a) pesquisador(a).

A sua participação será através de uma entrevista narrativa acerca da temática na modalidade remota em plataforma digital, em virtude da situação pandêmica da covid-19, podendo em alguns casos ser presencial, desde que sejam atendidos os protocolos de biossegurança instituídos pela UFRN através da portaria 81/2020, PROGESP, com data de 11 de agosto de 2020.

A entrevista será gravada com a sua autorização. As gravações serão realizadas na plataforma *Google Meet* e seguirão os critérios de sigilo, ou seja, seu nome ou qualquer outra identificação não serão explicitados em nenhuma das etapas da pesquisa, bem como na publicação dos resultados.

No momento da entrevista, caso o Sr.(a) apresente algum desconforto, sinta-se incomodado(a), com receio ou medo de responder às questões propostas, existe a possibilidade de interromper a entrevista no momento e haverá suporte necessário ao acolhimento por parte da pesquisadora, que tomará as medidas cabíveis a fim de reduzir quaisquer danos que possam trazer impactos negativos aos(às) participantes da pesquisa. Se o desconforto ou incômodo acontecer após a entrevista, o Sr.(a) deverá procurar a mim, pesquisadora, para que possa ser orientado(a) e/ou encaminhado(a) ao serviço adequado.

Os benefícios relacionados com a sua participação na entrevista se relacionam à produção de conhecimento científico sobre o pôr fim à vida em professores(as) universitários(as), através de publicações em revistas nacionais e internacionais, congressos e demais eventos científicos; contribuir para projetos de extensão em

instituições de ensino superior; subsidiar a política em saúde mental da UFRN e possibilitar aos gestores e profissionais de saúde uma compreensão do modo de existir dos(as) docentes universitários(as). No Brasil, existe uma lacuna de estudos sobre a temática em foco.

Em qualquer momento, o Sr.(a) poderá pedir esclarecimentos à pesquisadora responsável e/ou ao Comitê de Ética da Unicap (Universidade Católica de Pernambuco) sobre todas as etapas da pesquisa e dúvidas que surgirem.

Após o término da entrevista será encaminhada para cada participante de pesquisa a transcrição na íntegra da narrativa, para que o Sr.(a) possa autorizar a divulgação de trechos de sua fala, de modo a garantir o anonimato.

Os(as) participantes deste estudo terão acesso aos resultados da pesquisa em um encontro com a pesquisadora, no qual serão abordadas as compreensões tecidas sobre o fenômeno a partir da investigação realizada. O encontro se dará de modo individual com cada participante, a fim de se manter o anonimato.

As informações coletadas durante a pesquisa serão tratadas com rigoroso sigilo, sendo os resultados encontrados divulgados publicamente, sem exposição da identidade, garantindo o anonimato do(a) participante. A pesquisadora ainda se responsabiliza pela guarda do material da pesquisa, desde o processo e até a publicação da pesquisa.

Sendo assim, para participar deste estudo o(a) senhor(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo uma cópia arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra via deste termo fornecida ao senhor(a), onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, e poderá tirar dúvidas sobre o estudo e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento, pelo telefone (084) 999999938 ou através do e-mail [andreacarla.oliveira@gmail.com](mailto:andreacarla.oliveira@gmail.com).

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do estudo “**A experiência de professores(as) universitários(as) com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Ciente que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar do estudo. Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, sendo possível ler e esclarecer possíveis dúvidas.

**As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo da sua participação.**

#### **DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)**

Nome: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto - Doutora em Psicologia e Professora da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap.

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Bloco G4; 8ºandar. Boa Vista, Recife/PE CEP 50050-900. Telefone (081) 2119 4020.



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Unicap, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526, BOA VISTA, RECIFE/PE CEP 50050-900 BLOCO C 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050 – 900 – RECIFE/PE – BRASIL. TELEFONE (081) 2119 4041 OU 2119 4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: [cep\\_unicap@unicap.br](mailto:cep_unicap@unicap.br)

Natal, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

Participante de pesquisa

**COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP**  
**SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte**  
**CEP: 70719-000 - Brasília-DF**